



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

A Educação Visual e Educação Tecnológica como Potenciadoras da Relação Professor - Aluno

Versão Provisória

Anabela dos Santos Silva

Relatório Final de Estágio

Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de
Professora Doutora Paula Rodrigues



Politécnico
de Viseu

Escola Superior
de Educação
de Viseu

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE CIENTÍFICA

André dos Santos Silva, n.º 1778 do curso de Mestrado em
Ensino de Educação Visual e Formação no Ensino Básico,
declara sob compromisso de honra, que o Projeto Final é inédito e foi especialmente escrito para este
efeito.

Viseu, 12/11/2022

O aluno, André dos Santos Silva

Agradecimentos

A realização do presente Relatório Final de Estágio teve o empenho e a colaboração de várias pessoas que, de forma direta ou indireta, me ajudaram e contribuíram para a sua concretização.

Assim, gostaria de agradecer individualmente:

- À minha orientadora, Professora Doutora Paula Rodrigues, pela forma como orientou o meu trabalho, pela sua persistência, dedicação, partilha, apoio e motivação. O meu sincero obrigada!

- Aos Professores Doutores que supervisionaram as Práticas de Ensino Supervisionadas, Ana Melo, José Pereira, e Sofia Figueiredo que, com a realização das reuniões, reflexões, ajuda e apoio, foi-me permitido crescer, enquanto aluna e enquanto profissional, ansiosa por entrar na docência.

- Aos Professores orientadores cooperantes Joaquim Marques, Carlos Santos, Hermínio Pina e António Baptista pela constante ajuda, apoio, amabilidade, atenção e partilha de todos os seus conhecimentos, ajudando no desenvolvimento das Práticas de Ensino Supervisionadas, envolvendo todas as minhas intervenções, acompanhando a minha evolução.

- Às Professoras Doutoradas Catarina Sousa, Catarina Liane, Inês Oliveira e Mara Maravilha, pelo apoio e presença neste percurso tão importante.

- Aos alunos que pude acompanhar desde o início do estágio, há possibilidade de os poder ter conhecido e à oportunidade de terem participado neste projeto de investigação, tornando-o exequível, permitindo-me guardar memórias.

- Aos meus pais, irmão e avós por acreditarem em mim e me encorajarem sempre em seguir e lutar pelo que sonho.

- Aos meus colegas de mestrado, em especial às minhas colegas Inês Gonçalo, Sandra Costa e parceira de estágio Raquel Pinto, pelos momentos incondicionais de apoio, encorajamento, trabalho e dedicação, estando sempre presentes nos bons e maus momentos.

A todos, o meu sincero obrigada!

Resumo

O presente Relatório Final de Estágio, foi realizado no âmbito do Mestrado de Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Viseu, contemplando duas partes.

A primeira parte é constituída por uma síntese relativa à fase das Práticas de Ensino Supervisionadas I, II e III. Desta forma, são abordados contextos, análises e reflexões críticas das práticas desenvolvidas em estágio sendo que os Relatórios de Estágio referentes a cada um dos períodos de Prática Pedagógica se encontram em anexo. A segunda parte diz respeito ao projeto de investigação, que teve como tema “A Educação Visual e a Educação Tecnológica como Potenciadoras da Relação Professor-Aluno”.

No que respeita à segunda parte, a investigação procurámos contribuir para o estudo da relação professor aluno no âmbito das Educação Visual (EV) e Educação Tecnológica (ET). No enquadramento teórico procurámos estudar a problemática apoiados em alguns autores de referência como John Dewey, Carl Rogers, Elliot Eisner e Lev Vigotski. No que respeita ao estudo empírico, optámos por uma abordagem predominantemente qualitativa fazendo um trabalho de investigação junto de alunos de 5.º e 6.º anos e professores da escola de Mundão, onde houve oportunidade de realizar as Práticas de Ensino Supervisionadas II e III. As entrevistas de grupo e questionários foram os métodos escolhidos para o desenvolvimento da recolha de dados. Respondendo aos objetivos iniciais enunciados a partir da questão de partida, os resultados obtidos permitem-nos chegar a algumas conclusões, nomeadamente no que diz respeito à perceção dos alunos face à importância da relação entre Professor Aluno para o desenvolvimento da autoestima, expressividade e criatividade no contexto das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica.

Palavras-chave: Relação professor-aluno, EV e ET, Diálogo, Autoestima, Expressão

Summary

This Final Internship Report was conducted within the scope of the Master's in Teaching Visual and Technological Education in Basic Education, of the School of Education of Viseu, and includes two parts.

The first part is a synthesis of the Supervised Teaching Practices I, II and III. This way, contexts, analyses, and critical reflections of the practices developed during the internship are addressed, and the Internship Reports referring to each of the periods of Pedagogical Practice are attached. The second part concerns the research project, which had as its theme "Visual and Technological Education as Enablers of the Teacher-Student Relationship".

Regarding the second part, we tried to contribute to the study of the teacher-student relationship in the context of Visual Education (VS) and Technological Education (TE). In the theoretical framework we tried to study the problem supported by some reference authors such as John Dewey, Carl Rogers, Elliot Eisner, and Lev Vygotsky. About the empirical study, we opted for a predominantly qualitative approach by doing research work with 5th and 6th grade students and teachers at the school of Mundão, where there was an opportunity to perform the Supervised Teaching Practices II and III. Group interviews and questionnaires were the methods chosen for the development of data collection. Answering the initial objectives stated from the starting question, the results obtained allow us to reach some conclusions, particularly about the students' perception of the importance of the relationship between teacher-student for the development of self-esteem, expressiveness, and creativity in the context of the Visual Education and Technological Education subjects.

Keywords: Teacher-student relationships, EV and ET, Dialogue, Self-esteem, Expression

Índice

Introdução	7
PARTE I - Apreciação e Reflexão Crítica sobre as Práticas em Contexto.....	9
Nota Introdutória	10
1. Prática de Ensino Supervisionada I	11
1.1 Prática de Ensino Supervisionada II e III	14
PARTE II - A Educação Visual e a Educação Tecnológica como Potenciadoras da Relação Professor Aluno.....	23
Nota introdutória	24
Capítulo I - A Educação Visual e a Educação Tecnológica como potenciadoras da relação professor aluno	26
1. Alguns aspetos da evolução da educação	26
2. Relação entre professor e aluno	27
3. Contributos para a análise da relação professor aluno	30
4. Evolução da Educação Artística, e da Educação Tecnológica.....	35
5. A Educação Visual e a Educação Tecnológica no momento presente	38
6. Metodologia Projetual	40
Capítulo II - A Escola enquanto Espaço de Aprendizagem e Relação	41
Capítulo III - Enquadramento Metodológico	44
3. Problema e objetivos de estudo.....	44
3.1 Tipo de Investigação	44
3.2 Caracterização dos Participantes	44
3.3 Instrumentos de Recolha de Dados e procedimentos adotados.....	45
3.4 Análise e tratamento de dados.....	48
Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados	49
4.1 Dados relativos aos professores	49
4.2 Dados relativos aos alunos	55
5. Conclusões	60
Bibliografia	65
Anexos.....	68

Anexo 1 – Dossier Detalhado da PES I (disponível em suporte digital)	69
Anexo 2 – Dossier Detalhado da PES II (disponível em suporte digital)	70
Anexo 3 – Dossier Detalhado da PES III (disponível em suporte digital)	71
Anexo 4 – Transcrição diálogo das 3 turmas	72
Discussão dos resultados 5.ºA / 5.ºB e 6.ºA.....	116
Tabelas das transcrições correspondentes às categorias	121
Anexo 5 - Guião da Entrevista	133
Diálogo com os alunos.....	133
Anexo 6 - Questionário Professores.....	135
Anexo 7 - Autorizações.....	140

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Parte II: Questionário Professores.....	50
Tabela 2 – Perspetiva dos alunos em relação às disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica	56
Tabela 3 - Perspetivas dos alunos em relação à tipologia das salas de aula	57
Tabela 4 - 5.ºA	121
Tabela 5 – 5.ºB	126
Tabela 6 – 6.ºA	130

Índice de Figuras

Figura 1 - Sala Tradicional	Figura 2 - Sala Moderna	57
-----------------------------	-------------------------------	----

Introdução

O presente Relatório Final de Estágio, foi concretizado no âmbito de Mestrado de Ensino de Educação Visual e Educação Tecnológica no Ensino Básico. Divide-se em duas partes, a primeira ligada às Unidades Curriculares, Prática de Ensino Supervisionadas I, II e III, (PES I, II, III), e a segunda parte referente ao trabalho de investigação desenvolvido no decorrer do mestrado.

As Unidades Curriculares acima mencionadas, são uma grande alavanca, no que diz respeito à formação de um professor, dando-lhe um primeiro contacto na área da docência. De um ponto de vista pessoal, tiveram um papel extremamente importante na minha formação, dentro do mestrado, em virtude do contacto com os alunos, vivências, trabalho existente, envolvimento, preparação, proximidade, relação com as turmas e meio envolvente. As turmas que tive oportunidade de acompanhar foram turmas do Ensino Básico, 5º e 6º anos, onde lecionei Educação Visual e Educação Tecnológica (EV) e (ET). Aqui pude ter uma maior empatia e conhecer melhor especificamente cada aluno, suas características e interesses.

Na primeira parte do presente relatório apresenta-se uma síntese reflexiva da Prática Pedagógica no seu todo, com base nos relatórios detalhados, entregues no final de cada semestre de Prática Pedagógica.

São apresentadas reflexões críticas de cada Prática de Ensino Supervisionada (PES), mencionando dificuldades, questões, dúvidas, crescimento pessoal. São referidas as características de todos os contextos onde decorreram as Práticas de Ensino Supervisionadas, de modo a perceber como as mesmas poderiam ou não influenciar o percurso, a possibilidade de conhecer os alunos com os quais pude trabalhar, comunicar e aplicar parte do Projeto de Investigação.

A segunda parte deste trabalho tem presente o trabalho de investigação, desenvolvido ao longo do mestrado, com as turmas que acompanhei, 5º e 6º anos, tendo como principal objetivo perceber como a EV e ET podem ser potenciadoras da Relação Professor-Aluno. Temática que nos pareceu relevante, o que foi confirmado ao longo da PES à medida que fomos verificando que essa relação era vital para um bom desempenho, não só do aluno, mas igualmente do professor.

Tendo em conta esta temática, foram enunciados os objetivos para a investigação apresentada na segunda parte deste relatório que se divide em 4 Capítulos, nomeadamente, A Educação Visual e a Educação Tecnológica como

Potenciadoras da Relação Professor Aluno, A Escola enquanto Espaço de Aprendizagem e Relação, Enquadramento Metodológico e Apresentação e Discussão dos Resultados. Por último apresentamos algumas considerações finais na Conclusão.

PARTE I - Apreciação e Reflexão Crítica sobre as Práticas em Contexto

Nota Introdutória

A parte I, do Relatório Final de Estágio, dentro da secção Apreciação e Reflexão Crítica sobre as Práticas em Contexto, tem como finalidade apresentar todo o trabalho desenvolvido ao longo das Práticas de Ensino Supervisionadas (PES), realizadas no 2º Ciclo do Ensino Básico, acompanhando 5º e 6º anos, nas disciplinas de EV e ET, nas Escolas EB 2,3 do Viso e EB 2,3 de Mundão. Aqui foi possível refletir sobre as atividades de preparação e lecionação das aulas.

São realizadas apreciações críticas no que concerne ao desenvolvimento das três PES, ao longo de três semestres. Estas práticas foram de extrema importância para a nossa formação proporcionando-nos experiências enquanto estagiários, preparando-nos para futuros professores. Com a concretização destas práticas foi possível perceber como é realmente estar do “outro lado da sala”, perceber a realidade presente nas escolas, as adaptações necessárias a serem desenvolvidas, e a percepção das particularidades de cada aluno, como algo essencial a observar, reter e fortalecer. Com a oportunidade de observar aulas e lecionar, foi possível aprender com os alunos, aprender com os professores cooperantes e supervisores, evoluindo através de todas as críticas construtivas, conselhos e apoio.

No que concerne à primeira parte do Relatório Final de Estágio, esta foi dividida em duas fases, onde a primeira apresenta a contextualização da Prática de Ensino Supervisionada I, na Escola EB 2,3 do Viso, referente à observação de aulas, e reflexão crítica. No que respeita à segunda parte, é referida a contextualização das Práticas de Ensino Supervisionadas II, e III, na Escola EB 2,3 de Mundão, referente à lecionação de aulas, tal como as reflexões críticas.

1. Prática de Ensino Supervisionada I

A Prática de Ensino Supervisionada I (PES I), foi realizada na Escola Básica do Viso pertencente ao Agrupamento de Escolas do Viso.

O Agrupamento de Escolas do Viso localiza-se no distrito e concelho de Viseu, região centro do país, sendo o mesmo formado no ano letivo de 2003/2004. O mesmo tem a capacidade de acolher 1373 crianças e alunos, sendo a sua distribuição feita por 11 estabelecimentos pertencentes à educação e ensino. A sede do Agrupamento é justamente na Escola Básica do Viso.

Em relação à Escola Básica do Viso encontra-se situada numa zona suburbana da cidade de Viseu, aproximadamente a 4km do Município, pertencendo à área urbana da cidade. O funcionamento da escola começou no ano letivo de 1995/1996, com a presença de alunos das freguesias de Fragosela, Povolide, Santos Evos, Rio de Loba, Santa Maria e Ranhados. Alguns alunos destas freguesias apresentavam problemas socioeconómicos graves.

Relativamente às salas onde foram realizadas as observações em contexto de ação, é importante referir que não se tratou de salas específicas de EV e ET. Devido à situação pandémica, cada turma ficou associada a uma sala, tendo sido colocada numa sala dita “normal”. Com isto existiram imensas adaptações em relação aos trabalhos, em relação aos suportes, às condições e mesmo aos materiais, tendo em conta que foi impossível realizar atividades semelhantes às que eram elaboradas em contexto de sala de EV e ET. Devido a esta situação os alunos estavam sentados por filas, como o tradicional, uns atrás dos outros, individualmente por mesa, e os professores tinham pouco espaço para se movimentarem em volta deles.

Outra das consequências da pandemia foi a limitação na partilha de materiais. De modo a certificar a segurança de todos a habitual prática de aquisição de materiais em regime de cooperativa não pode ser adotada. Tratando-se de disciplinas práticas foi entendido que era impossível não haver contacto com a turma. No entanto tinham de ser tomadas as devidas precauções.

O facto de as aulas decorrerem numa sala pequena, parece-nos que pode ter afetado a organização, a aprendizagem, e de alguma forma as suas motivações, empenho. Aqui teve necessariamente de prevalecer a segurança para o bem de todos, mas como os alunos tiveram algumas aulas online, os próprios já se encontravam

cansados de toda esta realidade e sentiam falta de todo o contacto e proximidade que existia nas aulas de EV e ET.

Relativamente à caracterização da turma do 6.º ano, é constituída por 21 alunos, (9 são raparigas e 12 são rapazes) que, na sua maioria, estão junto desde a primária.

Os alunos vivem com os encarregados de educação nos arredores da escola na Freguesia do Rio de Loba e todos se deslocam através de veículo pessoal diariamente para a escola.

Quanto aos Professores Cooperantes na Escola EB 2,3 do Viso, as aulas de EV e ET decorrem com dois professores presentes, lembrando o par pedagógico, parceria que permite ajudar e chegar a todos os alunos.

Começando por agradecer, por toda a liberdade que me foi dada tal como o facto de me terem integrado na turma, ajudando sempre, reforço que esta prática em colaboração com docentes experientes, foi imprescindível pela oportunidade de visualização de ambiente de sala de aula, perceção de todo o seu funcionamento, aproximação aos alunos, de forma a conhecê-los, perceber as suas dificuldades e conseqüentemente poder fazer o registo semanal, refletindo após cada término de aula.

Ao princípio, durante as primeiras aulas, ainda em adaptação, a minha principal pergunta era o que fazer? Que postura tomar? Da mesma forma tive receio de como a minha idade está mais próxima à dos alunos, que não interagissem comigo ou que não me levassem a sério. Desse modo tentei perceber até onde poderia ir, que limites tinha de ter em conta.

Os alunos ao início mostraram-se mais distantes. No entanto ao longo do tempo a participação nas aulas, a interação, postura e diálogo evoluíram, ganhando confiança e tranquilidade.

Ao longo das aulas os professores propuseram por várias vezes, que participasse ativamente, fizesse apresentações, dialogasse em frente à turma. No início neguei algumas vezes por receio e por não me sentir preparada. Posteriormente, já estando mais ligada à turma, foi bom mostrar alguns trabalhos e comunicar com os alunos diretamente. Percebi que ficavam curiosos e interessados. Seguindo este pensamento, penso que, o que senti que fez mais falta ao longo das aulas de estágio, foi a visualização de mais referências visuais de trabalhos anteriores ou mesmo a criação de oportunidades de pesquisa de modo a enriquecer o conhecimento dos alunos.

Relativamente à relação professor aluno pude observar e analisar diversas situações ao longo das aulas. Os professores sempre se mostraram muito ligados à turma, ajudando-os e comunicando com eles. É importante que esta relação seja mantida e preservada pois, assim o aluno sentirá mais facilidade e vontade de aprender.

Com isto também pude perceber e observar que cada aluno é diferente, trabalha ao seu ritmo e tem as suas características. Por vezes quando se fala para uma turma acerca de um trabalho, pode haver alunos que necessitem de uma segunda explicação direcionada especificamente para aspetos que não tenham compreendido. Penso que conseguir chegar a cada aluno conforme necessitam poderá ser uma das maiores dificuldades futuramente, tendo em conta que já não existe o par pedagógico.

Da mesma forma que os alunos precisam de apoio individual, os métodos de trabalho elaborados para a turma nem sempre se encaixam em todos os alunos, tendo assim de haver flexibilidade de modo a proceder a ajustes. Pude observar ao longo deste estágio a adaptação de trabalhos feita pelos professores, demonstrando flexibilidade por parte dos mesmos, pensando sempre no aluno.

Na maioria das vezes as aulas começavam com breves diálogos. Nestes momentos eram comunicadas informações e/ou explicado o objetivo da aula, deixando o resto do tempo para a realização dos trabalhos acompanhados pelos professores.

Ao longo desta prática pude refletir e observar algumas estratégias de modo a captar a atenção dos alunos, conseguir motivá-los, incentivá-los, tal como alguns métodos de como conseguir que a turma se comporte adequadamente.

Com todo este envolvimento acabei por ganhar afinidade com os alunos desta primeira turma com quem tive contacto, pelo que não queria que acabasse o último dia de estágio. Penso que este é um dos momentos em que refletimos o quão bom e o quão vale a pena ser professor.

De modo a concluir esta reflexão acerca da Prática de Ensino Supervisionada I, indico que foi de extrema importância para o nosso conhecimento, como experiência, ambiente e alavanca para as práticas seguintes. Menciono também que foi muito mais do que uma prática observada devido à disponibilidade e cooperação dos Professores Cooperantes presentes.

1.1 Prática de Ensino Supervisionada II e III

Nesta secção são englobadas as Práticas de Ensino Supervisionadas II e III (PES II, PES III) que decorreram na Escola E.B. 2,3 de Mundão, pertencente ao agrupamento de Mundão.

Inicialmente, na PES II, foi possível contar com uma primeira semana para observação das turmas e disciplinas a lecionar, criando já alguma empatia, ligação e convívio com as mesmas. Relativamente à PES III, como se tratou das mesmas turmas, com o acrescento de uma nova (6ºano), foi uma chegada já conhecida tanto para nós como para os alunos.

No que concerne à lecionação das aulas, a mesma foi rotativa uma vez que me encontrava integrada num núcleo de estágio, exceto quando lecionávamos Expressão Dramática onde, ambas as estagiárias do referido núcleo de estágio trabalharam em par pedagógico.

O agrupamento é constituído por 10 estabelecimentos de diferentes graus de ensino. Sendo eles a escola básica dos 2º e 3º ciclos de Mundão, cinco escolas básicas com educação pré-escolar/1º ciclo, duas do 1º ciclo e um jardim de infância.

São apresentadas as condições adequadas em todos os estabelecimentos, relativamente à segurança, higiene, condições de conforto, salientando que a biblioteca da escola de Casa de Esporão é integrada na rede de Bibliotecas Escolares, sendo este um aspeto muito positivo para todo o agrupamento.

O agrupamento foi constituído no intuito de dinamizar ambos os ensinos pré-escolar e básico, de forma a poder proporcionar melhores aprendizagens, adequar recursos, sempre com a melhor qualidade, respeitando cada ciclo. É igualmente pretendido dar oportunidade aos alunos de prosseguirem o seu percurso entre ciclos dentro do Agrupamento.

A sede do agrupamento é a escola básica E.B. 2,3 de Mundão, existindo já desde 1995. Esta escola tem uma capacidade máxima para 18 turmas. A partir dos anos 2009/2010, a escola optou e integrou o programa dos Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP).

Tendo em conta que, no geral, este agrupamento é constituído por alunos de estrato socioeconómico médio e médio baixo, havendo poucos acessos e oportunidades a várias áreas, nomeadamente, ao desporto e à cultura, o agrupamento, desenvolve e ajuda os alunos nessas competências criando oportunidades nessas áreas.

A prática de Ensino Supervisionada II e III, lecionação das disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica decorreu em salas específicas, o que foi um aspeto muito positivo. Contudo, a situação pandémica veio a alterar a disposição das salas, obrigando a recolocar as mesas, mantendo os alunos com uma distância segura e criando corredores de possível movimento.

A sala tem 20 mesas para os alunos, quatro bancadas, um quadro giz, uma tela branca alternativa para projeção, tal como um projetor, uma pia para limpeza de materiais e afins, armários para colocação de material e capas dos alunos. A mesma é repleta de luz natural que atravessa pelas enormes janelas. É de grandes dimensões possibilitando a realização de trabalhos mais ambiciosos, tal como um maior movimento.

Relativamente ao material, na própria sala existe uma arrecadação com material diversificado e de qualidade quer para Educação Visual quer para Educação Tecnológica, como lápis de cor, pastel de óleo e seco, vários tipos de folhas, papel de cenário, colas, tesouras, cartolinas, diversos tipos de tintas, lápis de grafite, réguas, compassos, materiais de corte e medida, prensa, guilhotina, etc. Um dos armários presentes em sala de aula é somente dedicado a materiais alusivos a trabalhos dedicados à madeira. Outro tinha desde gesso, jornais e um grande stock de materiais a que se podia recorrer. Para além disto a sala tinha trabalhos de antigos alunos, tais como telas ou esculturas. Todos estes exemplos contribuíram para alargar os nossos horizontes relativamente aos projetos e atividades realizados com os alunos. Esta escola proporciona boas condições para alunos e professores trabalharem, ajudando em todo o processo ao longo deste estágio facultando os materiais necessários de modo a conseguirmos concretizar com os alunos as atividades planeadas.

No que respeita às turmas uma delas, o 5.º A tinha no total 18 alunos (6 do sexo masculino e 12 do sexo feminino) tendo como média de idades os 10 anos. Relativamente a retenções, existe uma e 9 dos alunos têm Ação Social Escolar (ASE). Nesta turma existem 5 alunos que não se encontram inscritos nas disciplinas de Educação Moral Religiosa Católica. De igual modo existe 1 aluno que não se encontra inscrito na disciplina de Educação Dramática. Dois alunos usufruem do escalão B. A maioria dos alunos têm expectativas em auferir de um curso superior.

Relativamente à caracterização socioprofissional dos Encarregados de Educação, a maioria trabalha no setor terciário, seis no setor secundário e 2 no setor primário.

Com os dados obtidos pode-se ver que em princípio o contexto sociocultural é favorável, proporcionando aprendizagens, encarregados de educação atentos e preocupados com a evolução e situação escolar dos educandos.

O plano de ação da turma destaca áreas de competência a priorizar como o Saber Científico e Tecnológico, Linguagens e Textos, Informação e Comunicação, Raciocínio e Resolução de Problemas, Pensamento Crítico e Pensamento Criativo, Relacionamento Interpessoal, Desenvolvimento e Autonomia Pessoal. Existem mecanismos de forma a conferir a evolução de todos estes parâmetros, tais como avaliação formativa, observação do trabalho diário dos alunos, observação do trabalho de grupo e grelhas de registos sistemáticos.

A segunda turma, o 5º B, tem no total 18 alunos, (11 do sexo masculino e 7 do sexo feminino), tendo como média de idades os 10 anos. Relativamente a retenções, tem presente uma aluna, dois alunos que iniciaram o 1º ciclo um ano mais tarde e quatro alunos que frequentam o Agrupamento de Mundão, pela primeira vez.

Nesta turma estão presentes alguns alunos que beneficiam de medidas universais de apoio à aprendizagem, dois alunos com Relatório Técnico-Pedagógico (RTP), incluindo medidas seletivas, dois alunos que usufruem da aplicação do artigo 28º do Decreto-Lei nº54; adaptação ao nível da avaliação: alíneas e) tempo suplementar, g) leitura de enunciados e h) sala separada. Cinco alunos desta turma têm acompanhamento psicológico.

No que diz respeito ao contexto sociofamiliar, tem-se a informação que a constituição do agregado familiar é pequena, inferindo um estrato socioeconómico médio alto. Relativamente aos restantes, infere-se que se encontram num estrato inferior. As habilitações dos pais desta turma, vão desde o 4º ano de escolaridade, até à licenciatura.

Finalmente a turma do 6.º A, tinha no total 22 alunos, (10 do sexo masculino e 12 do sexo feminino) tendo como média de idades os 11 anos. Nesta turma existem 2 alunos com retenções e 8 alunos com ASE.

Relativamente ao contexto sociocultural desta turma, é referido que na sua maioria provém de um meio socioeconómico médio/alto, havendo profissões dos encarregados de educação diferenciadas. A sua maioria concluiu o ensino secundário, e os restantes têm habilitações literárias de nível superior.

Relativamente às expectativas dos alunos, são altas, ambicionando, ingressar no ensino universitário, comunicando uma autoestima média/alta.

Realizando uma reflexão geral à Prática de Ensino Supervisionada II, e na continuidade das PES até ao final, no que concerne à minha postura esta foi sofrendo alterações, desde o início até ao fim da lecionação. Ao princípio sentia muita insegurança por estar em frente de uma turma, receio e dificuldade em levantar a voz,

não sabendo bem o momento certo para o fazer, ou se seria indicado. No entanto, com o passar do tempo penso ter conseguido ultrapassar dificuldades, lecionar com gosto e confiança, dar o melhor de mim e receber o melhor dos alunos.

A realização desta fase do estágio, foi uma grande alavanca para o começo de lecionação de aulas, para a percepção e compreensão de como é estar no outro lado (professor) e preparação para futura profissão.

Nesta reflexão tentarei apresentar alguns aspetos positivos, e aspetos a melhorar. Primeiramente foi possível experienciar, a lecionação de uma disciplina diferente, intitulada Educação Dramática (EDRA). Esta disciplina foi desafiante, extremamente exploratória e abrangente, no entanto, ao longo do tempo pude perceber que não estava assim tão desenquadrada do nosso contexto (EV e ET), possibilitando espaço para adaptações.

As aulas de Expressão Dramática foram extremamente enriquecedoras nesta fase de formação onde, pude ver outros contextos, linguagens, aspetos relacionados com os alunos, tais como suas características relativamente à própria disciplina. Notei uma relação diferente com os alunos nas próprias aulas de EDRA, sentindo-os mais libertos e espontâneos com o passar do tempo.

Tendo em conta que se tratava de uma disciplina com menos tempo que o comum, tivemos alguns constrangimentos, uns mais controláveis que outros, pois sentíamos que precisávamos de mais horas de trabalho. Tentámos adaptar ao longo das aulas as unidades de trabalho e atividades de modo que os alunos aproveitassem o mais possível da aula e da sua essência. Ainda assim, nem sempre foi possível, deixando atividades por realizar, ou a meio. Assumo também que em parte, em alguns planos de aula exigíamos demasiado para a duração prevista.

Foi também possível um avançar no desenvolvimento na prática para esta futura profissão. Pudemos enriquecer os nossos conhecimentos e ter melhor compreensão relativamente à interdisciplinaridade, onde pedíamos constante colaboração e participação dos alunos para que os próprios ajudassem na elaboração e concretização das aulas. Algo também a apontar foi a experiência relativamente à partilha da aula com a minha dupla de estágio de forma a haver uma maior orientação, coordenação e decisões para que tudo funcionasse nos conformes.

Este período de estágio, PES II permitiu testar o ritmo das aulas, experimentar formas diferentes de as lecionar e mudar o espaço padrão das mesmas. Desde o princípio que nos foi dada liberdade de poder arriscar, decidir o que fazer com os alunos, com o apoio e dedicação dos professores responsáveis.

O facto de estar integrada num núcleo de estágio, com dois elementos, foi uma mais-valia. Houve a possibilidade de refletir sobre as nossas próprias aulas e do mesmo modo sobre as aulas do outro elemento do núcleo de estágio de forma a conseguir identificar erros, posturas e aspetos mais ou menos positivos de quem lecionava. Assim foi possibilitado um diálogo constante acerca do que tinha ocorrido, do que poderia ser melhorado e de igual forma, salientado o que corra bem. Foi possível olhar a pormenores essenciais, abordar e relembrar o fundamental do professor reflexivo ao longo da própria prática. Foi igualmente feita a aproximação na relação com os próprios alunos, gradualmente desde o início, pois ao princípio notámos que ainda não nos viam como professoras, necessitando recorrer aos professores presentes em aula.

No que concerne às reuniões que foram realizadas quinzenalmente, ajudaram na reflexão das aulas lecionadas e respetivas planificações, obtendo várias perspetivas, de modo a perceber o que correu bem e o que poderia ter corrido melhor.

Relativamente às turmas do 5º ano, foi importante haver um acompanhamento, talvez mais próximo na minha perspetiva, com os alunos, visto ser o primeiro ano deles na Escola E.B 2,3 de Mundão. Esse aspeto foi tido em conta e foi enriquecedor. Neste espaço de tempo, acompanhar o desenvolvimento da turma na realização de projetos, na forma de como estavam em sala de aula, nas suas diferenças enquanto turma, relações entre si e a integração de todos. Achamos importante desde o início a relação entre professor-aluno, dando valor a um ambiente positivo em sala de aula, mas nunca esquecendo o respeito pelo aluno e igualmente pelo professor.

No que respeita às três turmas (as duas anteriormente referidas e a turma do sexto ano), posso dizer que tivemos muita sorte, pois foram alunos participativos, comunicativos, interessados e empenhados. Percebendo este facto tentámos ser um pouco mais ambiciosas relativamente ao que lhes pedíamos. Neste contexto tivemos a possibilidade de trabalhar com os alunos na altura do Natal, onde os mesmos desenvolveram a decoração para a escola. No final a escola ficou mais acolhedora, mais alegre e os alunos puderam ver a sua participação exposta para toda a comunidade escolar. Foi algo de extrema importância para os alunos, pois, observarem trabalho realizado por eles exposto para toda a escola foi muito bom, enriquecendo a nossa experiência de estágio, tal como todo o trabalho e conhecimento desenvolvido pelos alunos. Foi ainda realizado outro projeto para ficar na escola dos alunos.

No que respeita ao acompanhamento individual tentei acompanhar os alunos de forma a chegar a todos o que nem sempre é conseguido como pude constatar.

O trabalho desenvolvido relativamente às planificações e aulas, foi através da metodologia projetual, onde tentámos que a partir do projeto, em todas as fases de trabalho, os alunos adquirissem conhecimento. Aqui admito que as planificações poderiam estar melhores. Em aula, em algumas situações poderiam ser abordadas de forma diferente com os alunos e tentar igualmente sair da nossa zona de conforto. Ao longo do estágio cometemos erros que não devem voltar a repetir-se pois põem em causa a aprendizagem do aluno, a posição do professor cooperante e a credibilidade que temos perante a turma.

Ao longo das aulas, sempre que era necessário, eram criados recursos didáticos diversificados, que nos ajudaram a chegar aos alunos, que assim perceberam mais facilmente o que estava a ser tratado. Com as reuniões de reflexão conseguimos perceber o que correu melhor, quais os recursos que foram bem-adaptados e quais que necessitavam de mais trabalho. É importante salientar que esses recursos foram um aspeto positivo dentro de sala de aula, pois os alunos puderam entrar em contacto direto com eles, puderam ver, nalguns casos tocar, obtendo uma experiência diferente e enriquecedora. Por outro lado, no decorrer das aulas, foram realizadas aulas demasiado expositivas, a evitar futuramente.

É de apontar igualmente que nem todos os recursos didáticos se adaptam a todas as turmas de igual forma. Ou seja, turmas diferentes, por vezes precisam de recursos didáticos diferentes, apesar de se tratar do mesmo ano. Isto acontece porque todas as turmas têm as suas características, suas individualidades.

Os professores que nos acompanharam ao longo das aulas, sempre colaboraram e ajudaram em tudo o que precisávamos, partilhando informações, corrigindo, motivando e ajudando de modo a ultrapassarmos dificuldades.

No início da PES III, confesso que já me encontrava mais à vontade na lecionação, por me encontrar na mesma escola, com duas turmas já conhecidas com as quais já tinha alguma ligação, tendo, nova, uma terceira turma, um 6º ano. A adaptação à mesma, não foi tão difícil como na PES passada, talvez pelo à vontade e pelo número de aulas, já lecionadas anteriormente, sendo uma receção mais tranquila, não deixando de existir aquele nervosinho inicial, tratando-se de alunos que ainda não conhecia, nem sabia como iriam reagir.

A realização desta fase de estágio foi de extrema importância para um maior envolvimento na sala de aula, em contexto escolar, no convívio com os alunos, na lecionação, na compreensão de como é estar em frente de várias turmas, todas elas diferentes, tentando sempre gerar uma relação de bem-estar, de bom ambiente, de

gosto pela disciplina, respeitando a expressividade e diferença entre os alunos. Penso que este período foi uma grande alavanca, no que diz respeito à aprendizagem, a saber estar a conseguir resolver problemas, a tentar corresponder ao que os alunos necessitavam, e acima de tudo a que realizassem os projetos propostos e se sentissem bem.

Nas duas primeiras aulas, voltamos a ter uma fase de observação. No entanto, tendo em conta que já conhecíamos duas das turmas, na semana seguinte, passámos à lecionação sem problemas, pois os alunos já tinham confiança em nós, iniciando de forma positiva esta fase de estágio. Relativamente à nova turma, como é normal, houve período de adaptação, mas ainda assim, receberam-nos bastante bem.

Mudamos de EV para ET e inicialmente não me apercebi, o quanto a lecionação destas duas disciplinas poderia ser diferente. Relativamente às primeiras fases da metodologia projetual, as semelhanças são muito próximas, mas quando é chegada a fase da realização, notei que em ET, é necessária uma maior atenção, um maior ritmo pela parte do docente, maior apoio aos alunos, em trabalhos, com vista à realização de projetos tridimensionais com o uso de materiais diversificados, circunstâncias em que os alunos necessitam quase constantemente de apoio, ou de esclarecer dúvidas. No que diz respeito a este assunto, admito que pode ter sido onde mais senti dificuldade, relativamente à gestão da turma, à orientação da mesma, à necessidade de decisões rápidas e corretas, tal como à distribuição dos alunos a nível de trabalho e organização. Mas também sei que todo este processo me permitiu perceber o que fazia bem e menos bem, de forma a tentar corrigir.

Relativamente a estas três turmas, pude deparar-me com características muito específicas, pelo que foram necessárias algumas adaptações consoante os trabalhos que iam sendo desenvolvidos, relativamente ao acompanhamento diferenciado de cada aluno, sempre que tal fosse necessário, fazendo com que os mesmos se sentissem ouvidos, mantendo a motivação e interesse. Notou-se uma diferença grande entre o desenvolvimento de trabalho dos dois 5.º anos, com o 6º ano, tal como relativamente à convivência e relacionamento. Aqui percebi que a forma como falávamos com os 5.º anos, não podia ser igual ao 6.º ano, alunos com outra forma de estar, de responder e de se envolverem nas propostas de trabalho pelo que, foi necessária uma adaptação em termos de comunicação.

Relativamente às aulas que foram lecionadas ao longo desta fase de estágio, existiram aspetos bons, nomeadamente o núcleo de estágio tentamos apresentar trabalhos e recursos didáticos diferentes aos alunos, de modo a ficarem interessados.

Tentámos ser ambiciosas, preparar atividades e trabalhar com os alunos, desafiando-os e desafiando-nos uma vez mais. No que respeita aos aspetos menos bons, deveríamos ter reforçado o rigor no modo como elaborámos as nossas apresentações, de modo a não surgirem problemas respeitantes, por exemplos, à visualização da imagem, ou ao vídeo, ou noutras situações, ao tamanho de letra e sua leitura.

Ainda no que respeita à preparação de aulas e lecionação é importante referir que para aplicação do Projeto de Investigação houve necessidade de gerir cuidadosamente o tempo e efetuar algumas adaptações face ao plano anual de atividades.

Algo que valorizo especialmente, a relação professor aluno, foco principal do Projeto de Investigação, foi um dos aspetos que procurei desenvolver na prática, o que a meu ver não foi complicado, tratando-se de alunos carinhosos e extremamente simpáticos. Penso que a aproximação ajudou no ambiente de sala de aula, ajudou na minha prestação e no trabalho dos alunos, motivou-os, tendo sempre em conta o respeito.

Na gestão de tempo e ritmo de aula progredi, conseguindo um maior controlo do tempo face às atividades planificadas, muito embora, um aspeto que tenho de melhorar futuramente, será a fase de arrumação e limpeza no final de cada aula.

No que concerne a aspetos menos positivos, em termos individuais, percebi que não me sinto tão confortável a lecionar certos aspetos dentro da Educação Tecnológica, notando-se o meu nervosismo em plena sala de aula. Apesar do estudo à priori, existe sempre o empasse de saber se, se está a chegar aos alunos, se estou a comunicar de forma correta, se não estou a mencionar nenhuma informação errada. Relativamente às planificações, terão de ser realizadas com um maior cuidado, de forma a ser exequível o que for planeado. Sabendo que não é justificação, refiro, no entanto, que esta fase foi extremamente cansativa, muitas vezes, enquanto núcleo de estágio, tivemos dificuldade de perceber o que precisávamos de melhorar.

Através das reflexões críticas realizadas, no desenvolvimento das Práticas de Ensino Supervisionadas, ao longo do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, tive a possibilidade de analisar toda a comunicação estabelecida com os professores, cooperantes e supervisores, de modo a conseguir perceber que caminhos tomar, opções na abordagem dos trabalhos, no desenvolvimento e construção das aulas, tal como na evolução da minha postura em sala de aula, na atenção necessária a ter no aluno, nas suas características, nas suas necessidades.

O facto de poder ter estado em duas escolas diferentes, permitiu-me conviver com duas realidades distintas, no que concerne aos alunos, ao contexto escolar, às

atividades envolvidas, às minhas próprias formas de estar. Evidentemente que na PES I, devido a ser focada na observação, a minha comunicação com os alunos não foi tão grande, no entanto, tive sempre a oportunidade e apoio, de em todas as aulas, ajudá-los, percorrer o espaço da sala e começar a partir dali, a conhecer o ambiente de aula, enquanto futura professora. Esta fase foi muito importante, para a minha adaptação, percepção das minhas dificuldades e o começo da minha aproximação com os alunos. Nas PES seguintes, como já tivemos de guiar as turmas por completo, foi conseguida uma ligação diferente, mais próxima, tendo convivido com as mesmas duas turmas durante dois semestres, podendo conhecê-los mais, permitindo-me mais oportunidades de trabalhar com eles, de os entender, e de a minha própria relação com os alunos vir a crescer, interligando com o projeto de investigação, no qual puderam fazer parte. Fez-me todo o sentido pedir a estas três turmas que me ajudassem a completar o trabalho de investigação que se segue, sentindo que cheguei perto dos alunos, lembrando sempre os bons momentos e apoios que tive e tenho enquanto aluna.

**PARTE II - A Educação Visual e a Educação
Tecnológica como Potenciadoras da Relação
Professor Aluno**

Nota introdutória

O presente trabalho de investigação desenvolveu-se no âmbito da Unidade Curricular de Prática de Ensino Supervisionada do mestrado de Ensino em Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, na Escola Superior de Educação de Viseu. Pretende-se com este estudo, perceber como é que as disciplinas de (EV) e (ET) podem ser potenciadoras na relação entre professor e aluno. Neste sentido foram enunciados os seguintes objetivos:

- Perceber como a metodologia projetual (metodologia adotada em EV e ET) e o espaço (sala de aula) podem influenciar a relação professor-aluno?
- Entender o que os professores e alunos identificam como fatores essenciais para um bom relacionamento entre ambos.
- Perceber de que forma as disciplinas de EV e ET são importantes no progresso da autoestima, da criatividade, da expressão e da confiança do aluno.
- Perceber qual é a perceção dos alunos sobre a importância das disciplinas de EV e ET, para o seu desenvolvimento.

As disciplinas acima referidas permitem que os alunos desenvolvam inúmeras capacidades em diversos aspetos, desde modos de expressar, criar, gerir os seus sentimentos, emoções, resolver problemas, etc. Trata-se de disciplinas práticas que possibilitam aos alunos ser criativos, inovadores, concedendo-lhes o uso de imensos materiais e suportes de modo a obterem resultados únicos. Do mesmo modo tendo em conta que as aulas de EV e ET decorrem num ambiente de sala de aula diferente das outras disciplinas, os alunos conseguem comunicar com o professor mais livremente, conseguem estar na sala de aula mais descontraídos, criando uma relação mais profunda e consistente.

Esta relação entre professor e aluno, tem sofrido alterações ao longo dos anos, começando com o modelo de superioridade onde o professor era o centro de tudo, não havendo possibilidade a qualquer tipo de comunicação, expressão ou liberdade, passando para o modelo menos formal, educação moderna. Um professor reflexivo, ouvinte, atento, comunicador, que partilha o que sabe e está livre para receber conhecimento de seus alunos. Sendo essa a atitude desejável para o ensino, para a aprendizagem, para todo o processo educativo (Corsini, 2017; Carvalho & Schram, 2007).

Tendo em conta o que atrás se disse, o presente trabalho desenvolveu-se ao longo de quatro capítulos.

O primeiro capítulo aborda a relação professor aluno, um dos principais tópicos deste trabalho. Considerando a relação professor aluno e as dinâmicas do ensino aprendizagem, são referidos diferentes autores com perspetivas que se cruzam e outras que se diferenciam. É mencionada a própria evolução da educação artística referindo por fim o ensino da EV e ET atualmente.

O segundo capítulo, A Escola como Espaço de Aprendizagem e Relação, aborda o espaço físico existente nas escolas, em específico nas salas de aula de EV e ET.

O terceiro capítulo refere o Enquadramento Metodológico. Trata-se de uma Investigação Qualitativa, tendo o trabalho de campo sido realizado no segundo semestre do segundo ano de mestrado. Foram utilizados instrumentos de recolha de dados, previamente aprovados, aplicados em ambiente de aula, a alunos e professores, para tentarmos verificar se a EV e ET são potenciadoras da relação professor aluno. A metodologia de análise de dados adotada foi a análise de conteúdo.

No quarto capítulo, são apresentados os dados recolhidos e discutidos os resultados.

Finalmente, são apresentadas as conclusões que apontam para a real importância das disciplinas de EV e ET na relação professor aluno.

Capítulo I - A Educação Visual e a Educação Tecnológica como potenciadoras da relação professor aluno

1. Alguns aspetos da evolução da educação

Neste tópico serão referidos alguns momentos considerados chave em relação à evolução da educação, procurando mostrar a sua evolução a partir de uma perspetiva mais fechada, em que o professor se apresenta mais distante, para uma perspetiva em que se encontra mais próximo ao aluno. Posteriormente abordar-se-á a relação professor aluno.

É de extrema necessidade, acompanhar a história, a evolução e aprender com a mesma. Mudar atitudes e valores que hoje nos parecem incorretas, extremistas e prejudiciais para a vida de um aluno (Duarte, 2017).

De forma breve procuramos, de seguida, referir a evolução do ensino desde o séc. XIX aos nossos dias destacando apenas, alguns momentos chave. No séc. XIX a escola era frequentada por uma minoria de população existente. Ainda assim com uma grande diferença comparativa ao séc. XVIII, visto que passariam a ser lecionadas aulas com vários elementos, enquanto, no séc. XVIII eram apenas de forma individual (Gonçalves, s.d). Dentro dessa minoria o lado feminino apenas completava o ensino primário para, seguidamente ingressarem no mundo do trabalho relacionado com a agricultura, atividade doméstica ou, por exemplo, trabalho em fábricas (Duarte, 2017; Pereira, 2006).

Nas escolas não existiam condições adaptadas ao estudo. Os materiais não eram facultados a todos pelo que, havia necessidade de as famílias terem grandes posses para conseguir suportar custos (Duarte, 2017). Para além disso eram raros os livros no séc. XIX, enquanto apoio, guias e reforço de estudo. Em vez disso era usado um pequeno quadro “lousa”, onde escreviam individualmente a matéria com giz e, logo que estivesse preenchido apagavam, ficando sem qualquer registo do que aprenderam ou assentaram.

Deste breve panorama referente ao ensino no século XIX, passamos ao século XX, nomeadamente ao maio de 1968, Paris. Um movimento político feito por estudantes exigindo o fim às posturas conservadoras impostas na época. Esta ocorrência criou um grande impacto pelo mundo fora, fazendo com que o professor descesse do seu pedestal (Lima, 1996). O papel do professor foi sofrendo alterações de forma a atualizar-

se, envolver-se, integrar-se em seus novos afazeres, novas competências, a ser um orientador, formador, animador (Debesse, 1979, cit. Lima, 1996).

Com esta grande mudança surge a expressão do professor polivalente que, não se preocupa apenas em exercer a sua profissão, em transmitir e ser transmissor de conhecimento, mas é alguém que está presente para com a turma, para consigo mesmo, sua profissão, escola e comunidade envolvente (Fernandes, 1988, cit. Lima, 1996).

Assim o professor passa a adquirir novas qualidades, competências, ferramentas, funções na sua profissão que acabam por gerar mais responsabilidades e possibilidades para si, para as famílias, para o seu trabalho, escola e alunos.

Na situação específica de Portugal, entre os anos de 1974 e 1986, o ensino é novamente transformado onde, culminaram na Lei de Bases do Sistema Educativo. Aqui um dos principais objetivos era o direito à educação, ao progresso de toda a sociedade, ao seu desenvolvimento, para que mais população fosse capaz de frequentar a escola mesmo sem grandes capacidades económicas. A Lei de Bases do Sistema Educativo é aprovada em 1986, defendendo exatamente a igualdade de oportunidades, o direito à educação, ao ensino, às escolhas de diversas áreas, competências a serem desenvolvidas, promovendo seus futuros (Decreto-Lei no 46/86 de 14 de outubro da Assembleia da República, Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986).

“O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.” (Decreto-Lei no 46/86 de 14 de outubro da Assembleia da República, Lei de Bases do Sistema Educativo, 1986, para.23).

O significado de escola, mudou, abrange toda ou quase toda população, tornou-se mais chegada aos alunos, mais sensível, mais correta, podendo dizer que estavam criadas as bases para futura evolução (Seixas & Gonçalves, 2005).

2. Relação entre professor e aluno

Ao longo do século XIX a imagem de um professor era vista como rígida, austera, como o único modelo a seguir, sem nunca ser posto em causa. O professor mostrava-se frio na sua comunicação, na sua maneira de estar, na relação e ligação com os

alunos, como também em ambiente de sala de aula (Corsini, 2017). Era o único conhecedor e “transmissor” de conhecimento, os alunos tinham sempre de o ouvir, aceitar e concordar. A sua profissão resumia-se a transmitir a informação socialmente aceite (Corsini, 2017).

A posição do aluno não era mais nem menos que uma posição submissa. Uma posição medrosa, de receio perante a autoridade do professor. Acima de tudo obedientes, obrigados a absorver toda a informação, ouvir e assentir, sem direito a opinião própria. Uma comparação possível a ser feita ao aluno é relacioná-lo a uma esponja que absorve, acumula todo e qualquer conhecimento que o professor exigia. Se isso não acontecesse poderia haver punições físicas (Corsini, 2017).

De um modo geral era proibida a participação, o diálogo entre turma e para com o professor. Não existia aprendizagem mútua. Assim era vista a relação entre ambos, sem qualquer tipo de confiança, segurança ou apoio. Também os encarregados de educação acreditavam plenamente no professor, dando-lhe total controlo sobre seus educandos (Corsini, 2017; Carvalho & Schram, 2007).

Contudo ao longo do séc. XIX esse pensamento da imagem do professor e da escola, aos poucos foi sofrendo algumas alterações. A industrialização, contribuirá para que a educação fosse menos expositiva, progressivamente estaria a acontecer uma transição para um novo século também em relação ao ensino, em relação à pedagogia (Seixas & Gonçalves, 2005).

Ainda no século XIX, surgiu o movimento da Escola Nova que ganhou forças no início do séc. XX. A mesma, defendida por John Dewey que, considerava a Educação uma necessidade social, um avanço social para que a comunidade pudesse evoluir. Este movimento considerou-se uma renovação relativamente ao ensino, destacando o seu papel na construção e evolução da sociedade (Hamze, s.d.).

Efetivamente, também em Portugal, no início do séc. XX, algumas mudanças se foram verificando. O Decreto de 29 de março de 1911, refere no art.º 5, que o ensino, até então separado, deveria passar a ser misto, mas apenas para as crianças dos 4 aos 7 anos. Segundo o art.º 12, do mesmo decreto seria essencial que o ensino fosse prático, intuitivo e motivador (Frade, 2011). Esta orientação para um maior peso da prática verificou-se progressivamente, acentuando-se as mudanças pelo meio do séc. XX muito embora ainda hoje seja importante continuar a reforçar a dimensão prática.

Hoje a escola passou a ser um assunto de interesse e um direito de todos. Atualmente um professor precisa ser mediador, orientador, reflexivo, inovador, motivador de forma a ajudar o aluno, estimulá-lo a construir a seu conhecimento

autonomamente incentivando a sua participação, ouvindo suas ideias. A relação entre professor e aluno precisa de ser promotora de aprendizagens, saudável, precisa de afeto, respeito e principalmente diálogo (Corsini, 2017; Carvalho & Schram, 2007). Se existir esta liberdade, esta compreensão de ambos os lados, serão abertas novas oportunidades, com respeito, dignidade e educação de forma que a comunicação e relação nunca falhe, pois, segundo Paulo Freire, a relação entre professor e aluno deve ser estabelecida essencialmente com a ajuda de diálogo (Carvalho & Schram, 2007).

O professor para além de ser professor, acima de tudo é uma pessoa, um ser humano, como todos os outros. Não é possível separar estas duas vertentes, ambas se complementam e desta forma ensina aquilo que é, aquilo em que acredita, que lhe faz sentido, que ajudará o aluno. Desde início tem de estar presente a compreensão dos seus alunos, seus contextos familiares, do seu quotidiano que faz com que se criem ligações entre o professor e o aluno. Esta relação é essencial para as aprendizagens e bom funcionamento em sala de aula, mas exige do professor um autoconhecimento de si de modo que, exista uma boa interação com o próximo, não se limitando apenas à matriz técnica e científica (Nóvoa, 2005).

É necessário o professor perceber que cada aluno é único/diferente. Paulo Freire diz, “não sou se você não é, não sou, sobretudo, se proíbo você de ser” (2006, p.100, citado por Carvalho & Schram, 2007, p.6). Esta frase alerta para a situação já referida anteriormente, da opressão, da proibição e afastamento que existia entre professor-aluno, na falta de diálogo, partilha de experiências, conhecimentos, ideias (Carvalho & Schram, 2007). As vivências que os alunos têm, ao longo da vida devem ser discutidas, em plena sala de aula, partilhando e sentindo-se envolvidos de modo a prepararem-se para o futuro (Freire, 2002). Apesar deste reconhecimento, da importância do plano da relação e de um conhecimento mais próximo entre alunos e professores, existe a ideia generalizada de que todos os assuntos não relacionados a conteúdos, não devem ser aceites na escola (Freire, 2002). Mas, ao acontecer no mundo exterior, automaticamente será transportado para dentro da sala de aula, por isso, é tão importante saber ser, saber estar em comunidade, transformar a forma de pensar, refletir, compreender o que nos rodeia (Carvalho & Schram, 2007).

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas ambições. Um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transmitir conhecimento (Freire, 2002, p.19).

Este tipo de empatia aqui abordada é referente a situações tais como quando o professor escuta o aluno, quando o motiva, fala com ele, faz um esforço para o conhecer

melhor, percebendo-o e apoiando-o sempre que precisar. Este tipo de comportamentos irá influenciar as aprendizagens, o modo como veem a educação, o interesse pela disciplina, o seu conforto na sala de aula, o à-vontade para falar com o professor, e quem sabe, o seu futuro... (Silva N. A., 2013).

“Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado” (Antunes, 2007, p.12 cit. por Silva, 2013, para.70).

Em suma a relação entre o professor e aluno, deve ser marcada como uma relação de empatia, deve sempre ter em conta o contexto de vida do aluno. Esse conhecimento é fundamental para que o professor, possa envolver-se e a partir de todas essas informações, conseguir comunicar, perceber e perceber certos acontecimentos, contextos, atos, situações de dificuldade para agir da melhor maneira possível (Carvalho & Schram, 2007). Com a partilha cria-se uma aproximação através do diálogo sobre as vivências de cada um e suas experiências (Silva N. A., 2013). É necessário um envolvimento positivo, uma ligação forte e próxima entre ambos de modo que o aluno consiga um progresso contínuo e evolutivo na sua educação, sentindo-se acompanhado e apoiado.

3. Contributos para a análise da relação professor aluno

Neste tópico serão abordadas diferentes visões de autores distintos, referentes ao tema de ensino, aprendizagens, escola e professor, posteriormente relacionadas ao atual ensino de EV e ET.

Os autores cujas ideias vamos destacar são John Dewey, (1859 – 1952), Carl Rogers (1902 - 1987), Liev Vygotsky (1896 - 1934) e Elliot Eisner (1933 - 2014).

Neste contexto destacamos as ideias de John Dewey, pioneiro e teórico que defendeu a aprendizagem pela experiência na educação e desenvolvimento das crianças, tal como a democracia e liberdade. Este autor impulsionado pelo avanço da psicologia ligada à aprendizagem defendeu a participação ativa e a educação progressista, em que os alunos estejam em condições de igualdade no ensino e na aprendizagem. No seu entender não deveria existir uma separação extrema entre

professor e aluno, mas sim uma relação mais próxima, no âmbito de uma educação envolvida com o cotidiano, fazendo parte da vida dos alunos, da sociedade, estabelecendo relações e ligações, executando o que aprendiam diariamente (Dewey, 1979).

Posteriormente abordamos Carl Rogers com pensamentos muito semelhantes, indo de encontro ao que John Dewey defendia. Ambos, apesar de épocas diferentes, defendiam a importância do envolvimento existente entre professor e aluno para a aprendizagem. Carl Rogers, na medida em que questiona, igualmente o ensino tradicional, caminha contra a atitude de superioridade demonstrada pelos professores sobre os alunos, tal como contra a falta de afeto (Dewey, 1979; Pereira, 2006; Pires, 2002).

Ambos procuraram que os alunos estejam em condições de igualdade no ensino e na aprendizagem. Aqui não existia separação extrema de professor e aluno, mas sim, uma relação mais próxima entre ambos. Carl Rogers tinha como principal objetivo uma educação mais libertadora, sem imposição de tantos limites ou julgamentos. Assim criando indivíduos pertencentes a uma sociedade mais digna, mais igualitária, mais justa, com os mesmos benefícios, direitos e deveres. John Dewey e Carl Rogers defendem, uma renovação da educação de forma a relacioná-la com o cotidiano, valorizando a aprendizagem através das experiências, de modo a fazer parte das vidas dos alunos. Só assim se considerava a educação genuína. Dewey e Rogers, com a aplicação das vivências e experiências distanciam-se da educação sustentada apenas na teoria (Dewey, 1979; Pires, 2002).

John Dewey refere dois tipos de experiência, sendo eles a que é posta em prática e a que é observada. A que está relacionada com a prática, está ligada à tentativa erro. A que se refere à observação está relacionada à compreensão, interpretação acerca de uma ação, um momento, uma situação em que o indivíduo esteja envolvido e com a qual possa aprender (Pires, 2002). Carl Rogers distingue dois tipos de aprendizagem, nomeadamente, a sem significado, caracterizada como opressiva, podendo ser encontrada na educação formal, e a aprendizagem significativa, através da experiência. Carl Rogers entende,

Por aprendizagem significativa entendo uma aprendizagem que é mais do que uma acumulação de factos. É uma aprendizagem que provoca uma modificação, quer seja no comportamento do indivíduo, na orientação da ação futura que escolhe ou não atitudes e personalidade. É uma aprendizagem penetrante, que não se limita a um aumento de conhecimentos, mas que penetra profundamente em todas as parcelas da sua existência (Rogers, 1983^a, p.253, cit. por Pires, 2002).

Segundo David Ausubel (1970) a aprendizagem significativa está relacionada com os conhecimentos que são adquiridos a partir do que o indivíduo já conhece, já possui, a partir do seu próprio conhecimento. Estas aprendizagens/conceitos são manifestadas a partir das próprias vivências dos indivíduos, suas experiências (Teixeira, 2015). Ou como nos dizem Silva, Claro, & Mendes (s.d, p.4) um “conteúdo deve-se relacionar com o conhecimento prévio do aluno...” Deste modo os alunos são chamados a participar, criando-lhes oportunidades, desafios, onde não só eles aprendem, mas igualmente quem os rodeia (Magalhães, 2014).

Esta aprendizagem, pode ser uma mais-valia para o próprio aluno, para o seu pensamento, seu desenvolvimento e demonstração de suas capacidades, no entanto, para que o mesmo funcione é necessário dar-lhe uma certa autonomia e os mesmos saberem exercê-la (Magalhães, 2014).

Assim sendo educação e vida são indissociáveis, trata-se de todo um processo e nesse sentido Dewey diz-nos:

Como a educação não é um meio para se viver, e sim se identifica com o ato de se viver uma vida fecunda e inerentemente significativa, o único valor que em última análise se possa estabelecer como tal é precisamente o próprio processo de viver (Dewey, 1979 p. 263).

Dewey revolucionou a educação criando a Escola Nova, estando associado ao movimento denominado Escola Nova. Este acontecimento veio renovar a forma de como se via o ensino, de como era, onde acreditava que “a educação é o exclusivo elemento verdadeiramente eficaz para a construção de uma sociedade democrática, que leva em consideração as diversidades, respeitando a individualidade do sujeito, aptos a refletir sobre a sociedade e capaz de inserir-se nessa sociedade” (Hamze, s.d.). Quis que todas as pessoas pudessem ter acesso às mesmas bases, aos mesmos recursos, ao mesmo ensino educativo. Aqui a reflexão, o pensamento reflexivo estaria sempre englobado no sistema educativo. A teoria estava ligada ao conhecimento, e a prática à experiência (Pires, 2002).

Através da aprendizagem o indivíduo pode ser livre de escolher, tem conhecimento e capacidade suficientes para o fazer, não tendo assim de seguir sempre o que a sociedade dá, o banal, o geral, o estereótipo (Pires, 2002).

Carl Rogers propõe um certo número de condições para que a aprendizagem seja experienciada, possibilitada e progressiva da melhor forma possível. Defende, nomeadamente, que o professor tem e deve ser autêntico enquanto exerce a sua profissão, enquanto pessoa, nunca deixando de lado quem realmente é, o que realmente sente, aceitando-se e do mesmo modo aos alunos, compreendendo-os,

ouvindo-os, motivando-os, criando uma boa relação com eles. O autor refere o professor como uma influência, um testemunho de vivências, como também defende que quem aprende, prevalece em constante contacto com o desejo de continuar a aprender, a se desenvolver, descobrir, crescer, criando assim incentivo, motivação tanto para si, como para seus alunos que o escutam, que o vêem como um modelo a seguir (Pires, 2002). Em suma, “[...], o educador desenvolve um papel de facilitador de aprendizagem [...contribuindo para], a criação de uma relação baseada na compreensão empática [...]. Educar é, nesta linha de pensamento, permitir o desenvolvimento integral de personalidade [...] num contexto de liberdade e de responsabilidade” (Rogers, 1983, cit. por Pires, 2002, pags.122, 123).

O termo escola é aspeto de crítica pois refere-a como uma criação de hábitos, transmissão de conhecimentos, onde não é imposta nem posta em prática a real experiência vivida dos alunos, aspeto que valoriza especialmente considerando que é necessário um desenvolvimento pessoal, um auto crescimento que permita integrar nas aprendizagens, interesses, motivações, gostos, testemunhos e vivências.

Por fim a educação tem um papel muito importante na sociedade, fazendo crescer todos os seus envolventes. Nesse sentido Dewey diz-nos:

“... a finalidade da educação, no contexto de uma sociedade democrática é possibilitar aos indivíduos continuarem a sua educação, e o objetivo e a recompensa da aprendizagem são a capacidade contínua de desenvolvimento” (1916, Pires, 2002, p. 117).

Relativamente a Liev Vygotsky, é referido um pensamento diferente, no que concerne aos dois autores mencionados anteriormente, dando maior ênfase ao desenvolvimento da criança. Vygotsky defendeu a importância do desenvolvimento mental das crianças. Abordou a educação utilizando a definição de Blonski, “... a educação é a influência premeditada, organizada e prolongada no desenvolvimento de um organismo” (Vygotsky, 2003, p.37). Abandonou o pensamento de que o professor tem de educar. "O aluno se autoeduca" (Vygotsky, 2003, p.296). Quanto ao professor, este transmite conhecimentos enquanto está em aula, provocando interesse e desejo de aprender nos alunos. Para a educação não é importante a quantidade de conhecimentos, mas sim a forma de como eles são adquiridos, usados, compreendidos pelos alunos, uma vez que "...a aquisição de conhecimento só é possível na ação, ou seja, adquirindo esses conhecimentos" (Vygotsky, 2003, p.296).

Para Vygotsky a educação, relativamente ao aluno deveria ser aquilo que o mesmo ainda não sabia, ou que não conseguia, de forma alguma aprender sozinho. É

necessário perceber o que o aluno/criança consegue fazer por si próprio e o que não consegue, de forma a ajudar, a construir o seu conhecimento tal como seu crescimento (Ferrari, 2008).

Tudo o que o Ser Humano é, o que educador é, o aluno é, tem influência no que os rodeia, através de estímulos, da junção com o mundo exterior (Ferrari, 2008).

Por último é abordado Elliot Eisner, professor de Arte e Educação, que se diferencia, abordando de forma distinta dos autores anteriormente mencionados o ensino e a aprendizagem. Eisner focou-se nas artes, no processo educativo dos alunos, explicava o porquê de estarem presentes na escolaridade, de serem tão importantes, e o aluno ter contacto com elas (Ferreira, 2012). Eisner acreditava nos benefícios trazidos aos alunos, em todas as capacidades que podiam ser desenvolvidas através das artes.

Eisner via as artes na educação de uma forma muito ampla, ou seja, abordando a dança, a música, as artes plásticas, o teatro, todas as formas de expressão possíveis. Mencionava que as artes proporcionavam aos alunos autonomia, motivação, autoestima, criatividade, sensibilidade, e mais facilidade de se conseguirem expressar através do que faziam, do que criavam. A partir das várias artes era possível que os alunos conseguissem entender e perceber o mundo de forma diferente, conseguindo ligar os seus percursos académicos ao quotidiano de uma forma mais expressiva, livre e mesmo mais saudável (Ferreira, 2012; Eisner, 2008).

A abordagem destes autores foi efetuada de forma a ser conseguida uma ligação com as disciplinas de EV e ET, considerando a aprendizagem entre a relação existente, o ensino e os professores.

Como Dewey e Rogers defendiam, era necessário haver uma maior relação de proximidade entre o professor e aluno, de modo que a este conseguisse exprimir-se nas aulas, sem medo de participar. Defendiam também que a educação deve ser centrada no aluno e chegar a todos (Eisner, 2008).

Tendo em conta que as disciplinas de EV e ET são práticas, movimentadas, com imenso diálogo, interação, aproximação, onde a lecionação é apenas centrada no aluno, a partilha de conhecimentos é feita de forma que o mesmo entenda, se empenhe, goste, fique interessado e curioso.

As artes no ensino básico, são um dos meios de expressão que os alunos têm nesse período e tal como Elliot Eisner defende que a arte é um dos caminhos do entendimento, do conhecimento e da compreensão para o mundo, a EV e a ET são precisamente as alavancas que os alunos precisam. É nelas que existe a possibilidade

de poder criar, inovar, refletir. Motivado o aluno conseguirá resolver os seus problemas a partir de projetos práticos e terá a sensibilidade de saber exprimir-se através deles.

4. Evolução da Educação Artística, e da Educação Tecnológica

Neste tópico será abordada de forma breve, a evolução da Educação Artística e da Educação Tecnológica. Destacaremos apenas alguns dos momentos de mudança sem pretender apresentar uma história do ensino destas disciplinas em Portugal.

O ensino do desenho em Portugal surgiu tardiamente, no século XVIII. Sabemos da existência de aulas muito específicas e objetivas para uma determinada área, extremamente rigorosas, com o objetivo de preparar os jovens somente para o mundo de trabalho relacionado com a construção de grandes monumentos, formando engenheiros e arquitetos. Os conteúdos lecionados eram vistos como necessidades a serem aplicadas. O trabalho bem feito era o que ficava igual ao do mestre, o que seguia seus passos e que não fugia das suas regras. Eram assim chamadas as Aulas de Risco (Frade, 2011).

A partir de 1800 foi reconhecida a importância das escolas industriais em relação ao desenvolvimento do próprio país. O ensino das artes e ofícios era essencial para utilização na área da manufatura pelo que foi impulsionado pela progressiva industrialização do país. Como nos diz Frade (2011), áreas como a tecelagem e a modelação ganharam lugar no ensino e nos últimos anos do século XIX e início do século XX, o ensino do desenho é "...relacionado com a área da Álgebra e Geometria no Espaço, instituído pela reforma de João Franco e Jaime Moniz. No ano que seguiu, em 1906, Eduardo José Coelho reformula o ensino com a criação do Ensino Oficial Feminino e as disciplinas de Trabalhos Manuais e de Desenho e Caligrafia" (p.13).

Em 1918 na reforma de Sidónio Pais e Alfredo Magalhães a relação do feminino com a criação da disciplina de Trabalhos Manuais prevalece. O facto de se ser mulher tinha implicações na educação, a aprendizagem teria de ser ajustada à mentalidade da sociedade da época, seguir culturas, valores, conhecimentos, os ensinamentos destinados às meninas tinham relação como áreas como os tecidos e os bordados (lavors femininos) enquanto os meninos lidavam com metais e madeira, por exemplo. Estas disciplinas eram vistas como uma instrução, capacitando a mulher e o homem para a vida prática, em resposta à solicitação do mundo, sem atender a questões como liberdade de expressão e/ou criatividade. A contrariar esta visão, surge a reforma de

Barro e Ginestal Machado, em 1921 no sentido de afastar, em parte a total preocupação de aprender apenas para o trabalho, e reconhecer a importância de criar destreza, transmitir conhecimento, formar capacidades e aprendizagens

Em 1947, o Decreto de Lei n.º 36356 de 18 de junho, estabelece a disciplina de Trabalhos Manuais Educativos, ligada ao lado vocacional, de modo ao aluno poder colocar em prática tudo o que aprendia no seu dia a dia. Aqui já eram vistos de forma positiva os interesses dos alunos da própria sociedade, tal como o trabalho em equipa. Sendo assim, algo novo no que concerne à aprendizagem e ao ensino, pois, embora o professor continuasse a ter o papel de mestre, devendo os alunos seguir os seus ensinamentos. O mesmo já promovia a partilha de experiências. Os Trabalhos Manuais, contribuíam para preparar os alunos para a vida, uma vez que realizavam trabalhos a partir de diversos materiais, tais como madeiras e metais, tendo por base o próprio desenho desde esboços, a projetos, utilizando desenho técnico com ligação à área geométrica (Correia, 2014). Podemos, pois, dizer que desenvolvimento desta disciplina evoluiu com o sentido de ter um propósito, assente na sua ligação com a vida real (Frade, 2011).

Veiga Simão foi nomeado Ministro da Educação do Governo de Marcelo Caetano em 1970. O mesmo defendia a democratização no ensino, apresentando a 6 de janeiro de 1971 um projeto de reforma do Sistema Educativo. Posteriormente em 1973 são aprovadas as bases do Sistema Educativo, onde se inseria uma novidade relacionada com o ensino artístico (Brito, 2014).

Nesta fase é reconhecido o trabalho a nível da docência, onde Veigas Simão prioriza os melhores professores e equipas ao nível do ensino. São impostos programas de desenhos onde surgiram cadernos dos professores para a disciplina de desenho. Estes serviam de manuais de orientação de modo a rever conhecimentos que fundamentam o que é abordado na disciplina, tal como informações sobre avaliações. Ainda no que concerne ao programa, existe a preocupação de colocar os cidadãos envolvidos numa “sociedade do saber” (Brito, 2014, p.152). Foi procurado rever currículos para que a escola pública conseguisse ter acesso a novas finalidades, ou seja, fosse mais transmissora de saberes, transformadora, formando cidadãos autónomos, formando-os ao longo da vida capacitando-os a intervir em várias perspetivas (Brito, 2014).

Nesta reforma foram abordadas algumas questões no que concerne ao ensino artístico, referindo análises críticas numa educação visual de sociedades em progresso, onde o desenvolvimento estético do indivíduo podia ser questionado. Com o

alargamento da escolaridade obrigatória, nesta reforma, o conteúdo, as aprendizagens, foram-se tornando mais adequadas ao próprio indivíduo, ao longo da sua idade, anos escolares, interesses e cultura (Brito, 2014).

Com a reforma de Veiga Simão foi salientada a importância da educação e aprendizagens centradas no aluno, envolvendo os seus interesses, respeitando os seus tempos, havendo uma maior compreensão e flexibilidade por parte dos professores, conseguindo assim acompanhar os alunos individualmente ou em grupo, conforme necessitassem. A aprendizagem ativa era igualmente aplicada com o uso físico de materiais, comunicação e interação entre os professores e os alunos (Brito, 2014).

Com o desenvolvimento tecnológico, surgiu a necessidade de a Educação Tecnológica conseguir acompanhar, adequar-se e adaptar-se, tornando-se útil e eficaz, onde alunos e professores se sentissem interessados, e motivados com a atualização constante da disciplina. Aqui essencialmente o aluno aprende a aprender, tendo em conta as suas experiências, conseguindo ligá-las ao funcionamento da disciplina, o que lhes possibilita ter uma maior perceção da sua existência no mundo. Com a ligação presente do professor e alunos promove-se o sentido crítico e procura-se que estes sejam reflexivos e capazes de responderem aos problemas do quotidiano de forma autónoma (Frade, 2011). A Educação Tecnológica é vista como uma disciplina essencial, com intenções de aprendizagem duradouras e sólidas, possibilitando a partilha de cultura, baseando-se no saber fazer, perceber, no sentido crítico, dominando tudo o que a envolve. Desta forma, esta disciplina, tem como função a preparação do próprio aluno, através de vastas e variadas experiências, funções, suportando para um meio onde possa estar envolvido. Assim, através das técnicas aprendidas, poderá relacionar as suas necessidades ao aprendido, conseguindo resolver seus próprios problemas (Porfírio, 1992, cit. por Correia, 2014).

Também nos anos 70 a disciplina de desenho, transformou-se em Educação Visual, disciplina que concerne tanto em atividade artística, técnica e teórica, não esquecendo a transformação criativa dentro da própria disciplina. Esta disciplina surge a partir de 1972 em Portugal e tem o objetivo fundamental de desenvolver a capacidade de comunicar visualmente, e analisar elementos visuais. Segundo Betâmio de Almeida, dentro desta disciplina, tem-se como objetivo “formar o gosto (Brito, 2014, p.154), trabalhar em contacto com o rigor envolvendo imagens e /ou objetos, ser sensível visualmente para os problemas a que se é rodeado, ter sentido crítico e reflexivo. É preciso ser-se atento ao problema, entender a realidade, ligando-a e enquadrando-a como ponto de partida ao que esta a ser realizado (Brito, 2014).

Segundo Sousa (2000), a inclusão das artes na educação, não teria como objetivo gerar artistas, mas, essencialmente enriquecer crianças a todos os seus níveis, fossem eles a nível da cultura, artístico, social, pessoal de forma a proporcionar o seu crescimento (Frade, 2011). Refere a arte como sensível, que estimula o questionamento, o ser, toda a interação existente, as sensações, os sentimentos, as ações... (Frade, 2011)

Posteriormente a Educação Tecnológica é vista como uma disciplina essencial, com intenções de aprendizagem duradouras e sólidas, possibilitando a partilha de cultura, baseando-se no saber fazer, perceber, no sentido crítico, dominando tudo o que a envolve. Desta forma, esta disciplina, tem como função a preparação do próprio aluno, através de vastas e variadas experiências, funções, suportando-o para um meio onde possa estar envolvido. Desta forma, através das técnicas aprendidas, poderá relacionar as suas necessidades ao aprendido, conseguindo resolver seus próprios problemas (Porfírio, 1992, cit. por Correia, 2014).

5. A Educação Visual e a Educação Tecnológica no momento presente

A Educação Visual no Ensino Básico é vista como uma ponte e ligação do 1.º Ciclo ao 3.º Ciclo.

Trata-se de uma disciplina prática, onde são realizadas atividades maioritariamente ligadas à expressão plástica como por exemplo a pintura, a cor, o desenho, a linha, a textura, o volume, etc. Nesta disciplina podem ser experimentadas diversas técnicas de modo a perceber as suas características, suas reações, como funcionam e, perceção de qual dominam melhor, ou a que mais gostam (Ministério da Educação, 2018; EVT, 2016)

Na Educação Visual, através da sua liberdade, de seus projetos e exercícios mais expressivos, o aluno terá maiores possibilidades de explorar, experimentar, criar, inovar, ter sentido crítico, e desenvolver capacidades de reflexão. Devido às características desta disciplina, torna-se mais fácil aos professores, a perceção em relação à sensibilidade do aluno que partilha a sua expressividade e outras problemáticas como o medo de errar, nos momentos de reflexão sobre os seus resultados e sobre os processos desenvolvidos (Ministério da Educação, 2018; EVT, 2016; Martins, et al., 2017).

A Educação Tecnológica tem o desígnio de colocar o aluno a par da evolução tecnológica da Humanidade. Dar conhecimento da capacidade Humana de produzir artefactos. Procura-se que o aluno execute, construa, inove e seja igualmente criativo. Nesta disciplina, dá-se uma especial importância ao mundo tecnológico, a partir do que o Ser Humano é capaz de fazer/criar, envolvendo preocupações científicas e técnicas. Assim, para os alunos a partir da aquisição de conhecimentos prévios, e uma visão mais ampla e igualmente mais complexa sobre a tecnologia são realizados trabalhos práticos. Aqui é necessário que o aluno entenda a evolução do que o rodeia, sua história, sua construção, o seu funcionamento, compreenda os processos tecnológicos, consiga resolver os problemas que surgem, procurando respostas às suas questões, que seja capaz de refletir, seja igualmente crítico, analise, e não se limite ao óbvio. Esta disciplina traz a liberdade de trabalhar em projetos relacionados com outras disciplinas, gerando a multidisciplinaridade (Ministério da Educação, 2018; EVT, 2016; Martins, et al., 2017).

A Educação Tecnológica faz uso da metodologia de projeto, permite que os alunos ganhem competências ligadas à construção de objetos e que obtenham novas destrezas manuais relativas aos materiais e às ferramentas usados em salas de aulas especificamente preparadas para o efeito. A Educação Visual faz igualmente o uso dessa mesma metodologia, permitindo que os alunos ganhem competências, e consigam um desenvolvimento global, em conjunto com as competências referidas do Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, tendo em conta principalmente a Visão do aluno de forma a conseguir interpretar o mundo, os diferentes contextos visuais, saber analisar, questionar, ter pensamento crítico e reflexivo, serem autónomos, responsáveis e conscientes. A Educação Visual enriquece o aluno a níveis de experiências visuais e plásticas, contribuindo para a sensibilidade estética e artística do mesmo (Ministério da Educação, 2018; Martins, et al., 2017).

Tendo em conta a própria característica do espaço físico onde decorrem as aulas destas duas disciplinas e o modo como alunos e professores se movimentam pergunta-se, como é que todos estes fatores podem influenciar na relação entre o professor e o aluno. Interessa-nos, pois, perceber em que medida estas duas disciplinas podem afetar a relação entre ambos.

6. Metodologia Projetual

Como referido anteriormente, a importância de o professor estar ciente do quotidiano dos alunos é fundamental nas disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica. Trata-se de um ponto essencial da metodologia que diz que planificação do processo ensino aprendizagem deve partir de situações significativas para os alunos.

Este método de resolução de problemas baseado na metodologia projetual utilizada nas disciplinas de EV e ET, é um processo onde são inseridas várias etapas de forma ordeira de modo a atingir um objetivo, um resultado.

Em EV e ET é este o processo utilizado. As etapas mencionadas anteriormente, referem-se às várias fases do desenvolvimento de um trabalho. Partindo da Situação e terminando na sua Avaliação. Primeiramente é apresentada uma Situação relacionada ao trabalho a realizar pelos alunos. Seguidamente é enunciado um problema, ou seja, uma questão de como poderão resolver a situação anterior. Posteriormente avança-se para a investigação onde são geradas as ideias para a solução. De seguida avança-se para o projeto onde se desenvolve a ideia escolhida anteriormente, tal como a sua planificação prévia, podendo avançar assim para a sua realização, e finalmente ser testada, na avaliação. Aqui procura-se verificar se corresponde como resposta à Situação inicial (Martins, et al., 2017).

Este tipo de metodologia oferece aos alunos compreensão e espaço para reflexão, em cada projeto que realizem. Dentro de todo este processo, dependendo do trabalho a ser realizado serão abordadas áreas de exploração e/ou conteúdos a lecionar nas disciplinas de EV e ET.

Capítulo II - A Escola enquanto Espaço de Aprendizagem e Relação

Neste tópico será abordada a importância dos espaços existentes nas escolas, como podem influenciar as aprendizagens dos alunos, positivamente ou negativamente e que métodos ou novas opções deveriam ser tidas em conta, tal como a inclusão dos alunos na decisão e construção destes mesmos espaços. Este assunto será mencionado uma vez que a lecionação da EV e da ET decorre em salas com características específicas.

Sabemos que o espaço pode influenciar de diversas formas o percurso de um aluno, como Uncapher refere, "... os fatores ambientais podem afetar a capacidade de aprendizagem das crianças" (Uncapher, 2016, para.1).

Se o espaço onde se estuda e onde se aprende tiver um bom ambiente, toda a aprendizagem será influenciada positivamente na criança/adulto (Uncapher, 2016). Um dos fatores essenciais para o processo cognitivo e educativo do aluno é a iluminação dos espaços. Está comprovado que um bom ambiente de luz produz um maior e mais eficaz sucesso, principalmente quando se refere à luz solar. A luz natural contribui para que os alunos fiquem mais ativos, concentrados, mais facilmente captem informação e aprendam. Uncapher (2016) defende também que, com a articulação de luz solar nos ambientes escolares, são importantes os espaços abertos onde as aulas podem decorrer em ambientes naturais, ao ar livre ou transmitindo essa sensação.

Se a existência da luz natural é uma vertente positiva, têm de ser tidos em conta alguns fatores negativos que poderão existir dentro de uma sala de aula, tais como, a temperatura, o ruído, e a maneira de como os assentos e as mesas estão dispostas. Se a temperatura não estiver adaptada de forma a criar bom ambiente e conforto dentro da sala de aula, pode ser motivo de distrações, dificuldade na concentração, interferindo na aprendizagem. Em termos de ruído, quando o mesmo é demasiado no que diz respeito a conversas de volume elevado dentro da sala, ou até mesmo de movimento no intervalo, dificulta o processo de concentração para diversas atividades, sejam elas de desenho, desenvolvimento de leitura, escrita e de toda a compreensão. Por último, abordando a disposição do próprio mobiliário considera-se que se houver uma alteração de forma a contrariar a típica e tradicional disposição em filas, ou seja, colocar por círculos, grupos, em 'U' de forma que o professor possa circular no meio dos alunos, este fator poderá ser influenciador do interesse e mesmo da motivação.

Para que as aprendizagens sejam bem consolidadas o acompanhamento próximo do professor, que os ajude, os oriente, lhes traga novas coisas a cada dia é essencial. Esse contacto pode ser facilitado pela disposição do mobiliário na sala de aula. Os alunos devem ter espaço para as suas coisas, seus materiais, para si e para trabalharem confortavelmente, o professor deve conseguir individualmente tirar dúvidas, esclarecer, falar com cada um deles, tal como os alunos têm de o conseguir entender perfeitamente, ouvir bem, ver bem (Arndt, 2012).

Seria interessante, e eventualmente eficaz se em vez de serem os adultos a definirem a visualização dos espaços que os alunos irão frequentar, serem eles próprios a terem essa função, a pensar que forma se adequa mais, como se sentem melhor, o que necessitam, o que lhes ajuda a nível cognitivo, físico e emocional, o que gostariam e precisariam de ter (Hinton & Fisher, 2008, cit. por Arndt, 2012). O facto de os alunos discutirem acerca de assuntos como as características do ambiente em que se encontram, faz com que se sintam integrados emocionalmente e fisicamente, ligados, presentes nos espaços, em sintonia com o que os rodeia (Hoskins, Kanmaata, & Villalba, 2012, cit. por Costa, Silva, & Fernandes, 2015).

Podemos assim entender que, “Uma escola bem-sucedida é aquela que permite aos alunos envolver-se no ambiente educativo e os professores ensinar bem. O ambiente construído da escola deverá promover uma atmosfera criativa, positiva e harmoniosa” (Children in Scotland, 2010, cit. por Costa, Silva & Fernandes, 2015, p.79).

Para além do que os autores citados nos dizem sobre o espaço, suas características e principais fatores, o que nos interessa aqui particularmente, são as características dos espaços onde decorrem as aulas de EV e ET. Seguidamente será referido o que conhecemos até ao momento relativo a escolas onde existem salas específicas para estas disciplinas.

Os espaços das salas de aula das disciplinas de EV e ET são diferentes de todos os outros. Aqui podemos encontrar uma disposição mais livre onde as mesas e cadeiras não têm de estar por filas, mas sim podendo estar em formato de U, em grupos, distribuídas pela sala de modo a poderem ser posicionadas conforme convier sem qualquer limitação. Aqui é também apreciada a forma como o professor se movimenta no espaço, como interage com os alunos pelo facto da disposição lhe facilitar isso. O docente consegue colocar-se no meio dos alunos, chegar a eles com facilidade, onde existe a possibilidade de se poderem movimentar, permanecendo uma interação mais descontraída.

Algumas características destas salas passam pelo seu aspeto visual, não só abordando a sua disposição mas também a possibilidade de terem trabalhos dos alunos afixados nas paredes, de terem armários para colocarem as capas, a existência de bancadas de forma a poderem usufruir, vários recursos e materiais indispensáveis organizados e acessíveis, como a sua partilha, suportes e condições imprescindíveis, como boas estruturas, arrumações, etc... Relativamente aos materiais existem escolas, em que nestas disciplinas é organizada uma cooperativa onde os alunos pagam um valor anualmente, para a própria instituição comprar o que é necessário de modo a que todos os alunos de uma turma, independentemente das suas condições económicas, tenham sempre o que precisam.

O ambiente dentro da sala de aula de EV e ET, diferencia-se em muitos aspetos de disciplinas de cariz teórico onde os alunos são maioritariamente recetores de informação. Nessa situação é exigido silêncio permanente enquanto o professor leciona a matéria, os alunos, na maior parte das vezes, ouvem mais do que participam. Estas circunstâncias não favorecem a proximidade professor aluno. Um dos aspetos que já foi mencionado e que prejudica esta ligação é o próprio espaço nestas disciplinas onde as mesas e cadeiras na sala de aula, normalmente estão organizadas por filas, fazendo com que o professor não consiga ver, nem chegar a todos os alunos com a facilidade que era desejada.

Nas salas de EV e ET é o contrário que acontece, não existe necessariamente um livro. Aqui os alunos tanto recebem a informação, como participam, dão as suas opiniões, questionam, refletem sobre o que está a ser trabalhado, e os trabalhos são na sua grande maioria práticos onde o processo ensino aprendizagem permite aos alunos ganhar sentido de autonomia, confiança e ao mesmo tempo prazer pelas aulas em questão.

Os espaços em específico destas disciplinas contribuem para toda a relação, visto que se deseja que seja uma sala aberta, disposta de forma prática e que beneficie os alunos e professores nas suas interações.

Capítulo III - Enquadramento Metodológico

3. Problema e objetivos de estudo

Procuramos perceber com esta investigação se a Educação Visual e a Educação Tecnológica são potenciadoras da Relação Professor-Aluno e, nesse sentido definiram-se os seguintes objetivos:

- Perceber como a metodologia projetual (metodologia adotada em EV e ET) e o espaço (sala de aula) podem influenciar a relação professor-aluno?
- Entender o que os professores e alunos identificam como fatores essenciais para um bom relacionamento entre ambos.
- Perceber de que forma as disciplinas de EV e ET são importantes no progresso da autoestima, da criatividade, da expressão e da confiança do aluno.
- Perceber qual é a percepção dos alunos sobre a importância das disciplinas de EV e ET, para o seu desenvolvimento.

3.1 Tipo de Investigação

Com o intuito de procurar perceber se a Educação Visual e a Educação Tecnológica são potenciadoras da Relação Professor-Aluno adotou-se, uma abordagem predominantemente qualitativa, procurando documentar diferentes pontos de vista de professores e alunos. Face à questão optou-se pela realização de estudo descritivo exploratório sem pretensões de generalização. Trata-se de um tipo de estudo que visa descrever um fenómeno, acontecimento ou conceito, correspondente à população participante. De acordo com Fortin, os estudos descritivos/exploratórios consistem "... em descrever simplesmente um fenómeno ou um conceito relativo a uma população, de maneira a estabelecer as características desta população" (2000, p.164).

3.2 Caracterização dos Participantes

Os participantes pensados para a aplicação deste estudo foram os 4 professores de EV e ET, da escola de Mundão em Viseu, e três turmas (duas de 5.º ano e uma de

6.º ano) da mesma escola, onde foi realizada a Prática Pedagógica e implementado o projeto de investigação.

3.3 Instrumentos de Recolha de Dados e procedimentos adotados

A investigação qualitativa não se baseia apenas numa realidade, mas em várias, fornecidas a partir de indivíduos de forma individual ou coletiva ligada a um determinado assunto, fenómeno, vivência e/ou questão (McMillan & Shumacher, 1989). Este tipo de investigação tem como objetivo a obtenção de dados descritivos e não percentagens ou quantidades. Nesse sentido os instrumentos de recolha de dados utilizados foram uma entrevista semiestruturada a aplicar aos alunos, com 14 questões colocadas à turma e um questionário aos professores com 17 perguntas, incluindo perguntas abertas e fechadas.

Optou-se aqui pela entrevista aos alunos, enquanto método de recolha de dados uma vez que este é um método muito usado em estudos descritivos, ou exploratório-descritivos (Fortin, 2000).

A entrevista enquanto método de recolha de dados poderá ter três funções, nomeadamente,

- 1) servir de método exploratório para examinar conceitos, relações entre as variáveis e conceber hipóteses; 2) servir de principal instrumento de medida de uma investigação; 3) servir de complemento a outros métodos, tanto para explorar resultados obtidos com método de recolha de dados poderá ter três funções, nomeadamente, outros métodos ou ainda para ir mais em profundidade (Fortin, 2000, p. 236-237).

Para a realização de uma entrevista, é necessária a criação de um guião, de forma a o investigador se poder orientar e organizar durante a realização da mesma. Optou-se aqui pela entrevista semiestruturada entendida como mais adequada considerando as suas características. Segundo Pardal & Lopes (2011), existem três tipos de entrevista, sendo eles a entrevista estruturada, caracterizada como a mais rigorosa, consistente e sem quaisquer desvios. Trata-se de uma entrevista com padrões definidos, características próprias e constantes em relação ao seu conteúdo, o modo de como é preparada e abordada. O investigador é obrigado a seguir o guião à risca e o entrevistado tem de responder de forma direta e limitada. Existe também a entrevista não estruturada que permite maior expressividade no modo de recolha de dados. Aqui

o entrevistador tem maior liberdade na colocação de questões e o entrevistado maior largueza e à vontade nas suas respostas. Por último a semiestruturada, já mencionada anteriormente, uma mistura das duas anteriores, ou seja, nem é totalmente fechada, nem totalmente livre. É adequada consoante a necessidade da investigação. Não existe necessidade ou obrigatoriedade de seguir uma ordem específica nas perguntas, normalmente, este tipo de entrevistas, desenrola-se através de uma conversa (Fortin, 2000). Com a presença de questões abertas e respostas livres, existirá a possibilidade de o entrevistado responder de forma mais espontânea. “As questões abertas têm a vantagem de estimular o pensamento livre e de favorecer a exploração em profundidade da resposta do participante” (Fortin, 2000, p. 248). Mas se as perguntas abertas podem ser vantajosas para a recolha de informação, haverá maior dificuldade na análise das respostas, suas diferenças, reflexões, que podem permitir, ou não, comparações entre si.

Desta forma, decidiu-se implementar as entrevistas semiestruturadas, através de entrevistas de grupo, uma vez que estas “podem ser úteis para transportar o entrevistador para o mundo dos sujeitos” (Bogdan & Biklen, 1994, p.138). Através da entrevista de grupo, é possível encorajar os participantes a colaborar, a participar. Estando juntos e respondendo consoante o que pensam, os próprios sujeitos incentivam-se mutuamente de forma a discutirem e chegarem a conclusões. Neste tipo de entrevistas podem surgir algumas dificuldades ao nível do controlo da sessão face a participantes demasiado envolvidos, querendo falar constantemente. Outro tipo de dificuldades poderão surgir quando as entrevistas são gravadas, para que posteriormente se possa reconstruir toda a entrevista, não perdendo nenhuma informação, neste caso falamos de possíveis dificuldades na identificação dos participantes, principalmente quando vários sujeitos falam ao mesmo tempo, para que a transcrição seja clara (Bogdan & Biklen, 1994).

Foi realizado um guião, de forma a criar uma entrevista semiestruturada relacionada com o tema abordado, onde foram incluídas perguntas que procurámos que fossem claras, usando termos específicos. Esta forma de recolha de dados permite que os indivíduos expressem as suas ideias e os seus valores; pode ser útil na análise de um problema específico, tendo em conta os diferentes pontos de vista; dá oportunidade a respostas mais abertas, e possibilitada a recolha de dados através da oralidade. Posteriormente foi possível analisar o que é dito, de forma a identificar palavras/expressões, ou ideias em comum, que os alunos possam ter relativamente a determinadas questões (Coutinho, 2011).

O guião para a entrevista foi repartido em cinco grupos de perguntas, onde a primeira estava ligada à EV e ET; a segunda aos trabalhos dentro das disciplinas, a terceira ao espaço de aula; a quarta à relação professor-aluno e por último, uma pergunta sobre suas motivações relativamente às aulas de EV e ET.

A entrevista foi realizada em horário de aula, em salas de aula ou espaços mais confortáveis para os alunos, pedindo várias opiniões, e tentando perceber se existia alguma influência, mudança de ideias ou receio de contrapor opiniões às dos colegas. Nesta situação responderam de forma livre sem quaisquer preocupações ou limitações. A recolha de dados foi obtida através do diálogo com os alunos, em três sessões, uma para cada turma, opção que nos pareceu mais significativa, relativamente ao tratamento dos assuntos em estudo, no contexto de uma abordagem predominantemente qualitativa.

Para procedermos à recolha de dados junto dos professores foi elaborado um questionário a partir do *google forms* com perguntas predominantemente abertas e enviado através de um link. Esta opção permitiu obter uma recolha mais rápida, ecológica e económica.

Um questionário normalmente é um instrumento que deve ser elaborado cuidadosamente no que concerne ao seu texto e questões. É essencial o investigador refletir sobre o que pretende para construir o questionário, de forma reflexiva, com os cuidados necessários, assemelhando-se a “uma troca de palavras tão natural quanto possível” (Ghiglione & Matalon, 1992, p.112). Para isso é necessário que as questões sejam diretas, claras, evitando interpretações erradas. O investigador tem de pensar na duração do questionário, para que o indivíduo não se desmotive no seu preenchimento, o que poderia influenciar as suas respostas (Ghiglione & Matalon, 1992).

O questionário realizado aos professores, foi relacionado às disciplinas de EV e ET, abordando a relação professor-aluno. A primeira parte foi constituída por perguntas fechadas, estas tratam questões como a idade, habilitações literárias, género, tempo de serviço, grupo de docência, nível de ensino que leciona, ou seja, perguntas de resposta direta, rápida sem necessidade de reflexão destinadas a obter dados para caracterizarmos a amostra. As perguntas abertas, situadas na segunda parte permitiram mais liberdade no seu preenchimento, dando espaço para reflexão. Permitiram obter informação qualitativa mais expressiva, sobre as opiniões dos professores relativamente à EV e ET, sobre sua importância, sobre a relação e comunicação do professor com o aluno e sobre o espaço de aula.

Para procedermos a esta recolha de respostas aos questionários e à aplicação das entrevistas, os documentos foram submetidos e aprovados pela Direção Geral da Educação, bem como por todos os outros intervenientes. Assim a recolha de dados foi mais exata, sem desvios, pois previu-se que a entrevista aos alunos fosse feita através de gravação enquanto relativamente aos professores, fossem feitas questões, como já referimos através de um questionário onde respondessem em formato escrito.

3.4 Análise e tratamento de dados

O tratamento de dados recolhidos através das entrevistas com vista à sua análise e discussão foi feito através da análise de conteúdo. Tal procedimento exigiu a definição de categorias. Trata-se de uma separação de dados, consoante os temas tratados recolhendo a parte da informação fornecida pela entrevista que interessa no âmbito da investigação. Dentro da análise de conteúdo existem três fases, sendo a pré-análise dos registos ou, neste caso, transcrições das entrevistas, a análise dos materiais recolhidos, com base na codificação das várias dimensões, realizada à priori ou, como no presente caso, efetuada depois da entrevista, ou seja, à posteriori; por último o tratamento dos resultados e interpretação (Bardin, 1977).

Quando as dimensões ou categorias são definidas após a recolha de dados, como ocorre no presente estudo, o investigador parte do conteúdo recolhido, neste caso através da entrevista procurando identificar palavras/ frases relacionadas com os objetivos da pesquisa.

O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu [...] (Bogdan & Biklen, 1994, p.221).

Evidentemente que a interpretação pode ter algum grau de subjetividade, mas tentaremos ir de encontro ao que os alunos mencionaram, procurando evitar algum desvio. Desta forma, após transcrição das gravações (anexo 4), os tópicos da conversa com os alunos foram classificados em dimensões/categorias (tabela 2). Associando as categorias aos respetivos indicadores, é possível perceber a ligação entre estas e as afirmações dos alunos, ao longo de todo o diálogo em tempo de aula.

Estes dados, foram organizados, numa tabela, onde se apresentam as categorias, as respostas dos alunos, ou seja, os indicadores e a quantidade de vezes que estes foram mencionados.

No questionário aos professores, primeiro fizemos o tratamento quantitativo das questões fechadas, tratando os dados recolhidos de modo a caracterizar a amostra. Depois efetuámos o tratamento qualitativo das questões abertas. Para a análise de conteúdo não foram definidas categorias, como para os alunos, por se tratar de um número muito limitado de respostas, neste caso apenas 50% da população alvo participou, ou seja, apenas 2 professores responderam a este questionário. Desta forma as perguntas e respostas foram transcritas numa tabela, englobando as opiniões obtidas para cada questão.

Capítulo IV – Apresentação e Discussão dos Resultados

4.1 Dados relativos aos professores

Neste tópico são apresentados e discutidos os dados obtidos através do questionário feito aos professores.

No que respeita ao questionário feito aos professores, efetuamos um pequeno texto inicial de síntese referente às perguntas fechadas relativas à Caracterização Sociodemográfica.

O questionário foi proposto aos professores do Grupo de Docência 240 - EVT, da Escola Básica E.B 2,3 de Mundão. Os respondentes são ambos de género masculino, licenciados, lecionando ao 2º Ciclo do Ensino Básico; relativamente às idades, o professor A (+60 anos) e o professor B (entre 51 – 55 anos). O tempo de Serviço/Experiência Profissional indicado relativamente ao professor A, é de 44 anos e relativamente ao professor B, é de 30 anos. Estamos, pois, perante dois docentes com idade relativamente avançada e uma longa experiência na docência, reforçando a necessidade de jovens nesta área.

No que respeita à Parte II do questionário, apresentamos de seguida a *Tabela 1 – Parte II: Questionário Professores*, onde são transcritas as perguntas, a par das respostas obtidas.

Tabela 1 - Parte II: Questionário Professores

Questão	Respostas
1.As disciplinas de EV e ET são potenciadoras na relação professor- aluno	<p>Sim</p> <p>São, porque as disciplinas de EV e ET são promotoras de competências e capacidades únicas, ao nível do desenvolvimento das capacidades e competências imaginativo-inventivas e da criatividade e também potenciadoras da melhoria de atitudes e de comportamentos que reforçam a compreensão e a ajuda mútuas.</p>
2.Uma boa relação entre professor e aluno, dentro de sala de aula é importante para o sucesso educativo?	<p>Sim</p> <p>Muito importante, porque quanto mais forte é a relação mais compreendido é, pelo aluno, o papel, a importância e as funções do professor.</p>
3.Acha que, de alguma, forma é importante o diálogo próximo entre o professor e o aluno? Porquê?	<p>Sim, porque é através dele que o professor deteta as possíveis dificuldades dos alunos.</p> <p>Sim, porque promove e reforça a relação interpessoal e fomenta a responsabilidade, o sentido crítico, a reflexão, a qualidade de intervenção. a autoavaliação ...</p>
4.Se houver uma boa relação, a postura do aluno será influenciada? Ajudará o aluno?	<p>Sem dúvida, o aluno evolui quando existe empatia</p> <p>Sim. A sua conduta e o seu desempenho revelarão mais responsabilidade, mais empenho, mais entrega, mais realização e também mais autonomia.</p>
5.Sem olharmos à pandemia, acha que as disposições das salas de aula ajudam na relação professor-aluno, na aprendizagem e desenvolvimento? Porquê?	<p>Claro que uma boa organização do espaço aula influencia o modo como comunicamos</p> <p>Sim, porque o controlo da disciplina na sala de aulas deve ser pleno tal como o apoio e o acompanhamento individualizados</p>
6.Quão importante é, em plena hora de aula estar próximo do aluno, circular na sala e acompanhá-lo de forma individual?	<p>É sempre uma mais valia pudermos estar junto dos alunos, sentem-se mais apoiados nas tarefas que está a desenvolver.</p> <p>Muito importante, porque todo o aluno valoriza o apoio ou o elogio individual (reforço positivo).</p>
7.O que pensa ser mais importante nas disciplinas de EV e ET?	<p>Bom ambiente na sala de aula, com uma grande empatia de ambas as partes</p> <p>A articulação entre elas e o seu papel no desenvolvimento de projetos inter, pluri e até transdisciplinares, sendo o mais importante nesta articulação o desenvolvimento de atividades práticas.</p>
8.Os alunos sentem necessidade destas disciplinas? Gostam destas disciplinas e entram motivados para as mesmas? Porquê?	<p>Está é uma área em que desenvolvem competências que fortalecem a sua autonomia, com reflexos claros nas restantes áreas, um bom aluno nestas áreas por norma é também nas restantes</p> <p>Sim, principalmente da disciplina de Educação Visual, porque em termos de aprendizagens é muito mais aliciante ao nível dos conteúdos programáticos, processos e técnicas de execução e mais ajustada ao seu estágio de desenvolvimento bio-psico e social. A Educação Tecnológica tem domínios muito técnicos e de grande densidade lexical, o que desmotiva uma grande percentagem de alunos.</p>
9.Pensa que estas disciplinas são mais libertadoras para os alunos? Porquê?	<p>Sim, nesta área os alunos têm espaço para se recrearem, desenvolvendo as suas competências criativas</p> <p>São, porque dão expressão à sua criatividade e permitem experimentar e vivenciar diferentes técnicas e materiais, pesquisar, projetar, realizar (individualmente ou em grupo)</p>
10.A metodologia projetual proporciona ao aluno uma aprendizagem diferente?	<p>Eu acho que não deve ser rígida, permitindo que o aluno possa criar o seu próprio processo</p> <p>Sim, porque a unidade de trabalho, implica várias fases para a solução dum problema, que depois de bem consolidadas serão uma excelente matriz/referencial para projetos que conglobem várias áreas/valências.</p>

Tendo em conta que obtivemos apenas a opinião de dois docentes, o que não nos possibilita grandes inferências, entendemos que a discussão dos resultados poderia ser mais rica se procurássemos perceber até que ponto as afirmações destes docentes vão de encontro às perspetivas defendidas por Elliot Eisner, John Dewey, Liev Vygotsky e Carl Rogers, autores que sustentam a nossa abordagem teórica.

Assim sendo, verificou-se que relativamente à questão 1, referente à importância das disciplinas de EV e ET, como potenciadoras da relação professor aluno, as opiniões de ambos os professores, espelham as perspetivas defendidas por Eisner, salientando a importância das artes para o aluno, proporcionando-lhes mais criatividade, autoestima, facilidade na expressão, dando-lhes motivação. Podemos perceber que existe ligação com as respostas obtidas, respetivamente à EV e ET, onde foi referido serem promotoras de competências ao nível da imaginação, ao nível da criatividade, da invenção, podendo assim, o aluno inovar, ver o mundo de forma diferente.

Por outro lado as disciplinas de EV e ET potenciam na postura e atitudes dos alunos, nomeadamente sua melhoria e crescimento, onde existe espaço para uma maior compreensão e ajuda entre o professor e a turma. Aqui podemos referir autores como John Dewey, e Carl Rogers, que salientam a importância de não existir o medo de errar, o medo de participar nas aulas, tal como, não existir a sobrevalorização da superioridade do professor. Ou seja, entendem os entrevistados que a EV e a ET favorecem uma relação mais próxima entre professor e aluno.

No que respeita à questão seguinte, questão 2 relativa à influência da relação professor aluno no sucesso educativo, ambos os professores consideram que uma boa relação entre professor aluno, é importante para o sucesso educativo.

Relativamente à questão 3, onde se aborda a importância do diálogo próximo entre o professor e o aluno verificamos que as respostas reforçam a relação interpessoal, a existência de maior expressividade e liberdade, a presença de uma maior responsabilidade, de intervenções realizadas pelos alunos interagindo, sem medo de errar. Com uma boa relação presente, mais facilmente se consegue chegar às dificuldades do aluno, e responder ao que precisa, indo de encontro ao que os autores John Dewey e Carl Rogers abordam sobre a relação entre o professor e o aluno.

No que concerne à questão seguinte, questão 4 relativa à influência de uma boa relação na atitude/postura do aluno as respostas de ambos os professores, espelham a importância dessa relação, reforçando a diminuição do medo de errar por parte do aluno, mencionando o seu desenvolvimento sustentado no diálogo/comunicação, tal como nos trabalhos que desenvolve. As respostas obtidas vão, assim de encontro ao que Carl

Rogers defende, nomeadamente, a importância do afeto e a existência de empatia. Referem igualmente que esta relação, ao influenciar a postura do aluno, automaticamente influenciará o desempenho do mesmo, proporcionando-lhe maior responsabilidade, mais empenho, entrega no que faz, no que pensa, defende, conseguindo mais autonomia, confiando mais em si e no professor.

Relativamente a estas características anteriormente mencionadas, podemos recordar igualmente Eisner, abordando a importância das artes, ao proporcionarem ao aluno, tudo o que foi mencionado anteriormente, em simultaneidade com o desenvolvimento da criatividade, autonomia, sensibilidade e expressividade. As artes dão aos alunos a possibilidade de crescer a nível pessoal.

No que respeita a questão seguinte, questão 5 relativa à disposição das salas de aula, onde se procura perceber se esta disposição ajudará na relação entre o professor e aluno, na aprendizagem e desenvolvimento obteve realce na importância do espaço se manter organizado, de forma que a comunicação chegasse facilmente aos alunos, como ao professor, para que não haja problemas na participação entre ambos, na compreensão, tal como na relação. A disposição das salas é importante, sendo referido que os alunos, merecem e necessitam de apoio, sempre que o procuram, tal como acompanhamento em turma e individualizado, aprendendo através de suas dúvidas, receios e partilhas. É necessário que se consiga chegar facilmente ao aluno, que esse caminho seja pleno, sem constrangimentos, de forma a que o professor não tenha problemas em se aproximar, nem o aluno em chamá-lo.

No que respeita a questão seguinte, questão 6 relativa à importância de o professor estar próximo do aluno, circular na sala e acompanhá-lo de forma individual, tratam como algo muito positivo, e que mais facilmente os professores e os alunos se sentem apoiados em tudo o que estão a desenvolver. O aluno valoriza a ajuda prestada, o apoio do próprio professor, a motivação, o elogio, o reforço positivo. Aqui podemos associar ao autor Carl Rogers, uma vez que o mesmo defende, a centralização na aprendizagem, como algo fundamental à compreensão do sujeito, valorizando-a. Aqui o professor, ao envolver-se, circular, acompanhar o aluno individualmente ao longo das aulas de EV e ET, conseguirá fazer com que o aluno aprenda consoante o que necessita, consoante o seu tempo, focando-se na aprendizagem do aluno, no seu conhecimento, no seu progresso e desenvolvimento. Do mesmo modo, este autor, refere algo importante relativamente à profissão da docência, ao que é ser professor, onde quem aprende, prevalece em constante contacto e desejo de continuar a aprender, a se desenvolver, descobrir, crescer, criando incentivo para si como para os seus alunos que o vêem como um modelo a seguir.

No que respeita à questão 7 , relativa ao que se pensa ser mais importante nas disciplinas de EV e ET por parte de ambos os professores, responderam, que, relativamente às disciplinas de EV e ET, acham de maior importancia todo o ambiente dentro da sala de aula, envolvendo a empatia, a presença de afeto, indo de encontro ao que o autor Carl Rogers refere relativamente à importância da presença desta característica, a presença do afeto. É essencial para o aluno, o professor chegar até ele, percebendo-o, adaptando-se, como um ser único, defendendo a relação entre ambos.

Por outro lado, é referido pelos professores que as disciplinas de EV e ET, têm um papel muito importante no desenvolvimento de variados projetos, envolvendo as próprias disciplinas, tal como disciplinas fora das artes, fazendo o aluno crescer, desenvolvendo a aprendizagem do aluno, nos projetos que desenvolvem, podendo articular com uma infinidade de possibilidades. Aqui podemos interligar o autor Elliot Eisner no que diz respeito à importância das artes na vida dos alunos, através do que proporcionam aos alunos, conseguindo evoluir na motivação, na autonomia, maior facilidade na expressão, através do que criam e do que fazem.

No que respeita a questão 8, procurámos saber se os alunos sentem necessidade destas disciplinas, se gostam destas disciplinas e entram motivados para as mesmas sendo que nas respostas de ambos os professores é possível observar que os alunos sentem necessidade destas disciplinas pelas mesmas desenvolverem competências que fortalecem a sua autonomia, ajudando nas restantes áreas curriculares. Ou seja, as disciplinas de EV e ET, podem ser vistas como um benefício, uma alavanca, para o aluno ao longo da sua escolaridade. Por outro lado é percebido que os alunos sentem mais necessidade da disciplina de EV, do que de ET, sendo a EV mais aliciante, não se focando em termos tão técnicos, ou tão densa a nível lexical como a ET. Este pormenor pode desmotivar o aluno, enquanto está presente nas disciplinas, no seu estar em sala de aula, alterando a sua postura, ou interesse pelas mesmas.

Relativamente à penúltima questão, questão 9, procurámos saber se estas disciplinas podem ser consideradas mais libertadoras para os alunos. Na resposta, ambos os professores, vão de encontro ao que Carl Rogers defende considerando que tal acontece. Referem que existe espaço para o aluno desenvolver e evoluir nas suas competências criativas. É referido que o aluno tem a possibilidade de escolher o seu próprio caminho, a possibilidade de recriar, como Carl Rogers menciona. Ou seja, existe espaço para serem eles próprios, escolherem seus caminhos, liberdade e oportunidade de desenvolverem competências a partir do mesmo.

No que concerne a este ponto, podemos ligar as ideias defendidas por Carl Rogers, relativamente à educação poder ser mais libertadora, sem imposição de tantos limites e/ou julgamentos. Desta forma podemos ligar ao que os professores referiram relativamente à possibilidade dos alunos poderem experimentar e vivenciar diferentes técnicas, materiais, pesquisas.

Por outro lado, é mencionado pelos professores que estas disciplinas possibilitam e dão liberdade à expressão, como à criatividade, onde podemos ligar ao que o autor Elliot Eisner defende, acerca do que a arte pode potenciar ao aluno, ao seu percurso académico, ao seu crescimento, ao envolvimento, e capacidade de expressão, autonomia, motivação, criatividade...

Com base nos dados recolhidos e da análise realizada aos mesmos, verificamos que a questão 10, onde procurámos saber se a metodologia projetual proporciona ao aluno uma aprendizagem diferente, ambos os professores respondem indo de encontro às perspetivas defendidas pelos autores John Dewey, Carl Rogers e Liev Vygotsky. Ambos responderam de modo a salientar a importância da metodologia projetual para a aprendizagem do aluno, de forma diferenciada, referindo, a necessidade da mesma não ser rígida, permitindo que o aluno pudesse criar o seu próprio processo criativo. No que concerne a este aspeto, podemos ligar ao que Carl Rogers defende relativamente ao aluno poder escolher o seu próprio caminho, de na aprendizagem, o indivíduo, ser livre de escolher o caminho que quer fazer, que deseja seguir, ter conhecimento e capacidade suficiente para o fazer, não tendo de acompanhar a sociedade. Da mesma forma, dentro da criação do próprio processo do aluno, podemos mencionar de novo o que Rogers diz sobre a educação poder ser mais libertadora, e onde existe uma especial atenção em centralizar a aprendizagem à compreensão do sujeito, valorizando-a uma vez que o método de resolução de problemas coloca no centro do processo o aluno, definindo-se uma situação/problema a partir do aluno. Por outro lado, Liev Vygotsky, defende o desenvolvimento mental das crianças, abandonando o pensamento de que o professor tem de educar, onde o aluno se autoeduca. Na resposta obtida pelos professores, ao aluno escolher o seu próprio caminho, podemos perceber que terá espaço para refletir sozinho, crescer, pensar acerca, se educar sobre o que quer desenvolver, sobre suas escolhas e resultados através delas, tudo o que o educador é/Ser Humano/Aluno é, tem influência no que os reza, em tudo o que vivencia.

Foi ainda referido pelos professores, que a utilização da metodologia projetual, execução de todas as suas fases, e uma boa consolidação final, seria uma excelente referência para os alunos, em futuros projetos, tal como no raciocínio acerca do que aprenderam. Aqui podemos estabelecer uma ligação com John Dewey, que refere a

relação com o quotidiano, onde a aprendizagem deve fazer parte da vida dos alunos, onde conseguissem estabelecer ligações e executar o que aprendem diariamente.

4.2 Dados relativos aos alunos

No que respeita à entrevista feita aos alunos das turmas 5.ºA, 5.ºB e 6.ºA, sobre o modo como perspetivam as disciplinas de EV e ET, apresentamos uma tabela síntese com o tratamento dos dados, procurando, de seguida, discutir as respostas recolhidas, desenvolvemos a análise comentando o que o conjunto dos alunos dizem de cada categoria, fazendo um breve cruzamento com as ideias defendidas por alguns autores tratados na revisão de literatura.

O número de alunos de cada turma era, respetivamente 18 alunos do 5.ºA, 18 alunos do 5.ºB e 22 alunos do 6ºA, dando no total 58 alunos, no entanto por nem todos terem a autorização dos encarregados de educação para poderem participar, a entrevista foi feita com 45 alunos.

As respostas dos alunos foram transcritas e sujeitas a uma primeira análise onde se consideraram diversas dimensões partindo diretamente das afirmações dos alunos de cada turma (anexo 4). De seguida fez-se um esforço no sentido de determinar categorias finais agrupando “categorias com uma generalidade mais fraca” (Bardin, 1977, p.119) e procurando categorias representativas face ao presente estudo ou, dito de outro modo, categorias que respeitem o critério de produtividade para a investigação enunciado por Bardin (1977). Nesse sentido as categorias que identificámos para a análise das respostas são correspondentes aos objetivos do estudo: valorização das disciplinas (EV e ET); desenvolvimento da expressividade e da criatividade; impacto da metodologia (Método de Resolução de Problemas) desenvolvimento da autoestima; relação professor aluno; impacto do tipo específico de sala de EV e ET.

Tabela 2 – Perspetiva dos alunos em relação às disciplinas de Educação Visual e Educação Tecnológica

Categorias	Indicadores	Número de Ocorrências	Total
Valorização das disciplinas (EV e ET) no âmbito da formação do aluno	Diversidade de competências e aprendizagens adquiridas	6	49
	Desenvolvimento da cultura e pensamento no futuro	6	
	Presença da tecnologia	1	
	Desenvolvimento da criatividade e expressividade	9	
	Realização de atividades práticas	2	
	Desenvolvimento de trabalhos diferentes	7	
	Interesse nas disciplinas e trabalhos	12	
	Desenvolvimento do aluno	1	
	Aula livre e coletiva	3	
	Conhecer e apreciar os trabalhos dos colegas quando expostos	1	
Realização de trabalhos de grupo	1		
Desenvolvimento da expressividade e da criatividade	Expressão da imaginação e criatividade	8	46
	Expressão de sentimentos	8	
	Liberdade sentida pelos alunos para se exprimirem, oralmente e através dos trabalhos	14	
	Realização de trabalhos e possibilidade de utilização de diversos materiais	9	
	Liberdade para errar e aprender com o erro	7	
Impacto da metodologia (Método de Resolução de Problemas)	Possibilidade de escolha do caminho a seguir, liberdade	5	5
Desenvolvimento da autoestima	Evolução ao longo dos trabalhos	2	54
	Gosto e felicidade pelo trabalho desenvolvido	11	
	Inspiração ao longo dos trabalhos desenvolvidos	1	
	Desenvolvimento do trabalho com perspetivas para o futuro	1	
	Exposição dos trabalhos realizados reforça a confiança	17	
	Valorização e orgulho nos trabalhos do próprio e dos colegas	19	
	Confiança como alavanca, alunos mais confiantes	3	
Relação professor aluno	Professor como influenciador, motivando positivamente e ajudando os alunos contribuindo para melhoria da aprendizagem	20	57
	Confiança e inspiração no professor	2	
	Influência da postura do professor	5	
	Importância e liberdade do diálogo	12	
	Influência positiva do diálogo nos trabalhos realizados pelos alunos	4	
	Respeito e compreensão entre professor e alunos	6	
	Partilha de opiniões e ideias	1	
	Gosto pelas disciplinas e professores	5	
Tranquilidade nestas disciplinas	2		
Impacto do tipo específico de sala de EV e ET	Número de alunos como aspeto influenciador	2	25
	Maior liberdade, e à-vontade para o diálogo	7	
	O espaço de aula como ajudante, influência da sala no aluno	14	
	A sala permite exposição dos trabalhos realizados	2	

Durante as entrevistas as 3 turmas foram, ainda, apresentadas aos alunos duas fotografias (figuras 1 e 2) referentes a salas de aula, solicitando que escolhessem qual o seu tipo de sala preferido tendo 9 alunos mostrado preferência pela que denominámos ‘Sala Tradicional’ e 36 alunos pela que denominámos ‘Sala Moderna’.



Figura 1 - Sala Tradicional



Figura 2 - Sala Moderna

Ao longo da entrevista com os alunos, foi feito um diálogo onde tentamos perceber o porquê de terem feito as suas escolhas relativamente ao tipo de sala de aula (Anexo 4). De seguida apresentamos uma tabela síntese das respostas obtidas.

Tabela 3 - Perspetivas dos alunos em relação à tipologia das salas de aula

Categorias	Indicadores	Número de ocorrências	Total
Tipologia de sala Tradicional	Turma separada, menos comunicação	4	10
	Professor superior aos alunos (receio por parte dos alunos)	1	
	Falta de aproximação e comunicação	1	
	Sensação de sala mais pesada, triste e fechada	4	
Tipologia de sala Moderna	Aproximação e comunicação entre professor e alunos (convivência)	14	28
	Liberdade para trabalhos coletivos	2	
	Mais vida, cor, alegria e felicidade dentro da sala de aula	4	
	Exposição da sala mais livre, espaçosa, confortável e luminosa	8	

Tendo como intenção primordial indagar se a Educação Visual e a Educação Tecnológica são potenciadoras da Relação Professor-Aluno, através da entrevista de grupo realizada com as diferentes turmas, auscultámos um total de 45 alunos colocando questões que nos permitem ir de encontro aos objetivos do estudo. Feita a análise global podemos afirmar que na perspetiva dos alunos:

- 1) Nas disciplinas de EV e ET a relação professor aluno, fazendo parte do título deste trabalho de investigação, é o fator que mais se destaca, entendido como importante e positivo referido 57 vezes, inclui afirmações como a existência de diálogo, do clima de confiança ou do apoio dado pelos docentes entre outros fatores ajudando-nos a identificar o que professores e alunos pensam ser aspetos fundamentais no seu relacionamento e como o mesmo contribui para as aprendizagens, indo assim de encontro aos objetivos do estudo.
- 2) De seguida, desataca-se como preponderante o contributo das disciplinas de EV e ET para a promoção da autoestima do aluno, havendo 54 afirmações, como por exemplo o sentimento positivo e de orgulho na realização de trabalhos o facto de serem feitas exposições no âmbito das disciplinas corroborando um dos objetivos do estudo que pretendia perceber se as disciplinas EV e ET são importantes no progresso da autoestima do aluno.
- 3) 49 afirmações valorizam o contributo das disciplinas de EV e ET para a sua formação destacando especialmente o interesse por elas e a realização de trabalhos, mas também, entre outros fatores, o desenvolvimento da criatividade e expressividade, o desenvolvimento da cultura e capacidade de pensamento no futuro ou a diversidade de competências que adquirem, o que vai de encontro aos objetivos do estudo referentes ao contributo da EV e ET para o seu desenvolvimento e formação.
- 4) Destacam-se ainda com uma frequência elevada outras duas dimensões: o desenvolvimento da expressividade e criatividade com 46 afirmações destacando a liberdade de expressão através dos trabalhos e diálogo como fundamental o que vai de encontro a um dos objetivos do estudo que pretendia entender se as disciplinas de EV e ET são importantes no progresso da criatividade e expressividade dos alunos.

No que concerne à eventual influência do espaço da sala de aula específica de EV e/ou ET na relação professor aluno, a frequência de afirmações que corroboram essa influência é menor, 25 afirmações apontam esse fator como importante. No sentido de explorar melhor a importância dada pelos alunos à organização do espaço da sala de aula, foram-lhes apresentadas imagens de duas tipologias de salas de aula (figuras 1 e 2), sendo que nas respostas obtidas é indicada a preferência pela figura 2 'Sala Moderna' tendo-se obtido 28 afirmações indicadoras dessa preferência de entre as quais é destacado pelos alunos o modo como esse espaço facilita a relação professor-aluno (indicador referido 14 vezes).

O aspecto menos destacado pelos alunos foi o impacto da utilização da Metodologia Projetual, o que nos leva a considerar que as percepções dos alunos sobre as disciplinas de EV e ET não identificam a utilização do método de resolução de problemas como influencia relevante na relação professor aluno. Refletindo sobre este resultado percebemos que não será estranho considerando que se trata de um método adotado pelos professores na planificação dos projetos, isto é uma realidade mais conhecida por docentes do que por discentes.

Fazendo um cruzamento entre o que foi dito pelos alunos e as perspectivas de alguns autores mencionados na revisão de literatura, verificamos que os alunos vão de encontro às perspectivas de John Dewey, no que respeita à importância da experiência, e vivências que o indivíduo/aluno já passou, contextos, crescimento e interações, considerando processos de aprendizagem, aplicando assim o que já viveram à educação somada no contexto escolar. Relativamente às disciplinas de EV e ET, os alunos, reconhecem que são importantes na articulação com as suas vivências, com suas aprendizagens, com seus quotidianos. Afirmam ainda que os trabalhos realizados nas disciplinas de EV e ET, contribuía para a sua educação, com a interligação aos seus quotidianos, com a associação do que vivem diariamente, conseguindo assim perceber o porquê de estarem a desenvolver certo e determinado projeto.

Poderemos também encontrar correspondências com as ideias de Carl Rogers, que defende a educação como algo mais libertador, sem imposição de tantos limites ou julgamentos uma vez que os alunos sentem, nestas disciplinas bem-estar, conseguem desenvolver competências de expressão, demonstrando os seus sentimentos. Referem igualmente que conseguem dialogar com mais à-vontade, realçando este aspecto como algo muito positivo. Carl Rogers, defende também algo extremamente interessante que pode ser aplicado nas disciplinas de EV e ET, onde o indivíduo tem a possibilidade de escolher o seu caminho, tal como a aprendizagem não deve ser vista como algo obrigatório, mas algo dependente de vontade própria, sendo que os alunos referem que, embora não deixando de parte a ideia inicial defendida, têm a possibilidade de escolha ao longo do processo de concretização de seus trabalhos, que cada um vai finalizar conforme suas características e conhecimentos. Os alunos afirmam sentir uma maior aproximação, um maior à vontade nas aulas das disciplinas mencionadas, o que também vai de encontro à opinião de Rogers, para quem o professor deve ser autêntico quando exerce a sua profissão. Enquanto pessoa, não deve deixar de lado quem realmente é, aceitando assim, o mesmo por parte dos alunos, ouvindo-os, motivando-os, criando uma boa relação com eles.

No que diz respeito às perspetivas defendidas por Elliot Eisner, defende a importância do contacto dos alunos com as artes explicando que proporcionam ao aluno o desenvolvimento da sensibilidade, autonomia, criatividade, desenvolvem a capacidade de expressão, onde verificamos uma coincidência com os pontos de vista dos alunos, que dizem conseguir maior desenvolvimento ao nível da expressão, relacionando os seus sentimentos e sensações ao que criam, referindo que se sentem bem, envolvidos nas disciplinas de EV e ET, mais calmos e tranquilos. Os alunos indicam que conseguem, libertar-se mais, conjugando o que vivem com o que aprendem diariamente, mencionam que se sentem mais confortáveis, comparativamente a outras disciplinas, conseguindo, também estabelecer diálogo com os professores, sentindo-se mais tranquilos e relaxados no desenvolvimento dos trabalhos.

Finalmente, no que concerne às perspetivas defendidas por Liev Vygotsky, que entende que o professor deve suscitar o interesse em aprender nos alunos, ajudar o aluno a construir o seu conhecimento, salientando também a importância nas afirmações dos mesmos, pontos de contacto com esta valorização do fator motivacional uma vez que os alunos valorizam o fato de serem ouvidos, indicam que estas disciplinas, estabelecem ligações com situações do quotidiano, os ajudam a fazer a ponte entre situações do seu próprio meio com possíveis futuros profissionais.

5. Conclusões

Com esta investigação procurámos contribuir para responder à questão inicial de como a EV e ET podem ser potenciadoras da Relação Professor Aluno. Nesse sentido enunciámos um conjunto de objetivos aos quais procurámos responder.

O tema escolhido para esta investigação é um assunto muito importante a nível pessoal, pelo que também a este nível consideramos que faz todo o sentido estudar a relação professor aluno no âmbito das disciplinas que pretendemos vir a lecionar futuramente. A experiência com os alunos, a abordagem com eles deste tema veio a reforçar a ideia de que a proximidade do professor na escola, nomeadamente nas artes é fundamental para a sua aprendizagem.

Da revisão da literatura retirámos principalmente a ideia de que a Relação professor aluno é algo que tem vindo a progredir ao longo do tempo com a evolução na forma como as sociedades pensam a educação. Trata-se de uma questão importante para o desenvolvimento do aluno, segundo alguns autores, nomeadamente, Eisner,

Vygotsky, Dewey e Rogers. A revisão da literatura permitiu-nos ainda verificar qual tem sido a evolução da educação artística tecnológica, conseguindo ir de encontro às características atuais das disciplinas Educação Visual e Educação Tecnológica.

No que respeita à componente prática da investigação, a metodologia escolhida e respetivos instrumentos de recolha de dados permitiram-nos conseguir respostas por parte dos professores e alunos, mais extensas e reflexivas, para tal foi importante sentirem-se confortáveis em exprimirem o que pensavam acerca do tema, o que defendiam, não limitando as suas partilhas. No que respeita aos professores, apesar de o número de participantes ser limitado, as respostas obtidas realçam a importância da relação professor aluno, a importância do envolvimento do quotidiano e experiências de vida dos alunos nos seus trabalhos, do acompanhamento e diálogo próximos, da adoção da metodologia projetual, do espaço para a tentativa e erro, da liberdade de expressão e criatividade dentro destas disciplinas desenvolvendo a capacidade de expressão e autonomia nos alunos. Assim, foi possível obter opiniões de dois docentes que vão de encontro ao que os autores referidos anteriormente defendem contribuindo assim para responder à nossa questão inicial.

Ao longo deste percurso foram surgindo algumas limitações. Dificuldades, que tiveram de ser resolvidas, iniciando na pesquisa, adequando todas as perguntas de modo a conseguir chegar ao público de forma direta e clara, estudar a possibilidade de poder abordar outros assuntos que poderiam ser importantes neste trabalho, relacionados com as respostas que os alunos foram partilhando. Uma outra questão que inicialmente se colocou foi a incerteza de conseguir obter respostas por parte dos alunos, tentando desde princípio, nas gravações deixá-los o mais à-vontade possível, de forma a não se sentirem pressionados. Através destes diálogos com as três turmas, conseguimos criar ambientes confortáveis, onde puderam expor-se sem qualquer tipo de constrangimento, exprimindo o que sentiam.

No que concerne aos alunos, os resultados das entrevistas de grupo realizadas, reforçam a importância da relação professor aluno, salientam o fator diálogo como essencial para um bom relacionamento entre ambos, contribuindo para responder ao objetivo de identificar fatores chave dentro desta relação. Os dados obtidos através da entrevista aos alunos destacam a promoção da autoestima, da criatividade e da expressividade no âmbito das atividades realizadas nas disciplinas EV e ET e o papel das mesmas no seu desenvolvimento, contribuindo para responder a outros dois objetivos enunciados para este estudo, nomeadamente, perceber de que forma as disciplinas de EV e ET são importantes no progresso da autoestima, da criatividade, da

expressão e da confiança do aluno e perceber qual é a percepção dos alunos sobre a importância das disciplinas de EV e ET, para o seu desenvolvimento.

Foi possível perceber que, no entender dos alunos, estas disciplinas contribuem positivamente para esse progresso da autoestima, da criatividade e da expressividade, sendo o acompanhamento do professor e a sua capacidade de ouvir fundamental ao influenciar a confiança do aluno que, sentindo-se apoiado, continua a evoluir. Procurávamos ainda perceber de que forma o espaço físico das salas de aula de EV e ET interferem na promoção do relacionamento professor aluno onde, os resultados da entrevista e da apresentação de dois modelos de sala apontam para a preferência dos alunos pela “Sala Moderna”. Existe um espaço para a criação e criatividade, esse espaço físico, a sala de aula, influencia na aprendizagem, tal como na relação. Desta forma existe necessidade de que o mesmo se encontre organizado, possibilitando ao professor movimentar-se, conseguindo chegar livremente à turma, aos seus alunos, coletivamente e individualmente, consoante as suas necessidades, nas várias fases do projeto. Surgiram momentos em que os alunos sentiram necessidade de comparar a outras disciplinas, de forma a exprimirem que na EV e ET sentem um maior à vontade em função de modo como está organizado e é utilizado o espaço da sala de aula, permitindo a comunicação e desenvolvimento de trabalhos a nível de espaço, comunicação e desenvolvimento de trabalhos.

No que respeita às percepções dos alunos, o fator menos reconhecido como determinante no relacionamento professor aluno, foi a adoção da metodologia projetual no âmbito da EV e da ET. Sabemos que a metodologia projetual, dentro das disciplinas de EV e ET, ajuda o aluno a crescer, a criar e a ser ele próprio, ao desenvolver o seu trabalho, todas as fases do projeto, ao pensar no processo criativo, possibilitando a liberdade, sentido de responsabilidade e escolha do próprio aluno, em perceber o que deseja criar. A metodologia projetual dentro da disciplina de EV e ET, dá liberdade para desenvolver e articular projetos dentro das próprias, como com outras disciplinas, registando mais opções e atividades possíveis para o aluno poder desenvolver e crescer. Esta metodologia influencia na envolvimento que os alunos e o próprio professor têm em momentos de aula, fazendo-os perceberem que a aprendizagem, é pensada especialmente para eles, no entanto este fator dizendo respeito ao modo como são organizadas as aulas não parece ser tão perceptível aos alunos.

As ideias dos professores e alunos participantes relacionam-se ao longo dos dados recolhidos, respondendo aos objetivos propostos, referindo que compreendem a importância destas disciplinas para o desenvolvimento e crescimento do próprio aluno, defendendo a promoção de competências e capacidades, no desenvolvimento de seus

trabalhos, a autonomia, e a importância da proximidade e comunicação entre ambos. Referem que através do diálogo próximo, o aluno cresce a nível de responsabilidade, sentido crítico, reflexivo, tal como na forma de como intervém e reflete sobre si, sobre a sua autoavaliação, e se sentirá integrado no percurso de aprendizagem, crescendo, tal como aprenderá e aceitará a ajuda do professor para o progresso do seu trabalho, lembrando-se desse ensinamento para os próximos projetos. Tudo o que os alunos aprendem integram nos seus quotidianos, interligando aprendizagens à vida dando-lhes mais sentido, conhecimentos novos com os que já possuem.

O próprio professor, incentiva o aluno, influencia-o muitas vezes sem se aperceber, só pelo simples facto de estar presente, de o ouvir, de dialogar com ele, de conseguir chegar até ele, respondendo ao que precisa, ajudando assim para o crescimento e sua aprendizagem, dentro das disciplinas de EV e ET. Estaremos perante um “Bom Professor”, um professor reflexivo, atento, presente, preocupado, importado, com quem o rodeia, com os seus alunos, verificando-se através das respostas dos alunos que a empatia é uma característica importante na relação professor aluno.

Em suma, chegamos à conclusão de que, os alunos e professores, realmente entendem, defendem e percebem que as disciplinas de EV e ET são potenciadoras na relação professor e aluno.

A presente investigação contribui para confirmar a hipótese inicial sobre a EV e ET como possíveis Potenciadoras da Relação Professor Aluno, através das opiniões de suas opiniões. Estamos, no entanto, conscientes de que se tratou de uma investigação de pequena dimensão, realizada num curto espaço de tempo, com um número limitado de participantes, não permitindo a generalização dos resultados obtidos. É ainda importante realçar que a ligação deste estudo com a PES foi uma mais-valia, possibilitando a própria ligação mantida com os alunos que nos possibilitaram evoluir como futuros docentes aprendendo com eles, dando sempre uma especial atenção ao tema.

Apesar de termos contribuído para responder à questão de partida, no que respeita a limites do estudo e trabalhos futuros pensamos que seria importante o questionário aos professores, ser alargado a um número maior de docentes pois, teria sido uma vantagem obter mais respostas relativamente a este estudo, de forma a ganhar maior credibilidade. Seria igualmente importante ter efetuado experiências, relativas à disposição das mesas da sala de aula.

Consideramos, pois, que não se esgotou a temática abordada, pelo que este estudo pode servir como base para futuras investigações que procurem aprofundar,

aspectos da temática, contribuindo para o conhecimento de como a EV e ET podem ser Potenciadoras da Relação Professor Aluno e assim contribuir para o desenvolvimento do mesmo.

Bibliografia

- Arndt, P. A. (09 de fevereiro de 2012). *Design de espaços de aprendizagem: efeitos emocionais e cognitivos de ambientes de aprendizagem em relação ao desenvolvimento infantil*. Obtido de Wiley Online Library:
<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1751-228X.2011.01136.x>
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo* (70 ed.). França: Persona.
doi:<https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação Uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.
- Brito, M. C. (2014). *As Disciplinas de Desenho e de Educação Visual no Sistema Público de Ensino em Portugal, entre 1836 e 1986*. Lisboa. Obtido de
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/15801/1/ulsd069679_td_Maria_Brito.pdf
- Carvalho, M., & Schram, S. (2007). *O pensar educação em Paulo Freire*. Obtido em 17 de abril de 2021, de <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/852-2.pdf>
- Correia, L. M. (2014). *O contributo dos jogos e brinquedos tradicionais na motivação e empenho dos alunos na disciplina de educação tecnológica*. Obtido de
<https://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/2952/1/finali..pdf>
- Corsini, C. (19 de outubro de 2017). *Do professor de antes ao educador atual*. Obtido em 25 de abril de 2021, de Direcional Escolas. A Revista do Gestor Escolar:
<https://direcionalescolas.com.br/do-professor-de-antes-ao-educador-atual/>
- Costa, A. R., Silva, S. M., & Fernandes, F. B. (2015). *O envolvimento de jovens no ambiente construído da escola. Do espaço físico ao espaço educativo*. Obtido de
https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/ESC44_Costa.pdf
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas - Clara Pereira Coutinho*. Braga: Almedina.
- Decreto-Lei no 46/86 de 14 de outubro do Diário da República, Lei de Bases do Sistema Educativo. Diário da República: I série, No 237 (1986). Acedido a 28 dez. 2021. Obtido de <https://dre.pt/dre/home>
- Dewey, J. (1979). *Democracia e educação*. Brasil: Companhia Editora Nacional.
- Duarte, A. (06 de maio de 2017). *A escola do século XIX*. Obtido em 15 de maio de 2021, de Escola Portuguesa: <https://escolapt.wordpress.com/2017/05/06/a-escola-do-seculo-xix/>
- Educação, M. d. (2018). *Aprendizagens Essenciais | Articulação com o Perfil dos Alunos. 2.º Ciclo do Ensino Básico. Educação Visual*. Obtido de
https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/educacao_visual_2c_ff.pdf
- Educação, M. d. (2018). *Aprendizagens Essenciais | Articulação com o Perfil dos Alunos. 2.º Ciclo do Ensino Básico. Educação Tecnológica*. Obtido de

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/2c_educacao_tecnologica.pdf

- Einser, E. E. (jul/dez de 2008). O que pode a Educação aprender das Artes sobre a Prática da Educação. pp. pp.5-17. Obtido de <https://biblat.unam.mx/hevila/CurriculosemFronteiras/2008/vol8/no2/1.pdf>
- EVT, A. N. (2016). *Associação Nacional de Professores de Educação Visual e Tecnológica. Dossier*. Obtido em 16 de fevereiro de 2022, de <https://apevt.pt/wp/wp-content/uploads/2016/07/DOSSIER.pdf>
- Ferrari, M. (01 de outubro de 2008). *Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social*. Obtido em 09 de fevereiro de 2022, de Nova escola: <https://novaescola.org.br/conteudo/1453/carl-rogers-um-psicologo-a-servico-do-estudante>
- Ferreira, S. (2012). *O ensino das artes. Construindo caminhos*. Brasil: Papyrus Editora.
- Fortin, M. F. (2000). *O Processo de Investigação. Da concepção à realização*. Décarie Editeur.
- Frade, P. M. (2011). *Contributos da Educação Visual e Tecnológica numa Educação para a Cidadania*. Lisboa. Obtido em 09 de maio de 2021, de <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2135/1/Disserta%20a7%20a3o-MAE-PaulaFrade%202012.pdf>
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. Brasil: Paz e Terra S/A. Obtido em 23 de dezembro de 2021, de <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1992). *O Inquérito Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora. Obtido de https://www.academia.edu/40319071/O_INQUERITO
- Hamze, A. (s.d.). *Escola nova e o movimento de renovação do ensino*. Obtido de Canal do Educador: <https://educador.brasilecola.uol.com.br/gestao-educacional/escola-nova.htm>
- Lima, J. (1996). *O Papel de Professor nas Sociedade Contemporâneas*. Açores. Obtido em 02 de maio de 2021, de <https://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/ESC6/6-3-lima.pdf>
- Magalhães, A. M. (2014). *A aprendizagem cooperativa enquanto estratégia para promoção da atenção dos alunos*. Lisboa.
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrillo, J., Silva, L., . . . Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE).
- McMillan, J., & Shumacher, S. (1989). *Research in education: A conceptual introduction*. Glenview: Scott: Foresman and Company.
- Nóvoa, A. (2005). *Para uma formação de professores construída dentro da profissão*. Obtido em 17 de abril de 2021, de <https://www.educacionyfp.gob.es/revista-de-educacion/dam/jcr:31ae829a-c8aa-48bd-9e13-32598dfe62d9/re35009por-pdf.pdf>
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Areal Editores.

- Pereira, L. C. (2006). *História da Educação*. Obtido em 14 de fevereiro de 2022, de Infoescola: <https://www.infoescola.com/pedagogia/historia-da-educacao/>
- Pires, A. L. (2002). *Educação e formação ao longo da vida: análise crítica dos sistemas dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagem e de competências*. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia. Obtido de https://run.unl.pt/bitstream/10362/1004/1/pires_2002.pdf
- Seixas, C., & Gonçalves, E. (2005). *Evidentemente Histórias da Educação*. Obtido em 24 de maio de 2021, de <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4810/1/9789724142142.pdf>
- Silva, N. A. (2013). *A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO*. Obtido de Brasil Escola: https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm#indice_3
- Silva, W., Claro, G. R., & Mendes, A. P. (s.d). *Aprendizagem Significativa e Mapas Conceptuais*.
- Teixeira, H. (18 de novembro de 2015). *Teoria da Aprendizagem Significativa de David Ausubel*. Obtido em 28 de dezembro de 2021, de Hélio Teixeira: <http://www.helioteixeira.org/ciencias-da-aprendizagem/teoria-da-aprendizagem-significativa-de-david-ausubel/>
- Uncapher, M. (14 de outubro de 2016). *Ambientes de aprendizagem. A ciência dos espaços de aprendizagem eficazes*. Obtido de edutopia: <https://www.edutopia.org/article/science-of-effective-learning-spaces-melina-uncapher>
- Vygotsky, L. S. (2003). *Psicologia Pedagógica*. (C. Schiling, Trad.) Brasil: Artemd Editora S.A.

Anexos

Anexo 1 – Dossier Detalhado da PES I (disponível em suporte digital)

Anexo 2 – Dossier Detalhado da PES II (disponível em suporte digital)

Anexo 3 – Dossier Detalhado da PES III (disponível em suporte digital)

Anexo 4 – Transcrição diálogo das 3 turmas

Turma 5.ºA

...

Anabela: Acham que as disciplinas de EV e ET são importantes?

(Muitos dedos no ar)

A.A: Eu acho que é importante para aprendermos a desenhar, para aprendermos as energias e aprendermos lições de vida.

D.M: Aprendemos as evoluções dos objetos, a recortar, desenho.

M: Em EV e ET aprendemos cultura geral, tipo várias coisas sobre o mundo... As energias, a evolução.

Anabela: Acham isso importante?

M: Sim, é importante.

S: Eu acho que a EV e ET são muito importantes, como há muitas profissões que necessitam de muitas coisas. Nós também aprendemos muitas coisas sobre o mundo.

S: Eu acho que é importante, porque temos mais aprendizagens e tecnologia.

M: Na maior parte das vezes aprendemos a expressar os sentimentos a desenhar.

S: Acho que são muito importantes para o nosso ensino, porque nós conseguimos expressar os nossos sentimentos e conseguimos evoluir, ou aprender a desenhar, e um pouco mais.

Anabela: E que tipo de sentimentos costumam expressar, ou que acham que sentem necessidade de expressar?

M: Eu acho que nós expressamos às vezes alegria, às vezes podemos expressar tristeza.

S: Criatividade.

J: Solidão.

M: Amor.

M.S: Expressamo-nos melhor, por exemplo quando nós estamos em EV, conseguimos nos expressar melhor em nossas características, aprendemos muito a desenhar e se alguém aqui na turma quiser ser engenheiro, ou arquiteto, começa a aprender a desenhar e acho que é isso.

I: É preciso mostrar felicidade e esforço para fazer os trabalhos.

M: Também expressamos a imaginação.

J: Eu acho importante as disciplinas porque dá-nos tranquilidade no desenho, na pintura, é importante para as nossas vidas futuras, também precisamos de aprender muitas coisas que acontecem no nosso dia a dia como cortar, pintar.

J.L: Eu acho que são importantes porque ajudam-nos a desenvolver as nossas capacidades e sempre nos vão ajudar no futuro. E de qualquer das formas, agora vou referir-me mais a EV, conseguimos expressar e desenvolver a nossa imaginação.

Anabela: As disciplinas de EV e ET contribuem para a vossa educação?

Alunos: Sim.

Anabela: De que forma?

M.S: Eu acho que contribuem muito para a nossa educação, desenvolvemos mais a nossa arte, o nosso espírito, desenvolvemos melhor os desenhos, por exemplo eu nunca sabia o uso do papel vegetal se não fosse em EV.

Anabela: OK. Isso é importante e a aprendizagem que fizeste.

Diz

A.A: Ah! Eu acho que contribui para a nossa... para tudo, porque, querendo ou não desenhar e pintar, é uma forma de relaxarmos, é tipo uma terapia.

M: Ela contribui para a nossa educação. Nós em EV e ET aprendemos várias coisas, aprendemos lições para a vida e tipo, os direitos.

Anabela: Vocês acham importante aprenderem esse tipo de coisas, na escola, em EV e ET?

Alunos: Sim.

J: Alguns conteúdos que abordamos nestas disciplinas ensinam-nos a viver em sociedade.

S: É importante porque começamos a aperfeiçoar a nossa técnica, os nossos desenhos e aprendemos a expressar.

Anabela: Que características diferentes encontram nestas disciplinas?

B: Por exemplo, aprendemos as energias, aprendemos em EV a desenhar, a recortar, a fazer os desenhos sobre os direitos das crianças, a ilustrar...

Anabela: Mas características em si, nas disciplinas, o que é que vocês vêm de diferente, para além de fazerem isso tudo. Notam outras coisas que não vêm noutras disciplinas?

M.S: Temos a criatividade. Eu acho que nas outras disciplinas não temos nenhuma criatividade, sendo que EV e ET, nós temos muita. Todas as crianças deveriam de ter esta disciplina, porque se não elas nunca vão conseguir aprender a pintar, a desenhar, a recortar e eu acho que essas crianças deveriam de ter uma oportunidade na vida.

Anabela: OK. Muito bem.

D: Em EV, vêm-se coisas que não se vêm em ET. Nós em EV, não falamos da evolução da tecnologia, falamos de coisas manuais, de fazer mais à mão, e em ET, nós vemos energia, falamos de muitas coisas que podemos vir a precisar nas nossas profissões e em EV falamos de coisas mais manuais.

M: Eu acho que em ET, nós falamos das energias e em EV em mais arte, desenho, pintura.

Anabela: Vocês acabam por ter ambas as coisas também em ET, pois precisam de fazer os projetos, não é? Mas sentem que em EV, está mais presente.

J: Eu em EV e ET, relativamente a outras matérias, acho que desenvolvemos mais a nossa capacidade, fazemos assim mais coisas manuais, digamos assim, relativamente a outras matérias.

M: Noutras disciplinas nós não desenvolvemos tanto a nossa forma de desenhar, e de tudo o que aprendemos em EV e ET, e em Educação Visual trabalhamos mais as técnicas de pinturas e ET as técnicas de evoluções e tecnologia.

S: Em EV falamos mais sobre o que ela disse, mais sobre circunferências, sobre linhas retas, é o que podemos aprender noutras disciplinas, mas que começamos em EV e ET. Começamos a fazer primeiro em EV e ET.

J.L: Em ambas as disciplinas nós utilizamos materiais diferentes para fazermos os nossos trabalhos. É que em EV nós desenvolvemos mais a nossa capacidade artística e em ET talvez mais tecnológica.

Anabela: Vocês conseguem ver algumas diferenças entre ambas. Vocês sabem que estas duas disciplinas já foram uma só! EVT.

Quando eu era aluna do 5º e 6º anos eu tinha EVT, ou seja, as duas numa.

(Alguns alunos já sabiam, outros ficaram surpresos).

Anabela: Relativamente aos trabalhos nas disciplinas, acham que nestas disciplinas vocês se expressam?

Alunos: Sim.

Anabela: São criativos?

Alunos. Sim.

Anabela: Têm mais liberdade para serem vocês próprios?

Alunos: Sim.

Anabela: Porquê?

M.S: Porque temos mais vontade de aprender, desenvolver.

J: Acho que não é uma disciplina... não é que as outras sejam, mas esta não é massacrante, estamos mais à vontade, mais relaxados.

D: Essas disciplinas tranquilizam-nos, comparadas com outras, que... é assim, a EV e ET, e expressamo-nos muito.

M: É assim. Se nós formos comparar Educação Visual e Matemática, na Matemática não há forma de expressarmos a nossa criatividade. Em Educação Visual basta desenhar e... pronto... é isso.

S: Mas, para tu teres Educação Visual, precisas da Matemática.

M: Mas para ter Matemática, também precisas de outras matérias.

Anabela: Precisam uma das outras para se complementarem.

Gostam de fazer os vossos trabalhos nas disciplinas de EV e ET?

Alunos: Sim!

Anabela: Porquê?

M.S: Porque evoluímos a fazer esses trabalhos, por causa de conseguirmos usar materiais que nós gostamos, desenvolvemos muitas coisas.

J: Eu gosto porque acho que são coisas do nosso agrado e que nós gostamos muito de fazer, e que são bonitas e criativas ao mesmo tempo.

S: Eu acho que os trabalhos de EV e ET são bons para nós, porque nós conseguimos melhorar as nossas técnicas, enquanto também podemos aprender qualquer coisa sobre pintar e também nos ajuda a ter mais criatividade.

M: Sim, e gosto desses trabalhos, porque nos dão inspiração para continuar e para mim, podia ter um dia só de EV e ET, só de trabalhos manuais.

M: Eu gosto e também são importantes, tipo para o futuro. Imagine, trabalho numa fábrica. Na fábrica, às vezes tenho de fazer algumas coisas, para entregar, tipo a outras fábricas e temos de desenhar.

Anabela: E vocês comparam muito isso ao processo que vocês fazem, no desenvolvimento do vosso trabalho por fases.

Alunos: Sim.

S: Eu gosto de EV, porque, por nós estarmos a pintar e a fazer coisas divertidas, o tempo passa bastante rápido e não é uma atividade secante que estamos ali sem fazer nada...

B: Não é sem fazer nada... estás a olhar para um quadro, a ouvir a matéria, e a copiar para o caderno, noutras disciplinas.

S: A forma de como nos sentimos e estamos na aula, é por causa do professor, não é por causa da matéria.

B: Eu antes gostava de Matemática, e agora eu cheguei aqui e com os professores, é assim, detesto Matemática. Por causa dos professores a gritaram.

J.L: Eu acho que depende muito dos professores e é o que acontece muito em EV, os professores também nos tratam bem e em algumas matérias já não é bem assim, já são mais exigentes, rigorosos, sentimo-nos mais à vontade com os professores de arte.

Anabela: Ok. Obrigada!

Vocês gostam dos resultados que apresentam dos vossos trabalhos?

Alguns alunos: Sim.

Alguns alunos: Não

Alguns alunos: Depende do trabalho, depende de qualidade.

M: Então é assim, depende como eu elaborar o trabalho. Eu normalmente gosto muito de mostrar porque, é o que eu fiz e é como eu me expressei, mesmo se ficar horrível, que muitas vezes fica.

S: Depende do trabalho. Se for um trabalho que eu acho que me esmerei e tem um pouco de qualidade, eu acho que é um bom trabalho, mas também depende do meu dia, se eu tiver num dia em que não me apetece fazer nada, o trabalho fica horroroso.

Anabela: Imaginem que eu e a professora Raquel vínhamos num dia em que não nos apetecia fazer nada, como é que ia ser com vocês?

M: Eu ajudava a tentarem fazer alguma coisa.

Manas: Eu no geral gosto dos trabalhos que eu faço, há uns melhores e há outros... ah, depende. Porque eu... há tipo de pessoal que desenham muito bem e expressam seus trabalhos muito bem, mas depende também da pessoa e da qualidade da pessoa, do trabalho, da mão dela. De como faz os trabalhos.

L: Há desenhos que me correm muito bem, como é normal, como há desenhos que me correm mal, e há dia que estou bem disposta e há outros dias que estou mal disposta.

L: Sentimo-nos bem quando o nosso trabalho é valorizado.

J: Eu gosto muito dos meus trabalhos, porque foi uma coisa que fiz e dá-me orgulho coisas que eu fiz e ficaram bonitas. E temos de pensar sempre pelo lado positivo.

S: 50% de confiança do que vai dar, se nós acreditarmos que irá dar bem, de certeza que vai resultar.

Anabela: Qual é a sensação que vocês têm?

A tua colega diz orgulho! Diz!

J: Eu acho que nós temos de acreditar em nós próprios porque se não acreditarmos em nós próprios, não vai acontecer nada, digamos assim.

J.L: Eu sinto-me satisfeita, orgulhosa do meu trabalho e de mim mesma e eu gosto de todos os trabalhos que eu faço.

Anabela: Mais.

Diz!

A: Eu gosto dos trabalhos que faço, mas normalmente eu sinto-me insatisfeito, porque ao ver os trabalhos das outras pessoas eu penso que estão melhores.

Anabela: Então, se calhar não é insatisfeito, é inseguro.

A: sim, eu sinto-me inseguro com os meus trabalhos.

M: Como já todos sabem eu não sou assim tão bom a ilustrar, mas eu acho que os meus trabalhos ficam mais ou menos, eu gosto do que faço.

M: Eu às vezes gosto dos trabalhos, mas noutras vezes não porque vejo que os outros estão melhores e também tenho um pouco de insegurança, porque acho que não ficaram tão bem.

Anabela: É normal, todos temos. Também tenho as minhas inseguranças, como vocês podem imaginar. O importante é vocês ficarem felizes com o que realizam.

S: Eu vou entrar na conversa do M, ele está... o que ele disse, é que ele faz o seu melhor, tenta fazer o que consegue fazer, e vai ter de aprender mais coisas.

M: Eu às vezes fico também um bocado triste, de eu poder ter feito melhor e não fiz.

Anabela: Se fosse realizada uma exposição com os vossos trabalhos, o que achariam?

Alunos: Já foram realizadas várias.

M: Numa exposição, normalmente não é para estarem muitos trabalhos mal feitos, que são feitos à pressa. Se muitos dos trabalhos estiverem numa exposição é bom sinal. Significa que irei me sentir bem com isso.

J: Eu sinto orgulho, porque quando vão para uma exposição, que dizer que estão bem feitos, e que gostaram do meu trabalho, e que consigo fazer muito mais e que muitas coisas mais podem ir para a exposição. Não só aqueles trabalhos, mas outros também.

D: Como eu já lhe disse, também sinto muito orgulho, porque um trabalho é aquilo que geralmente é a nossa cara, num papel, e se nós metermos numa exposição, é como se nós estivéssemos na exposição, mas no papel.

M: Eu sinto orgulho... Se me puserem na exposição eu sinto orgulho, quer dizer que o meu trabalho foi valorizado por alguém e que também, para essa pessoa, a professora gosta do desenho e sente orgulho.

M: Quando eu vi o meu trabalho na exposição, eu gostei muito, quer dizer que o professor ou a professora gostaram muito do meu trabalho, valorizaram e que eu fiz um bom trabalho e que gostaram muito e isso é muito importante.

Anabela: Principalmente o esforço que vocês fazem quando estão a realizar os vossos trabalhos.

B: Eu quando vi o meu trabalho, eu também fiquei muito feliz e alegre, porque como a M disse, é como se as professoras tivessem gostado do meu trabalho e eu senti orgulho por isso, porque fui eu que fiz.

L: Quando eu vejo um trabalho meu, numa exposição, eu sinto-me orgulhosa, porque sei que fui eu que fiz, fui eu que tive a imaginação de fazer aquele desenho e apesar de não estar perfeito, sei que fui eu e que é único.

J.L: Eu gosto que os meus trabalhos sejam expostos, porque eu fico contente e sinto-me orgulhosa do que eu fiz e eu gosto de mostrar os meus trabalhos às pessoas, por isso...

S: Eu também gosto que os meus trabalhos estejam numa exposição, porque é sinal de que eu me esforcei para conseguir que os trabalhos lá ficassem e que as pessoas, mesmo que não achem bonito, vai ser sempre meu e vou gostar muito.

M: Eu acho que me sinto bem que os meus desenhos fiquem numa exposição, porque gosto de mostrar à escola

M: Eu acho que também ficaria muito contente se o meu trabalho entrasse numa exposição, e ao mesmo tempo ficava triste, porque se os outros achassem o meu trabalho feio.

Anabela: Mas interessa o que os outros acham? Importas-te com isso?

M: Às vezes, dependendo daquilo que nos dizem.

M: Gostaria que o meu trabalho estivesse numa exposição que, sinto orgulho no trabalho que fiz e gostava que elogiassem o meu trabalho mesmo que estivesse mal.

A: Eu gostaria que o meu trabalho estivesse numa exposição se fosse o que eu conseguiria fazer, mas normalmente eu acho que os meus trabalhos são maus e prefiro que não estejam nas exposições, e se estivessem, preferia que estivessem escondidos.

Anabela: Voltamos à insegurança. Falar sobre isto é importante.

Pessoal vou pedir-vos um favor. Vou entregar esta folha e vai rodar por todos vocês. Vão me dizer o vosso nome e a figura que escolheram, se é a número 1 ou número 2. Ok?

M: 2

D:2

L:1

D:1

M:1

S:1

B:1

J.L:2

M:1

M:1

S:2

L:1

J.C:2

A:2

L:1

M:2

T:2

I:2

Anabela: Ora bem, o que é que vocês viram de diferente nestas imagens?

S:” Óh professora, eu não percebi a imagem 2”.

J.L:” É que na imagem 2, digamos que há mais vida e parece que estão mais animados e, têm os alunos e o professor a falar, e parece melhor, mais divertido”.

L:” Acho que eles trabalham mais em grupo, e estão mais, convivem mais do que só estarem numa cadeira e numa mesa”.

D:”. Eu escolhi a imagem 2, porque na imagem 1, é como a J.L, disse. É uma cadeira e uma mesa, sozinhos. Na imagem 2, é a união que estão todos juntos, falam, convivem”.

D:M”. Eu escolhi a imagem 2, porque era uma seca ficar sozinho, a fazer o meu trabalho, sem... e a imagem 2 era mais divertido, comunicavam mais.

A.A: “Eu escolhi a imagem 2, porque parece que eles estão a conviver, não parecem aquelas aulas chatas, que nós só copiamos do quadro, fazemos as perguntas e a 2, parece que é uma aula mais divertida, mais viva”.

S:”. Então, eu escolhi a 2, porque eu acho que a imagem 1, é tipo uma turma toda separada, que quase não convive e a imagem 2 tem mais alegria, mais felicidade, para com todos nós.

Anabela: Agora vou só tentar dizer-vos uma coisa!

A imagem 1, é uma sala grande, comprida, e não sei se vocês repararam, tem um estrado lá no fundo. Alguém sabe o que é um estrado? (Exemplifiquei, subindo num grau superior (muro pequeno), mostrando uma altura, superior aos alunos.

Alunos: Eu tinha no 1.º ano, assim!

Anabela: Nesta situação, o professor está sempre mais alto que vocês, a andar de um lado para o outro.

M: Isso é bué mau, eu odeio isso.

Anabela: O professor permanece no estrado, possivelmente não vai ter com vocês, não anda junto a vocês. Tem junto a ele a sua secretária e comunica, talvez de longe com vocês.

M: Não, isso é horrível.

Anabela: Na imagem 2, e apenas estou a explicar-vos algumas características relativamente às imagens que escolheram. Hão de reparar que a sala, a posição das mesas está em U, ou até em volta do professor.

Alunos: Em O, redondo.

Anabela: E o professor está no meio.

Alunos: E que não é superior, nem inferior.

Anabela: Esse vocês precisarem de alguma coisa, se tiverem algum problema, alguma dificuldade, o professor chega mais facilmente a vocês, baixa-se até vocês se necessário, ao vosso nível, no sentido de conseguir falar com vocês. Era nesse sentido que queria que vocês conseguissem perceber as imagens.

Alunos: Podemos trocar de imagem professora?

D:”. Então, uma coisa comparada na imagem 1 e na imagem 2, é que, na imagem 1, é como a professora disse, o estrado, na imagem 1, é como se o professor fosse superior a nós. E como na imagem 2, o professor é igual a nós, pode ser maior, mas não está superior” (tem a ver com o estrado).

M:”. Posso escolher a imagem 2?”

Alunos:”. Quero a imagem 2”.

(Depois os alunos quiserem todos a imagem 2).

Anabela: Acham que o espaço de sala de aula influencia a vossa comunicação e interação com o professor?

S: Sim.

Alunos: Sim.

Anabela: De que forma?

De que forma o espaço de sala de aula influencia a vossa comunicação comigo, com os professores?

M: Como a professora falou, o estrado, nas aulas de educação visual, não dava muito jeito, porque isso requer a ajuda dos professores, nem sempre os alunos sabem fazer tudo sozinho, logo eu preferia uma sala onde estivéssemos mais próximos.

S: Com mais e maior ajuda.

Anabela: Ok, que conseguíssemos estar mais próximos de vocês.

O facto de eu andar à vossa volta, de circular entre vocês, acham que ajuda no vosso desenvolvimento.

Alunos: Sim.

Anabela: Ajuda nos vossos trabalhos?

Porquê?

D: Porque nos ajudam a desenvolver vários trabalhos que nós não conseguimos e, às vezes não estamos a conseguir uma coisa, assim o professor vai lá e ajuda-nos a fazer o trabalho e principalmente, a nos dar incentivo, para o continuar.

A: Pode ajudar, não é a qualquer momento, porque tem uma turma inteira, mas podemos chamar por ele quando precisamos e ele pode tirar-nos alguma dúvida e alguma coisa que nós tenhamos dúvida, ou a querer falar ou pedir algo.

Anabela: E acham isso importante?

Alunos: Sim.

Anabela: Acham que o facto de os professores circularem entre vocês ajuda no vosso trabalho, nas vossas questões, e interesses?

Alunos: Sim.

Anabela: Acham que ajuda nos vossos interesses?

Alunos: Sim

Depende.

Nem tanto, porque os interesses são nossos.

Anabela: Imaginem, vocês têm uma ideia, e querem desenvolver essa ideia, mas não sabem como. É um interesse vosso.

Acham que ajuda o facto de nós andarmos entre vocês?

Alunos: Sim

M: Não porque os professores podem não entender o nosso interesse.

Anabela: Sim, mas imagina. Se eu ficasse parada no mesmo sítio, o que é que ajuda mais?

M: Aí não ia conseguir ajudar muito.

J: Ajuda mais as professoras andarem a circular.

D: E às vezes os professores, ajuda a escolher algumas das nossas opiniões.

Anabela: Sentem que nas disciplinas de EV e ET, há espaço para o diálogo entre a turma e o professor?

Alunos: Sim.

S: Como estamos a falar agora.

Anabela: Acham que isso é importante e que há espaço?

M: Super!

M: Depende! Normalmente, o número de alunos que veio para a turma, influência o espaço, porque enchemos mais a sala.

Anabela: Mas estou a falar de espaço, no sentido de oportunidade de haver comunicação entre o professor e o aluno.

L: Há. Sim. Digamos que sim.

M: Porque supostamente eu já não acho que é tanto assim, porque, não há tanto espaço, para nós termos de vir fazer os projetos cá para fora, para outro sítio, significa que não temos tanto espaço na sala de aula, e temos mais espaço cá fora.

Anabela: Relativamente a isso, é pelo facto de querermos que vocês se sintam mais à vontade, que se envolvam mais e em ambientes diferentes.

J: E podemos eventualmente estar mais à vontade cá fora, do que propriamente dentro de sala de aula. Em vez de estar sempre naquela coisa fechada e não poder sair de lá! E estamos mais livres. Não nos sentimos presos.

Anabela: Ok, boa, obrigada! Vamos então passar para a próxima pergunta. Como acham que é a vossa comunicação/diálogo com o professor desta disciplina? Mais ou menos livre?

Alunos: Mais.

Anabela: Em que sentido?

M: No sentido da expressão. Expressamo-nos com os professores e não vamos desistir.

M: Com alguns certos professores, que dão a matéria, não nos podemos expressar.

M: É mais livre nestas disciplinas, porque nós temos professores que nos deixam dizer as nossas opiniões.

Anabela: E vocês acham isso importante?

Alunos: Acho. Sim.

M: Eu acho que ouvir as opiniões de todos é muito importante, para sabermos o que está certo, o que está errado, o que podemos fazer de bom e corrigirmos.

D: Também porque sentimos mais à vontade.

A: Porque os professores ouvem-nos. Não é como nas outras disciplinas. Perguntam-nos e temos de responder bem. Em EV e ET, podemos responder “qualquer coisa”, o que nós pensamos, que pode estar dentro do tema e mesmo assim pode estar certo.

D: Eu sinto-me mais à vontade porque as professoras são educadas.

M: Neste caso não é a matéria que importa, é o professor mesmo.

Anabela: Acham importante o professor e o aluno terem uma boa relação, darem-se bem? Ou não tem interesse?

M: Sim.

S: Eu acho que faz bem darem-se bem, porque dão de outra forma a matéria e reagem melhor, do que estarem os dois chateados, sem estar com vontade de dar matéria.

J: Eu acho que nós devemos ter uma boa relação com o professor porque eles assim, acho que nós conseguimos confiar mais neles, e é uma fonte de inspiração também, como uma fonte de confiança.

Anabela: Acham que uma boa relação entre o professor e o aluno influencia na vossa aprendizagem, nas vossas aulas, nos vossos trabalhos, nas vossas emoções?

L: Eu acho que influencia muito, porque, imagine, se nós não gostarmos do professor, não vamos gostar da matéria.

J: Pegando num pouco que ela disse, há professores mais secos, vá digamos assim, que não são tão divertidos e que não sabem divertir os alunos.

M: Eles até podem ser muito bons a dar matéria e isso tudo, mas há professores que não são tão bons, não estou a dizer que não são bons, mas os outros têm uma forma divertida, mais eficiente de aprender e ensinar, para com os alunos.

Anabela: E acham que essa relação influencia na vossa atitude, perante sala de aula.

Alunos: Sim.

M: Oh professora, eu por exemplo, na minha opinião, eu tenho melhor relação com uns professores do que com outros, também tem a ver conforme eles dão as aulas.

Anabela: E em relação a EV e ET?

Alunos: Sim.

Eu acho que é maior.

Mariana: Eu acho que também por serem as professoras.

Anabela: Falta só mais uma pergunta!

Vêm contentes para as aulas de EV e ET?

Alunos: Sim!

Anabela: Com vontade de trabalhar?

Alunos: Sim

Anabela: Mentirosos 😊

Alunos: E não!

T: Nestas aulas a gente pode desenhar e pintar, nas outras aulas a gente tem que escrever.

D: Eu venho motivada porque é uma das minhas disciplinas preferidas, e dá-me vontade de fazer coisas e de trabalhar, e isso tudo.

M: Porque gosto muito dos professores e também da matéria em si é fixe. Digamos que é diferente, conseguimos fazer coisas diferentes, do que fazemos nas outras disciplinas.

J.L: Eu gosto porque sou sempre curiosa para saber o que é que vamos fazer nas aulas, para exprimir, para expressar. As aulas passam muito rápido e eu não gosto disso. Passa rápido porque estamos a fazer algo que gostamos, porque estamos felizes em fazê-lo.

Turma 5.ºB

...

Anabela: Alguém se lembra do título, do qual se tratava o projeto, onde estão a participar de momento?

I.L: A expressão?

M.L: Estagiar?

Anabela: Está relacionado com a EV e ET, como potenciadoras na relação professor-aluno. O que acham que isto quer dizer? Acham que a EV e ET podem ajudar, na relação professor-aluno?

I.L: Sim.

Anabela: De que forma?

I.L: Conversando

D: Fazendo trabalhos.

Anabela: Que tipo de trabalhos?

I.L: Com expressão.

D: Materiais.

Anabela: O que é que vocês sentem de diferente?

M.L: Desenhamos mais.

D: Eu acho que fazemos mais trabalhos manuais.

Anabela: É importante vocês fazerem esses trabalhos manuais?

I.L: Sim.

V: Claro

M: Desenvolve mais a nossa criatividade-

Anabela: Acham que as disciplinas de EV e ET, são importantes.

Vários alunos: Sim

Anabela: Porquê?

L: Para criar uma carreira artística.

I.L: Para sermos mais criativos, pensativos.

M.L: Ter mais criatividade, saber mexer nas coisas.

Anabela: Aceito tudo o que disserem, fiquem confortáveis e sejam sinceros.

I.L: Utilizar cada vez mais materiais diferentes, aprender como se usam.

M: Expressamo-nos.

Anabela: Estou a gostar, vamos continuar. Porque acham que é tão importante assim?

D: Para desenvolver as atividades.

M e I.L: Para sabermos como é que é que estamos a nível de pintura e desenho.

M: Acho que em EV e ET, nós conseguimos ser mais quem somos, do que nas outras aulas, do que nas outras aulas.

Anabela: Notam que têm uma postura diferente nas aulas de EV e ET?

I.L: Estamos mais à vontade.

Anabela: Uma segunda pergunta. Acham que as disciplinas de EV e ET, contribuem para a vossa educação?

Vários alunos: Sim

Anabela: De que forma.

M: A nível psicológico.

M.L: Organização.

I.L: Físico.

A.G: A forma de como nos expressamos com os desenhos.

M: quando nós fazemos, assim um trabalho e as professoras apresentam um Power Point, acho que nós percebemos melhor, a matéria, mesmo com os jogos que fazem nas aulas, connosco.

Anabela: Que características diferentes encontram nestas disciplinas. Podem dizer tudo aquilo que se lembram.

M: Nestas disciplinas nós desenvolvemos trabalhos de pintura... manuais.

L: Origamis.

M: Desenvolvemos trabalhos em grupo e individuais.

Anabela: E na própria sala de aula, o que vocês encontram de diferente? E mesmo em vocês?

I.L: As professoras.

V: As coisas onde estão os nossos trabalhos manuais, na nossa sala de aula, habitual, não há trabalhos manuais. Naquela há!

Anabela: Então, a sala de EV e ET, tem algumas diferenças, relativamente há vossa sala habitual? É isso?

V: Sim.

M: Na sala de EV, aquela sala parece que é mais alegre do que as outras.

I.L: É mais bonita e espaçosa.

M: Tem mais trabalhos coloridos.

I.L: A sala é muito espaçosa, já para nós estarmos lá, mais à vontade.

M: Tem mais luz.

Anabela: Sentem-se bem nessa sala de aula?

Muitos alunos: Sim.

D: E há muitos materiais que nós temos naquela sala e noutras não.

Anabela: O que vocês acham que têm na vossa sala de arte, e nas outras não têm.

D: Coma quente.

M.M: Materiais.

M: Quadros.

D: Pinceis.

I-L: Trabalhos manuais.

M.L: Tintas.

Anabela: Digam-me coisas com as quais se sentem confortáveis na vossa sala de aula. Falem comigo!

M: Eu gosto muito do método de que as professoras usam para nos ensinar. Como aquela fotografia do senhor, com o compasso.

Anabela: Tentamos usar a brincadeira para vos ajudara a aprender.

M: Sim

Anabela: Ora bem, relativamente aos trabalhos nas disciplinas, acham que nas mesmas vocês se expressam?

I.M: Sim, bastante. Em termos de desenhos, trabalhos manuais.

I.L: Quando estamos a falar.

M: O que nós sentimos, nós pomos tudo nos trabalhos manuais.

Anabela: O que vocês sentem, expõem nos vossos trabalhos?

M: Se nos sentimos tristes, nós normalmente fazemos uma pintura com cores mais frias.

Anabela: O que me estão a dizer, é que consoante o que sentem, adaptam ao que fazem, conseguindo ver isso, também através das cores.

Anabela: Sentem-se mais libertos para falar nestas aulas.

Vários alunos: Sim.

L: Eu não!

Anabela: Não consegues falar nestas aulas.

L: Conseguir consigo.

Anabela: E não te sentes mais livre de o fazer?

(O aluno concorda com um aceno de cabeça).

Anabela: Vocês sentem-se criativos?

Alguns alunos: Sim

M.L: Mais ou menos.

M e L: Mais ou menos.

Anabela: De que forma?

M: A desenhar, na forma de como nos expressamos, a pensar.

I.M: A falar.

Anabela: Acham que têm mais liberdade para serem vocês mesmos? Vocês próprios?

I.M e M: Sim.

Anabela: Como? Vocês sentem-se mais à vontade?

I.M: Si, com as professoras.

Anabela: Como assim?

M: Quando nós estamos, por exemplo, a fazer trabalhos, o que na outra sala de aula não acontece, nós sentimos que estamos a desenvolver mais de nós.

Anabela: Sentem mais liberdade em serem vocês mesmos, nas salas de EV e ET. Quando vocês entram...

Vários alunos: Sim.

M.M: Mias ou menos. É diferente, não sei explicar, mas é para melhor.

Anabela: De que forma, porquê?

M.M: Por ser mais espaçosa, por ter mais tipo de material...

L: As mesas são de um tamanho que eu gosto.

A.G: Nós falamos mais com as professoras de EV e ET, conseguimos expressar mais com vocês, do que com os outros professores.

Anabela: Acham que conseguem falar mais facilmente com os professores de EV e ET nessas aulas, do que com outros professores de outras matérias? É isso?

Vários alunos: Sim.

Anabela: Sentem-se confortáveis em fazê-lo?

I.M: Mais à vontade. Do que estarmos fechados na sala só podermos falar quando o professor nos deixa falar.

D: se falarmos levamos sermão.

L: E na sala de EV e ET, também não temos medo de errar, de dizer as coisas.

Anabela: Muito bem. E como é considerado nas salas de EV e ET, esse medo de errar?

I.M: Erramos e melhoramos e conseguimos fazer ainda melhor.

L: Não é como na sala de aula original.

A.G: Se nós errarmos, depois aprendemos.

I.L: Tento melhorar.

M: Utilizamos esse erro para nos motivar a melhorar.

Anabela: Gostam dos vossos trabalhos das disciplinas de EV e ET?

Vários alunos: Muito.

Anabela: Porquê?

M.M: Não é escrever tanto, mas sim desenhar.

Anabela: No final, gostam de ver os vossos resultados?

Vários alunos: Sim. Muito, imenso.

V: Sim, porque eles ficam bonitos e dá para ver que são originais dessa pessoa.

I.M: E ver como é que os outros, os nossos colegas conseguiram também fazer.

M: Eu acho que quando nós estamos a fazer o nosso trabalho, estamos a pensar noutra coisa, mas a nossa imaginação, o nosso interior, está a pensar noutra.

V: Porque nós ficamos contentes com os resultados, porque eles eram os nossos resultados.

Anabela: Sentem-se orgulhosos com eles?

Vários alunos: Sim.

V: Sim, porque sabemos que fomos nós que os fizemos.

Anabela: Qual é a sensação?

I.M: É uma sensação ótima.

M: É uma sensação com mistura de felicidade e alegria.

V: Ficamos orgulhosos.

I.L: Às vezes também com um pouco de vergonha.

I.M: Depende do trabalho

Anabela: Não têm a sensação de que chegaram à reta final? Consegui concretizar o trabalho, podendo ou não ter ficado como queria, mas consegui?

M: É como se nós tivéssemos referências e conseguíssemos concretizar o trabalho sem elas.

Anabela: Se fosse realizada uma exposição, com os vossos trabalhos, o que achariam? Gostariam?

M.M: Não.

Vários alunos: Sim

Anabela: Porquê?

V: Porque a escola iria reconhecer e iria receber os nossos trabalhos, tal como saber como são os nossos trabalhos.

I.L: Depende do trabalho.

M: Se fizéssemos uma exposição com o nosso trabalho, eu gostaria, porque lá estaria apresentado o que nós somos, o que nós conseguimos fazer, o que somos capazes.

I.M: Eu gostaria porque, assim todas as pessoas do agrupamento, possam reconhecer quem verdadeiramente são os meninos do 5ºB, ao fazerem trabalhos manuais.

Anabela: Gostei. Relativamente aos alunos que disseram, não. Porquê? E sintam-se à vontade.

M: Pelo que a I.L disse, depende do trabalho.

M.M: Porque às vezes temos vergonha do trabalho que fizemos, porque pode ter ficado mal, mas isso não interessa.

L: Depende do trabalho, e porque também não gosto de expor os meus trabalhos à frente de todos para verem. Não gosto. Porque dizem que está mal ou bom.

Anabela: É como se as outras pessoas fossem comentar os vossos trabalhos, dar opiniões. Incomoda-vos? Sentem-se incomodados com isso?

V: Não.

Alguns alunos: Sim

A.G: Depende da opinião.

Anabela: Relativamente ao espaço de aula. Já notaram que é diferente. Olhando para as imagens seguintes, que eu vos vou fazer passar, vocês vão dizer em voz alta, qual os números da mesma preferiam. Quero ouvir 1 ou 2, em conjunto com os vossos nomes.

M:2.

I.L:2.

J: 2.

V: 2.

C: 2

V: 2

M.M: 2.

L. 2.

M.2.

A.G: 2.

I.M: 2.

I.L: 2.

Anabela: Eu não quero que vocês mudem pela opinião dos vossos colegas. Quero que tenham escolhido e pensado por vocês.

Porque pessoal?

M.M: É mais espaçosa.

C: Tem mais espaço para os trabalhos.

A.G: É mais espaçosa. Estamos uns ao lado dos outros e é mais fácil apresentar o trabalho.

D: Os professores vêem-nos melhor.

M: A exposição da sala é mais livre, tem mais luminosidade, os alunos não se sentem tão fechados

V: A sala é maior e os alunos têm muito espaço para trabalhar.

I.M: Os alunos podem ter uma melhor visualização ao quadro e os professores acabam também por deixar todos falar, porque estão todos mais perto dos professores.

I.L: Parece mais confortável.

Anabela: Porque é que é importante vocês se sentirem observados pelos professores, ou ter de alguma forma essa atenção?

V: Porque se nós errarmos, eles conseguem nos ajudar.

M: Quando nós os chamamos, nas outras aulas, o professor como está longe de nós, não consegue perceber o erro e nós também não conseguimos perceber. Se estiver mais perto de nós, esse erro vai ser corrigido e provavelmente nós vamos conseguir vencer mais facilmente as dificuldades.

I.L: Porque nós estamos mais perto, conseguimos ter mais atenção e os professores estão mais próximos.

V: Porque se nós estivermos na última fila, que aquela sala tem muitas filas, não vamos ter muita atenção dos professores.

M.M: E não vai dar para ver muito bem.

Anabela: Se vocês repararem, esta imagem nº1, tem um chão, com um estrado, para o professor.

Alunos: O que é um estrado?

Anabela: Na área da frente, existe uma plataforma, um alto, onde o professor fica mais alto que os alunos. O professor anda sempre de um lado para o outro, ou fica sentado, mas na parte de cima. O que vocês acham disso? Gostam?

Todos: Não.

Anabela: Sem o professor se chegar ao pé de vocês, baixar perto de vocês, estar com vocês?

Muitos: Não.

Anabela: Porquê?

M.M: É confrangedor.

Anabela: Acham que o espaço de sala de aula, como vocês estavam a dizer há pouco, influência a vossa comunicação, interação com o professor?

Imaginem a 1ª imagem e a 2ª imagem. Se eu andar por aqui entre vocês, temos espaço em vossa volta, consigo chegar até vocês, colocar-me à vossa altura, falar convosco. Acham que isto influencia a minha comunicação com a turma?

Alunos: Sim

Anabela: Porquê?

M.M: Fico menos constrangido quando o professor está perto de nós, não vamos ter medo de errar.

I.M: Os professores conseguem comunicar com os seus alunos e os alunos com os seus professores.

M: Se fosse uma sala mais pequena, nós teríamos um pouco mais vergonha, estaríamos mais tímidos e não conseguiríamos desenvolver algo, tanto como conseguiríamos desenvolver a nossa capacidade numa sala maior.

Anabela: Acham que o facto de os professores circularem pelas vossas mesas, entre vocês, ajuda no vosso trabalho?

Alunos: Sim.

Anabela: Porquê?

C: Porque se tivermos alguma dúvida, os professores vão à nossa mesa e explicam.

I.M: É que, quando nós estamos a fazer um trabalho, os professores passam por lá e acabam por nos dar dicas para melhorar aquele trabalho.

Anabela: E relativamente às vossas questões de interesse? Também ajuda?

Alunos: Sim.

Anabela: Os professores ajudam se estiverem a circular entre vocês?

I.M: Claro.

Anabela: Relativamente à relação professor-aluno. Sentem que nas disciplinas de EV e ET, há espaço para diálogo entre a turma e o professor?

I.M: Ajudam-nos a escolher os trabalhos, nas nossas dúvidas.

M.L: Ajudam-nos a conseguir fazer os trabalhos.

M: Para nos ajudarem a compreender o que acham e o que nos ajudaria a fazer.

Anabela: Como acham que essa comunicação/diálogo com os professores é nestas disciplinas? Mais ou menos livre?

Alunos: Mais.

I.M: Na parte das matérias, na expressividade.

L: Em conseguirmos falar.

M: Nas outras disciplinas não trabalhamos sobre nada do que queremos, ou gostamos, nem falamos sobre isso. Não passamos a nossa opinião.

M: Conseguimos falar mais livremente.

M.M: Falamos de mais coisas para além da matéria. Em vez de ser matéria, por vezes falamos sobre as coisas que estão a acontecer, quotidiano, algo que nos preocupa.

Anabela: Acham isso importante para vocês?

M.M: O início da aula é bom para falar e costumamos falar isso muitas vezes.

Anabela: Nós muitas vezes vamos buscar coisas do vosso dia a dia, tentamos adaptar a matéria ao vosso dia a dia. Acham que isso é uma mais-valia para vocês? Conseguem perceber melhor as coisas se nós, em vez de darmos só a matéria, formos buscar exemplos que vocês vivem?

Alunos: Sim.

Anabela: Acham importante o professor e o aluno darem-se bem?

V: Claro

L: Se não a aula era uma seca.

Anabela: Ou acham que essa relação pode não ter interesse?

V: Porque se calhar o aluno não vai ficar esperto. Então se eles não tiverem uma boa relação, vai ficar menos esperto, porque depois o professor não o ajuda.

I.M: Nós acabamos por não comunicar tanto com os outros professores, das outras disciplinas, e depois os nossos trabalhos, em vez de ficarem mais expressivos, acabam por ficar muito menos.

M: Acho que é importante termos uma boa comunicação com os professores, porque assim sentimo-nos mais livres para nos expressarmos, tanto a nível de trabalho, como a nível de voz.

A.G: Se a gente não tiver uma boa relação com os professores, nós vamos ficar com medo de contar para eles e vamos deixar o trabalho por acabar, ou mal.

(Sobre uma outra disciplina que os alunos quiseram falar)

M.M: imagine, quando às vezes falamos, o professor berra connosco e fica chateado.

I.L: Ele não conversa muito connosco, ele só anda lá na sala de um lado para o outro.

V: Sobre o que o M.M falou, que ele berrava connosco, porque também estamos sempre a falar, isso é diferente.

M.L: Está bem, mas podemos fazer uma coisinha de nada que ele berra logo connosco.

M: Porque o professor ensina bem, mas quando chega a parte de comunicar, acho que nós temos mais medo de admitir os nossos erros, porque ficamos surpreendidos caso ele nos berre.

M.L: Ficamos com medo.

Anabela: Vocês ficam com medo de errar nessas aulas?

Alunos: Sim, muito.

J: O professor é muito focado em dar matéria e nunca em saber o que é que os alunos pensam, sentem ou se têm dúvidas.

Anabela: Vocês sentem-se de alguma forma, um bocado intimidados nessas aulas?

Alguns alunos: Sim, eu tenho medo de ir ao quadro.

M.M: Óh professora, eu tenho vergonha.

Anabela: Ia só perguntar, vendo que vocês todos assumem uma relação assim um bocadinho conflituosa. O que mudariam para melhorar essa situação?

L: Comunicar mais com o professor. Se ele deixasse. Não estar somente focado em dar matéria, falar mais com os alunos.

I.M: Primeiro, deveríamos mudar o plano de sala de aula, fazer em U.

M: Eu tenho tantas saudades.

I.M: Porque assim os professores conseguem nos visualizar, e nós até conseguíamos e nós até conseguíamos participar ainda mais. O professor devia acabar por comunicar mais connosco, e haver partes da aula que dá matéria e outras que comunica.

V: Só que também não há espaço para isso.

M. E sempre que nós erramos, ou qualquer coisa que não estamos a perceber, em vez de nos repreender, ele devia de nos ajudar, explicar com calma...

V: Posso dizer uma coisa? Eu lembro-me quando no 3º ou 4º anos, que nós ficávamos 2 em cada mesa, quando era necessário.

Anabela: Vocês sentiam-se melhor?

Alunos: Muito mais.

Anabela: Pessoal, agora voltando à EV e ET. Acham que uma boa relação entre o professor e o aluno, influencia a vossa aprendizagem?

Alunos: Sim.

I.L: Sim porque nós comunicamos mais e acabamos por entender mais a matéria e o resto.

Anabela: E nas vossas emoções? Ajuda?

I.M: Os professores acabam por nos tentar perguntar e tentar compreender o que é que se passa connosco, para tentar, que nós durante a aula, não estejamos assim tão tristes, ou tão zangados.

M: Eu acho que uma boa relação entre professor e aluno, influencia sim, a forma de como nós estamos, porque o professor, quando nós estamos tristes, ele pergunta sempre o que nós temos, e nós conseguimos expressar algumas dúvidas com outras pessoas da nossa idade. Eles tentam incentivar-nos para nós tentarmos resolver sempre esse problema e focarmo-nos sempre no que é mais importante.

Anabela: E vocês acham que isso pode ser importante para o vosso dia a dia?

Alunos: Muito, claro.

Anabela: Temos só mais duas perguntas, ok? Tenham só mais um pouco de paciência.

Sentem que a atitude do professor, influencia a vossa postura? No vosso bem-estar enquanto sala de aula?

(Alguns alunos não entenderam esta pergunta)

Anabela: Ora bem, então uma coisa de cada vez. Como é que a atitude do professor pode influenciar-vos?

I.L: Se ele começa a gritar muito connosco, nós começamos a sentir-nos um pouco desconfortáveis.

V: Quando isso acontece, começo a ficar com lágrimas nos olhos, mas eu tento mandá-las lá para dentro.

Anabela: E no vosso bem-estar?

M: Ajuda muito porque, se o professor não estiver interessado em saber se nós estamos bem ou mal, nós vamos sentir-nos ainda pior. Se o professor está interessado, vemos que o professor se importa.

I.M: E melhoramos o nosso trabalho.

Anabela: A última pergunta. Vocês vêm contentes para as aulas de EV e ET?

Alunos: Sim.

M.L: Não, e eu vou explicar porquê. Porque é logo de manhã.

Anabela: Mas esquecendo isso.

M: Nas aulas de E, eu sinto-me um bocadinho assim, porque já saímos um bocadinho cansados das outras aulas.

Anabela: Mas isso tem a ver com o horário. Mas e se não olharmos a isso, só às aulas?

I.L: Não, sim. Não gostamos.

Anabela: Quero perguntar se vocês vêm motivados, com vontade de trabalhar.

M.M: Sim.

D: Principalmente quando são trabalhos manuais.

Alunos: Sim.

Anabela: Porquê? Vocês gostam das aulas de EV e ET?

Muitos alunos: Sim/Muito.

I.L: Nós gostamos de estar com as professoras, do espaço.

M.L: De conversar.

I.M: De usar materiais também.

L: Eu nem é por causa dos professores, se fossem outros também gostava.

M: Podemos ver Power Point.

L: É só porque aprendo a desenhar e essas cenas. Ganhamos mais criatividade.

C: Gosto de ir para as aulas de EV e ET porque a todos os dias que passam vamos aprendendo coisas novas e é bom ter essas aulas. Sinto-me bem com essas aulas.

A.G: Eu gosto mais das aulas de ET do que de EV, mas é por causa das professoras. Os professores são bravos.

Anabela: Mas gostas destas aulas em geral?

A.G: Sim.

V: Eu para ser sincero. Para ser sincero, sinceríssimo. Eu vou dizer que não, porque a segunda-feira eu venho muito desmotivado, a primeira aula é logo matemática.

Anabela: Claro que isso interessa, mas tentem abstrair-se agora do vosso horário pessoal.

V: Nós já vimos muito cansados e na aula de EV, pronto, conseguimos de alguma forma descontraír.

I.M: Eu gosto das aulas.

Alunos: Sim, muito.

Anabela: Pela menos aparentam enquanto lá estão (risos).

Turma 6.ºA

Anabela: Digam-me o que é que vocês acham? Acham importante a relação professor-aluno. O que é que vocês entendem acerca?

L: Eu acho que é importante sim, porque se nós não tivermos uma boa relação com o nosso professor, não vamos ter intimidade suficiente para esclarecer dúvidas, para talvez melhorarmos as nossas aprendizagens através de outras formas que, se nós não tivermos intimidade com o professor, nós não vamos ter coragem de falar com o professor.

Anabela: Muito bem, mais alguém quer dizer alguma coisa. Tudo é certo, não tenham medo, independentemente se algum colega vosso vai de encontro à vossa opinião ou não.

Vamos então avançar e falar mais concretamente sobre a EV e ET, onde estou com vocês e onde este projeto, esta conversa convosco está incluída.

O mesmo intitula-se “Como é que a EV e ET podem ser potenciadoras na relação professor-aluno”. Ou seja, como é que estas disciplinas podem ajudar na relação professor-aluno.

Sendo assim, acham que as disciplinas de EV e ET são importantes?

Alguns alunos: Sim.

Anabela: Porquê?

L: Porque de certa forma é uma aula mais livre, não temos de copiar nada, é mais de imaginação e criatividade. Ou seja, dá para termos outro tipo de aprendizagens.

S: Sim, porque conta por ser uma aula livre e também mais coletiva.

F: Que com as aulas de EV e ET conseguimos competências que serão necessárias.

Anabela: Acham que as disciplinas de EV e ET, contribuem para a vossa educação? De que forma?

F: Eu acho que sim.

T: Eu acho que sim, porque nós lá temos uma aula quase livre, onde nós podemos falar muito, mas também não devemos exagerar. Então ao darem-nos certa/um bocado de liberdade, nós aprendemos a não passar dos limites. E acho que é mais fácil assim do que eu estar sempre o professor a mandar calar.

Anabela: Sentes-te desconfortável, quando tens sempre um professor a mandar-te calar?

T: Um bocado.

Anabela: Mas temos de ter em atenção que há situações em que são necessárias. No entanto achas que em EV e ET isso, de alguma forma, é diferente?

T: Sim.

L: Aprendemos a trabalhar em grupo e a utilizar mais materiais. Ou seja, nós, se calhar, se não fosse EV e ET, nunca utilizaríamos materiais, e assim aprendemos a utilizá-los. Auxilia a nossa educação de uma forma diferente, na educação escolar, de materiais. Ou seja, nós em matemática, em ciências, trabalhamos a maior parte das vezes, individualmente, enquanto em ET, fazemos muitos trabalhos em grupo.

Anabela: Vocês acham importante trabalhar em grupo.

Alunos: Sim.

Anabela: Sentem-se confortáveis em trabalhar em grupo?

F: Se uma pessoa apresentar coisas erradas, ou outros também ficam com a culpa. AHAHAH.

Anabela: Mas então, se for um grupo que vocês gostam de partilhar conversa, trabalho, acham que essa aula vai correr melhor?

Alunos: Sim.

Anabela: Porquê?

L: Quer dizer, pode correr melhor ou não, porque se nós tivermos muita intimidade, nós vamos falar mais, obviamente, e se calhar até vamos dispersar mais do tema/objetivo principal que é a realização do trabalho.

Anabela: Mas relativamente ao trabalho, acham que conseguem funcionar melhor?

L: Sim. Claro. Poderemos ter as mesmas ideias. Normalmente como estamos dentro do nosso grupo de amigos, temos o mesmo tipo de ideias, e desenvolver um trabalho com o nosso grupo de amigos, nós acabamos por notar ideias parecidas.

Anabela: No entanto, vocês acham importante trabalhar com alguém que não se deem tão bem, não estejam tão habituados a essa pessoa? Acham que era uma mais-valia vocês trabalharem com alguém, não conhecendo tão bem? Ou não gostam muito disso, não acham muito importante?

I: É importante porque dá para conhecer melhor a pessoa, e devemos começar a gostar mais dela, ou não. Ver se dá para entender melhor a pessoa.

Anabela: E vocês têm de ter em atenção, agora dispersando um bocado do tema, que isto vai acontecer-vos a nível de trabalho. Nós não vamos gostar de todas as pessoas com quem nós vamos conviver a nível de trabalho. Ou seja, temos de olhar ao trabalho, aquilo que temos de realizar, ok? Temos de conviver com elas, gostando ou não gostando. No entanto temos de aprender a lidar e viver com essas pessoas. Claro, se nos dermos bem, melhor ainda. Mas se não houver aquela empatia tão grande temos de conseguir separar as coisas.

Relativamente a EV e ET, que características diferentes encontram nestas disciplinas?

Ou acham que é tudo igual?

Alunos: Não

T: É diferente. Como eu disse há bocado, estas disciplinas, comparativamente às outras, dão mais liberdade, podemos expressarmo-nos de maneiras diferentes.

Anabela: De que forma é que te expressas, nestas disciplinas?

T: Ah... Com desenho, com arte, tintas...

F: Esculturas.

L: Eu expresso-me muito ao falar, mas muito mal também.

Anabela: Porquê?

L: Eu falo muito, e eu não me sei expressar...

Anabela: Às vezes não te consegues fazer entender?

L: Na minha cabeça entendo, mas depois quando vou a falar...

Anabela: Mais? Características diferentes de tudo, que vocês vêm na sala, como aquilo que vocês vêm em vocês?

Entram na sala, imaginem que eu sou uma de vós. Imaginem que entram na sala de outra disciplina qualquer! Sentem alguma diferença, tanto no aspeto físico, como em vocês.

J: Sim porque nas outras disciplinas, nós estamos a entrar, e já nos estão a mandar calar, e na EV e ET, se calhar, estamos mais à vontade, não nos mandam logo calar. Dizem, falem mais baixo...

F: Quando nós entramos na sala das outras disciplinas, sentimos um ambiente um pouco mais pesado, sabemos que vamos marcar matéria, enquanto na sala de ET, entramos e também está toda decorada e tal.

L: Por vezes se pode ser mais coletiva, e na minha opinião é que as aulas coletivas do que as aulas normais, ou individuais, conseguindo maior ligação com os colegas.

L: Quando entramos numa sala de EV e /ou ET, a maior parte das vezes, temos nas paredes trabalhos já feitos, por outros colegas, ou seja, inspira-nos a criar os nossos trabalhos.

Anabela: Muito bem.

Relativamente a trabalhos nas disciplinas! Acha que nestas disciplinas vocês se expressam? São criativos?

J: Sim. Porque de alguma maneira nós temos de pensar como fazer o trabalho, pensar que tipo de trabalho que é. Se tiver de haver cores, temos de estar a pensar que cores é que ficam melhores para o tipo de trabalho e para o que estamos a fazer.

Anabela: E têm mais liberdade em serem vocês próprios?

Alunos: Sim.

J: Sim, porque as aulas de EV e ET, são mais criativas e temos mais liberdade em sermos nós próprios, pois como as aulas são expressivas, com a arte.

L: Nós temos de ter criatividade para vermos qual é a forma que vai funcionar melhor, o que é que precisamos para aquele trabalho e sentimos mais livres de explorar outros materiais diferentes. Temos liberdade de conseguir mostrar o que nós somos, porque a arte não tem algo correto, a arte, podemos fazer o que nós quisermos, tudo vai estar de forma correta, não temos de nos guiar por padrões que estão no plano.

Anabela: A arte é muito subjetiva e não é algo em concreto! Ok!

Não precisam de responder, sentem alguma dificuldade em expressar aquilo que vocês sentem nos vossos trabalhos, quando assim é necessário?

Só responde quem quiser!

L: Eu acho que diretamente não explico muito, mas não é porque não tenha oportunidade, acho que indiretamente e claro que em cada trabalho que eu faça, tem um bocadinho de mim, é aquilo que eu penso. Só que indiretamente, acho que não explico assim tanto quanto gostaria. Acabo por deixar ser o trabalho a fazê-lo.

Só que diretamente não mostro aquilo que sou, os trabalhos não acabam por demonstrar na sua totalidade.

Anabela: Gostam de fazer os trabalhos de EV e ET?

L: A maior parte das vezes sim.

Anabela: Porquê?

L: Porque sou eu que escolho o que faço. Não é a professora que diz o que tens de fazer assim, assim e assim, consigo mais ou menos ter uma margem de escolha.

Anabela: Gostam disso?

L: Sim. E eu gosto de sentir essa liberdade para escolher o que quero fazer.

Anabela: Acabas por ter alguma liberdade no ter trabalho, dentro do que é proposto fazer.

S: A professora diz o que temos de fazer e nós seguimos consoante, muitas vezes o que gostamos. D´-nos um caminho e nós escolhemos o resto do caminho.

L: Isso é muito interessante. Essa escolha. Porque nós no futuro também vamos ter de fazer muitas escolhas e é bom.

Anabela: Ao que estás a chamar de interessante, é só assim um aparte, chama-se metodologia projetual. AH, ah.

Mas estou a gostar muito de vos ouvir.

Mas e no final, gostam de ver os vossos resultados?

Alunos: Na maior parte das vezes.

L: Muitas vezes não sei desenvolver as coisas, porque às vezes na minha cabeça penso numa coisa e fica feito de outra forma.

Anabela: Isso acontece em praticamente tudo o que nós fazemos. Eu às vezes estou a pensar em fazer algo, faço, imagino todo o processo e no fim, fica precisamente tudo ao contrário. No entanto, funciona na mesma, tem os mesmos fins. Resultou? Resultou. Está diferente? Está. Ok. Não tem qualquer problema. Podemos voltar a repetir? Podemos.

T: Se nós não gostamos a culpa é nossa.

Anabela: Porque é que é vossa? Sentes isso?

S: Porque n´s é que fizemos o trabalho.

Anabela: Ok. Vocês fizeram o trabalho, mas... essa frase, esse pensamento não é um bocado pesado.

Aluno: Um bocadão.

Anabela: Desculpa. Vou voltar a repetir. Porque é que sentes isso?

S: Então nós é que fizemos o trabalho.

Anabela: Sim, e não correu bem, qual é o problema? Não tens direito a erar.

S: Tenho.

Anabela: Então?

S: Não há problema nenhum.

Anabela: Então, a culpa é tua?

S: Mais ou menos, por causa de que é meu o trabalho.

Anabela: Acho que, e isto é pessoal, acho que não deves sentir que a culpa é tua, acho que deves sentir mais que, Ok. Não resultou, não deu certo, vou tentar melhorar. O que é que eu posso fazer? Posso perguntar ao colega, ao setor. Posso pesquisar, descobrir por mim, posso voltar a pensar num processo diferente para voltar a fazer. Ok, conforme aquilo que tu vires que te faz sentido.

Ora bem, gostam de ver o resultado, que á a sensação, independentemente se gostam ou não?

L: Depende.

Anabela: Acabou, está feito, mas não se sentem orgulhosos?

Muitos alunos: Depende. Depende do trabalho.

Aluno: Depende de quando corre bem e de quando corre mal.

Anabela: Quando corre bem?

Alunos: Fico feliz.

F: Quando corre bem, fico orgulhoso.

I: Quando fica bem, fico orgulhosa do meu trabalho que realizei.

Anabela; Ok. Porquê?

I: Fui eu que o fiz, evolui, desenvolvi-o.

L: Eu concordo e porque custou e foi difícil fazê-lo. Quer dizer, nem todos.

Anabela: Concretizaram-no! E se não acabassem?

I: Tinha de tentar.

M: Mas nunca íamos saber se não tentássemos e não acabássemos.

T: Quando fica bem, eu fico orgulhoso, penso que consegui alcançar os meus objetivos.

Anabela: Desafiaste-te?

T: Às vezes sim. De alguma forma, sim.

Anabela: Se fosse realizada uma exposição, com os vossos trabalhos, o que achariam?

Alunos: Depende.

L: É verdade, não queria que pusessem um trabalho que eu não visse que estava mal feito. Acho que antes de exporem, têm de ter um pouco de consentimento e falar connosco.

Anabela: Então, e se tu gostasses do trabalho?

L: Aí ficaria feliz, por dar a conhecer aos outros o meu trabalho.

Anabela: Gostavas realmente que os outros vissem o teu trabalho?

L: Nesse sentido sim.

Anabela: Achas que podia servir de inspiração para alguém, tal como os outros trabalhos servem de inspiração para ti, quando os vês dentro da sala de aula?

L: Há trabalhos que se calhar são mais inspiradores que os meus, mas se, se quisessem inspirar, claro que ficava feliz. A partir do momento que alguém vê o meu trabalho, pode se inspirar nele, ou não. Isso já não sou eu que escolho.

Alunos: Também gostava que os meus trabalhos fossem expostos, se fossem bons.

S: Eu gostava.

Anabela: Relativamente ao espaço de aula. Vocês sabem como é o espaço de EV e ET. Olhando para estas imagens, qual é que preferem? Eu vou vos passar a folha e, vou pedir-vos um favor! Todos em silêncio, e cada vez que passarem a folha ao vosso colega, dizem o vosso nome e um do número da imagem que preferem. Para eu saber quem disse o que. Está bem?

F: 2

S: 2

L: 2

T: 2

M: 2

M: 2

C: 2

F: 2

M: 2

I: 2

L: 2

B: 2

M.M: 2

M.J: 2

L: 2

Anabela: Pessoal, vi que a maioria de vocês escolheu a imagem 2. Porque é que a maioria escolheu a 2?

F: Eu escolhi a 2 porque a 1 me parecia uma sala mais pesada, tipo as mesas estão todas separadas, enquanto na 2 estava, podíamos estar juntos, os alunos, colegas e tínhamos boa visão para o setor. Estávamos todos à mesma distância.

Anabela: Ok. Bem observado, mais?

M: Na 2 dá para trabalhar mais coletivamente, mas eu até podia ter escolhido a 1, por causa que quando está o professor a falar, ou algo assim, está sempre de costas quando é na 2. Ele pode estar a fazer, mas tem de estar sempre de costas para um aluno.

Anabela: No entanto consegue chegar a todos vocês!

L: Na 2, o ambiente é mais aberto, como tem mais janela acaba por entrar mais luz, conseguimos ter uma visão do exterior, ou seja, sentimo-nos um bocado mais livres e a sala também é um bocado mais colorida. Ou sejam não passa aquele ambiente triste e fechado. Acaba por ser um bocado mais ruidoso, mas também como já disseram, aquela parte da movimentação também acaba por ser mais fácil e... é isso.

M: Acho que na 2 o professor conseguir ajudar-nos mais.

L: Eu acho que na 1 vai se tornar mais chato de estar lá dentro e vai se tornar um pouco triste entre aspas de gostar da aula. Eu acho que na 2 os alunos vão ter uma interação

maior com os professores e vai acabar por se desenvolver melhor a aula, do que na primeira.

I: Eu acho que na imagem 1 pareceu que se nós estivermos naquelas mesas, vai parecer que nas outras todas, e se lá tiverem pessoas, vai parecer que estão todos, uns em cima uns dos outros, assim entre aspas. E depois na 2 tem mais luz e parece que dá mais espaço. Não é dar mais espaço, mas tem assim um ambiente melhor.

F: Na 1 pode ser mais ar pesado e tal, mas eu acho que dá para concentrar melhor na 2. Na 2 estão uns ao lado uns dos outros e é melhor.

Anabela: Obrigada.

Vocês notaram que na imagem 1, tinha um estrado lá no fundo?

Alunos: O que? O que é isso?

Anabela: Sabem o que é que é?

Alunos: Não.

Anabela: Não sei se vocês já alguma vez ouviram falar, possivelmente nas vossas escolas primárias, infelizmente ainda têm, onde o professor sobe umas escadinhas e fica mais alto que os alunos. Ou seja, fica numa posição mais alta que os alunos. Existe a secretária do professor e ela mantém-se nessa posição acima. Possivelmente ele anda de um lado para o outro, mas dificilmente desce, e chega perto de vocês. Isto falando mais relativamente de há uns anos.

Não andava como nós andamos, possivelmente no meio de vocês, possivelmente não se baixava ao vosso lado, à vossa frente, na vossa mesa, falava com vocês. Ou seja, o professor permanecia sempre no mesmo patamar, num nível superior, com pouca aproximação aos alunos.

Agrada-vos isto?

Alunos: Não.

Anabela: Porquê?

L: Porque sentimo-nos inferiores! E sinto que não sou importante, que o professor não me quer ajudar, que está longe de mim.

T: Eu sinto-me... como se diz... não é discriminado, é estar de parte.

Aluno: Ignorado?

Anabela: Só queria que vocês comparassem estas duas imagens, porque são totalmente diferentes, possivelmente a primeira era mais assemelhada ao que foi a

escola há bastantes anos, e ainda assim, muito semelhante áquilo que vemos nos dias de hoje. Se calhar sentíramo-nos melhor, sendo esta uma opinião, se nos encontrássemos numa sala como esta, por exemplo, onde estamos sentados agora. Onde poderíamos estar mais à vontade, o professor no meio dos alunos, onde vocês poderiam estar uns ao lado uns dos outros a partilhas mesas.

Vocês não preferiam estar em U, se não fosse a situação pandémica?

Alunos: Sim.

T: Depende.

Se por exemplo, como está esta sala, assim estão, filas aqui, filas ali, mas só o facto de estarem unidas, juntas, e nós estarmos juntos, já traz outra dinâmica à aula.

Anabela: Isso é bom.

Então acham que o espaço de sala de aula influencia a vossa comunicação e interação com o professor?

Alunos: Sim.

Anabela: De que forma?

T: Por exemplo, se o professor estiver numa aula, como a da figura 1, ele, os colegas lá de trás, não vão, ...o professor não... como é que eu digo isto... não vai poder ajudar muito, porque, não sei... não vai estar sempre a mover-se muito lá para trás.

L: E não anda tão atento, porque estão muito distantes.

Anabela: Se calhar a informação não chega tão bem.

L: É isso.

Anabela: Acham que o facto de os professores circularem entre vocês, ajuda no vosso trabalho, nas vossas questões, e interesses?

Alunos: Sim.

L: Estamos mais concentrados porque sabemos que a qualquer momento pode passar o professor.

Anabela: AHAH.

E relativamente aos vossos interesses?

L: Como assim os nossos interesses?

Anabela: Imagina que tu queres fazer um trabalho relacionado com um interesse que tu tenhas. Achas que o facto de o professor circular entre ti, até ti, onde terá a possibilidade

de tirares dúvidas, se as tiveres, não sabes como, ou o que fazeres e ele parar, olhar para ti e questionar.... Ok, vamos falar... o que é que te interessa? Ou, o que é que tu queres fazer? Dando ideias, caminhos, opções, ajuda.... Achas que seria um benefício para ti, para o teu trabalho?

L: Sim, obviamente.

Anabela: Ou é melhor eu ficar lá atrás, e tu dizeres a tua ideia, conversando contigo do fundo da sala, dizendo faz isto ou aquilo... Como preferias?

L: Eu preferia que a professora estivesse comigo, porque, por exemplo, se eu estiver com receio da minha ideia, se eu tiver assim a dizer, talvez tenha medo que os meus colegas ouçam, o que possam achar e também estando mais próximo, eu consigo me expressar melhor e consigo mostrar melhor aquilo que eu quero fazer. Até porque o professor tem muito mais experiência que os alunos e consegue nos ajudar a desenvolver o nosso trabalho.

Anabela: Achas que ficarias mais receosa relativamente à tua ideia, não acabando por expô-la?

L: Sim.

Não é que eu desistisse, mas eu não me iria sentir muito confiante, porque eu quando esclareço com o professor, ele incentiva-me a fazer aquele trabalho. E se ele não olhar, se calhar vou chegar a um ponto que não vou gostar do trabalho e vou acabar por ficar desmotivada.

Anabela: Obrigada

Relativamente à relação professor-aluno, sentem que nas disciplinas de EV e ET à espaço para diálogo entre os mesmos?

Alunos: Sim.

I: Por exemplo, nós nas aulas que temos, no início costumamos falar sempre do que falámos da aula anterior, e também do que vamos fazer na aula e também abordamos assuntos que vamos tratar dessa aula, vamos ter de nos inspirar na aula.

Anabela: Acham importante esse feedback que é dado?

Alunos: Sim.

T: Acho que sim. Por exemplo, quando nós estamos, ou vamos fazer um trabalho, é sempre bom o professor ajudar-nos a pensar o que nós queremos. Então aí dialogar um bocado com ele.

Anabela: Acham que isso vos ajuda?

T: Sim.

L: Por exemplo, numa aula em que o professor está a dar matéria, a explicar, nós acabamos por não ter tempo para estar a falar com o professor sobre. Aquilo nós ouvimos e se tivermos dúvidas, perguntamos, mas não é a mesma coisa, nós falamos sobre aquele assunto. Eu acho que é um bocado diferente e nas aulas de EV e ET, como não é propriamente matéria, claro que há um bocadinho de matéria teórica, mas como é mais prática, ao enquanto estamos a trabalhar, o professor tem tempo para nos esclarecer algumas coisas que, se calhar nem achávamos que era uma dúvida e por isso nem a expúnhamos.

Mas ao longo do trabalho, temos tempo para perceber isso.

Anabela: E às vezes vocês não notam que essa matéria que escutam na aula, não tem um bocado a ver com as vossas vivências ou o vosso quotidiano?

Às vezes não conseguem comparar aquilo que é falado na aula, não conseguem ver por vezes aquilo que acontece no vosso dia a dia?

L: À sim. Através de exemplos.

Anabela: E isso não ajuda, de alguma forma nesse diálogo, esses exemplos, para que vocês entendam da melhor forma?

F: Sim.

Anabela: E como acham que é a vossa comunicação, ou diálogo com o professor nestas disciplinas? Mais ou menos livre?

Alunos: Mais.

F: Porque nas aulas normais temos de estar com o dedo no ar.

Anabela: Então? Nas aulas de EV e ET não?

Alunos: Não, não...

L: As aulas de ET, não são normais!

Anabela: Não são normais? Ah!

L: Porque não estamos sentados numa cadeira a ouvir o que o professor está a dizer! Quer dizer... estamos... parte da aula sim... não é isso que eu estava a dizer. É mais prática que teórica, a EV e ET são práticas. Nas outras aulas é estar lá a ouvir. Nas aulas de EV e ET é prático, nós ouvimos aquilo que é para fazer, alguma explicação, mas a maior parte do tempo estamos a fazer prática. Estamos a pôr o trabalho em papel.

Anabela: Então de alguma forma vocês conseguem comunicar mais com os professores em aulas mais expressivas, mais práticas. É isso?

L: Sim, até porque nós, nessas outras aulas, nós temos matéria para dar e temos de dar aquilo. Ou seja, temos sempre de dar matéria atrás de matéria. Enquanto em EV e ET, durante o tempo em que estamos na prática, temos tempos para um bocado de diálogo.

Anabela: Acham importante o professor e o aluno terem uma boa relação? Darem-se bem?

L: E também acho interessante quando o professor é moderno, atual. Tem muito interesse ambas as partes se darem bem.

F: É importante.

L: Também é preciso respeitar um bocado, ver até onde podemos ir. Só que quanto melhor nos dermos, melhor. Até porque entendemo-nos melhor.

Anabela: Entendem melhor quando há um bom relacionamento, convivência?

L: E até se houver algum problema. Por exemplo, se não conhecer o professor e o professor não me conhecer a mim, se eu tiver uma dúvida se calhar não vai perceber que eu tenho aquela dúvida. Se eu for tímida. O professor, se não me conhecer, não vai perceber que eu tenho essa dúvida, mas se o professor já tiver um bocadinho de intimidade... não é intimidade..., mas pronto... conhecimento acerca de mim ele vai acabar por me questionar se eu percebi e assim.

F: Se essa relação não for estável, por exemplo, que os alunos... não gostarem do professor, ou o professor não simpatizar com os alunos, a aula pode não correr tão bem como se houvesse essa relação.

L: Mas também é importante uma boa relação, mas sabermos que não podemos estar à vontade.

Anabela: Vocês têm noção de que falamos de aluno e professor, de que estamos aqui para vos ajudar. O quanto nós conseguirmos, nós damos.

L: Claro.

Anabela: Acham que uma boa relação entre professor e aluno influencia a vossa aprendizagem?

Nas vossas aulas, nos vossos trabalhos e nas vossas emoções?

L: Obvio!

F: Sim.

L: Se não, vou-me sentir frustrada.

Anabela: Porquê?

L: Porque se o professor não se der bem comigo, se calhar vai, ou vou sempre achar que ele não está a gostar e vou sentir-me um bocado frustrada por isso. O professor até pode estar a gostar, mas se ele não tiver um bocado, se eu não me der bem com ele, eu não gostar dele, e ele não gostar de mim, ele pode não demonstrar, e isso vai acabar por me deixar um bocado receosa com o meu trabalho.

Eu não sei se o que eu estou a dizer está a ser entendido.

F: Simpatizar.

Anabela: Simpatizar de alguma forma. Sim, poderá ser. Eu estou a perceber o que estás a querer dizer, só que pôr em palavras está a ser um pouco mais difícil para ti.

Já só faltam mais duas perguntas, ok?

Sentem que a atitude do professor influencia na vossa postura, no vosso bem-estar, no vosso interesse?

F: Sim.

L: Sim

F: Se o setor estiver sempre a gritar connosco, sempre a queixar-se de nós, vai influenciar, porque nós vamos ficar mais, pronto, vamos ficar mais, vamos nos sentir mais fracos, intimidados.

L: Se, por exemplo, se o professor nos pressionar para um trabalho, o professor pode até achar que de outra forma ficaria melhor, e dar sugestões. Só que a forma de como dá as sugestões também influência, não é se ele estiver a dizer.... Há isso não está nada bem, tens de fazer assim! Acaba por nos desmotivar e fazer sentir que o nosso trabalho não está a valer a pena, e que não vale a pena continuarmos. Mas se o professor, nos disser... Ah, assim está bem, e tal, mas e se fizeres assim...dá-nos outra...

Anabela: A forma de como ele fala com vocês, vai influenciar o vosso trabalho e vossa postura em concreto.

L: E se ele chegar à sala, logo mal-humorado, nós vamos logo pensar que esta aula não vai valer a pena. Ele já chega à aula com cara de mau.

Anabela: E relativamente às aulas de EV e ET, o que é que vocês sentem com esta pergunta?

L: Este ano, está muito bem 😊

Anabela: Como vocês acham que é a postura e atitude do professor?

F: Divertido!

L: Eu acho que corre bem. Eu acho que o professor, e professores, não nos... este ano os professores não nos deitam abaixo. Podemos escolher aquilo que nós achamos que fica melhor. Eu acho que eles nos deixam mais à vontade e não julgam aquilo que nós estamos a fazer.

Claro que dão as suas opiniões e isso eu acho que está bem e concordo, porque estão lá para nos ajudar, mas não nos deitam abaixo, não fazem com que nós, fiquemos frustrados e desiludidos com o nosso trabalho. Dão-nos confiança.

Anabela: Uma última pergunta.

Vêm contentes para as aulas de EV e ET.

Alunos: Sim. Claro. Porque são as professoras.

Anabela: Vamos falar somente das aulas em si, de EV e ET, ok. Vêm motivados, com vontade de trabalho?

Alunos: Sim, às vezes.

L: Depende da matéria.

Anabela: Mas no geral, vocês entram na sala, não sabem o que vai acontecer!

I: Depende da motivação, do trabalho também e das professoras.

Anabela: Quando eu entro na sala, eu entro motivada, porque sei que os professores que estão a dar aquela disciplina, têm criatividade para nos darem trabalhos engraçados. Então qualquer trabalho que fazemos, normalmente é engraçado. E também os professores são agradáveis de conviver.

T: Há aulas que nós damos matéria teórica, e essas aulas são uma seca, só que, por exemplo, quando nós, vamos, começamos a fazer um trabalho, vou para essa aula, penso que vou fazer um trabalho e que vai ser divertido, mas quando vamos para a aula teórica, eu já vou a pensar que vai ser um bocadinho seca.

S: Quando vamos dar matéria nova, é um bocado seca, e quando estamos a fazer um trabalho, não é.

Anabela: Vocês saber que, a forma de como eu e a professora Raquel, ainda não damos a vossa teoria, da forma mais indicada, e conforme gostaríamos de dar, isto porque notamos muitas vezes que, ou não chega de forma correta a informação, ou é algo que

se torna muito cansativo para vocês. Mas a teoria existe e temos de a dar. Agora como? Isso aí é que muda. Depois acaba por mudar e influenciar o vosso interesse, muda a vossa motivação, tal como a vossa e nossa postura entre ambos os lados.

Ainda não conseguimos arranjar uma forma de vos cativar muito mais, que é esse e sempre será o nosso objetivo, fazendo-vos sentirem-se bem nas aulas e gostarem daquilo que estão a ouvir. No entanto a teoria existe e tem de ser dada, para que depois vocês possam fazer/avançar para a prática. Saber antes para desenvolver depois.

M: Depende porque nas sextas-feiras é um bocadinho mais cansativo, por termos mais aulas, final de semana, acabamos logo de almoçar e depois, se eu já tiver cansado, e já souber que não gosto do trabalho, já venho um pouco mais desanimado. Depois se os professores não forem agradáveis, fica mais complicado.

Anabela: Custa mais, é natural, mesmo a nós professores. E vocês só estão à espera do fim de semana o que é natural.

L: Eu gosto e também acho que nas aulas quando falam de temas atuais, quando relacionam temas atuais em que nós estamos ligados, acaba por ser mais interessante. Isto porque são áreas e coisas às quais estamos bastante habituados e é engraçado.

Discussão dos resultados 5.ºA / 5.ºB e 6.ºA

Tendo em conta os dados recolhidos nas entrevistas às três turmas, procedemos à discussão realizando uma síntese para cada dimensão, onde foi observado cada comentário, revista cada fala de cada aluno, ao longo da entrevista, com o apoio das *Tabelas 4, 5 e 6, dos 5.ºA, B, e 6.ºA*, de modo a conseguir perceber, o que os alunos das 3 turmas responderam, chegando a breves considerações.

A dimensão “Reconhecimento da importância das disciplinas por parte dos alunos”, consoante suas opiniões indica como vêm a EV e ET, enquanto disciplinas. Mostra que, de modo geral, os alunos expressam a importância destas disciplinas através de reflexões sobre as suas evoluções no decorrer do ano letivo, sobre a relevância das competências adquiridas para o eventual futuro profissional (ex.: arquitetura) e carreira artística, no desenvolvimento de competências ao nível da expressão, criatividade demonstrando os seus sentimentos, sensação de bem-estar e envolvimento nas suas experiências em sala de aula. Referem que estas disciplinas dão oportunidade de maior reflexão a nível de diálogo e trabalhos de forma crítica e reflexiva, tal como na diversidade no uso de materiais. De um modo geral, os alunos reconhecem e reagem de forma positiva às disciplinas de EV e ET, destacando o papel que assumem nas suas vidas, em articulação com as suas vivências no quotidiano.

A dimensão “Reconhecimento da expressão/ criatividade/ liberdade dentro das disciplinas por parte dos alunos”, de um modo geral, referem que existe espaço para expressão e demonstração de emoções, mencionando a liberdade de expressar tristeza, criatividade, solidão e amor, como possibilidades (dentro dos trabalhos que desenvolvem, nas disciplinas de EV e ET), e que sentem maior facilidade, através do desenho e da pintura. Referem que conseguem ser eles próprios e que conseguem passar isso para o que criam. É abordado também que noutros casos, com outros professores, ou noutras disciplinas, não o conseguem fazer tão facilmente, tendo a consciência de que a EV e ET se trata de disciplinas mais livres, dando mais abertura com a criação de diversos trabalhos. Os alunos referem que sentem que nestas aulas existe espaço para o diálogo, na partilha de suas ideias e seus pensamentos, sentindo-se mais confortáveis. No entanto, por vezes, alguma dificuldade na partilha e expressão com o professor. Mencionam que sentem liberdade para escolher seus próprios caminhos, ao longo do processo de concretização de seus trabalhos, referindo que, existe uma ideia inicial, geral para todos, mas que cada um, cria e desenvolve o seu.

A dimensão “Reconhecimento por parte dos alunos sobre a contribuição para a educação dentro destas disciplinas”, os alunos expressaram que as mesmas

contribuem para o seu desenvolvimento a nível pessoal, para a gestão da liberdade estabelecida em sala de aula, no uso de materiais que alguns alunos, até ao momento não conheciam, nas suas percepções e associações ao que vivem no dia a dia, no quotidiano, para o desenvolvimento de sua expressão nos seus trabalhos, no diálogo estabelecido, onde abordaram algumas formas de como foram lecionadas as aulas. Os alunos consideram que a partir da pintura e do desenho conseguem sentir-se mais tranquilos e calmos no decorrer da aula referindo que se sentem bem. Mencionam igualmente a aprendizagem, ao longo da sua educação sobre diversificados assuntos, salientando que trabalham muitas vezes a partir de interesses próprios.

No que respeita à dimensão “Reconhecimento das diferenças nas disciplinas por parte dos alunos”, de um modo geral, estes expressam a abordagem da criatividade, sentindo e demonstrando gosto por isso, acrescentando que noutras disciplinas, esse tipo de abordagem é menos usual. Os próprios alunos conseguem distinguir e abordar diferenças entre as próprias disciplinas de EV e ET, exemplificando matéria abordada em ambas, preferindo a Educação Visual dando como argumento, a possibilidade de pintarem e desenharem e por isso, sentirem que se expressam mais. Referem igualmente os trabalhos manuais como característicos destas duas disciplinas, onde explicam e exemplificam a utilização de diversos tipos de materiais, alguns já conhecidos, outros não, conhecendo através das aulas de EV e ET. Abordam a possibilidade de fazerem mais vezes trabalhos de grupo, como um aspeto positivo, terem a oportunidade de visualizarem os seus trabalhos e os dos colegas na própria sala de aula, incentivando suas criações e mencionam que vêm as salas de EV e ET, como mais alegres, coloridas, luminosas, sentindo-se melhores.

Sobre a dimensão “Reconhecimento sobre gosto nos trabalhos e exposições por parte dos alunos”, de um modo geral, expressaram gosto pela realização dos vários trabalhos efetuados ao longo das aulas de EV e ET, percebem a sua evolução ao longo de todo o processo, a importância do uso de materiais diversificados e a escolha dos caminhos a seguir para a concretização dos seus projetos, gerando alguma autonomia nos alunos. Aqui os alunos voltam a referir a criatividade, especificamente em seus trabalhos, referindo que ao visualizarem os de outros alunos, obtêm inspiração para criarem os seus próprios. É comentado que o tempo, enquanto os executam passa muito rápido, expressando que gostariam de ter mais tempo a desenvolvê-los.

Relativamente à realização de exposições dos trabalhos, alguns alunos ficaram reticentes, referindo que apenas gostavam que os seus trabalhos fossem expostos, quando estes estavam interessantes. Alguns alunos abordaram a vergonha, a falta de confiança, o não querer mostrar o seu trabalho em público, preferindo não expor,

sentindo-se assim mais confortáveis. Outros alunos, mencionaram que ficavam felizes pois, mencionaram gosto e orgulho pelo trabalho e acharam importante o seu reconhecimento. Estes salientaram o esforço e o facto de poderem ser vistos por mais pessoas. Notou-se também que é muito importante para os alunos a opinião e aprovação do professor, o que, pode ser uma alavanca ou uma situação destrutiva para o aluno.

De acordo com as respostas obtidas a opinião do outro, nesta dimensão pode ser algo muito positivo, ou destrutivo, para o aluno.

No que concerne à dimensão “Reconhecimento sobre a aproximação que os alunos têm com o professor, por parte dos mesmos”, de um modo geral, os alunos expressam que a forma como se sentem em sala de aula, está relacionada ao professor, à forma como ele está, suas atitudes... e não necessariamente à matéria ou disciplina, e que em EV e ET, refletem e referem que existe uma maior aproximação entre os professores e os alunos. Abordam a questão de o aluno ter alguma dúvida, o próprio professor possa estar mais próximo e ajudá-lo com maior facilidade. Na concretização dos trabalhos, a circulação do professor ao longo da sala de aula, é visto como um aspeto positivo. Os alunos sentem a necessidade de conhecer a pessoa em si, entendê-la, para poder haver um melhor diálogo, uma melhor convivência.

Sobre a dimensão Reconhecimento do espaço e comunicação envolvente dentro da sala das disciplinas por parte do aluno”, os alunos expressam que como a ajuda do professor é muitas vezes necessária nestas aulas, por causa do desenvolvimento de trabalhos práticos, dúvidas, e comunicação com a própria turma, é bom o mesmo poder circular com maior liberdade e facilidade. Aqui os alunos referem que é uma mais-valia e uma maior ajuda o professor manter-se por perto para os poder auxiliar no que precisarem. Os alunos sentem-se apoiados. Expressam que existe maior proximidade ao longo das aulas, e que muitas vezes o professor, ao andar pela sala e comunicar de uma forma mais próxima, compreende melhor, conseguindo incentivar os alunos, sentindo-se mais confortáveis. Os alunos abordam sobre um espaço de aula, diferente, caso se tratasse de uma sala mais pequena que, poderiam ficar mais envergonhados, com maiores dificuldades em comunicar, ou expressarem-se para o professor. Visto estarem presentes numa sala grande, referem que o mesmo não acontece. Comentaram que sentem falta da organização em U.

No que respeita à dimensão “Reconhecimento do diálogo existente dentro das disciplinas por parte dos alunos” a maioria dos alunos expressam a sua existência como algo de extrema importância dentro das disciplinas de EV e ET. Os alunos mencionam

que o diálogo proporciona um maior à-vontade e liberdade entre eles, onde acrescentam que existe espaço na aula para serem abordados temas ligados a situações do quotidiano. Da mesma forma, conseguem perceber, que o número de alunos da turma será aspeto influenciador para a existência de maior ou menor dificuldade de diálogo entre o professor e o aluno. Referem igualmente o diálogo como um aspeto muito positivo e presente, reforçando que existe espaço para partilharem suas opiniões, interesses, salientando que não sentem medo de dizer ou expressar algo que tenham maior dúvida, “o erro”. Algo essencial mencionado por eles, é o facto de dizerem que se sentem ouvidos pelos professores das disciplinas de EV e ET.

Sobre a dimensão “Reconhecimento da importância para uma boa relação entre o professor aluno, por parte dos alunos” de modo geral, os alunos expressam a existência de confiança na presença de uma boa relação entre o professor e o aluno. Aqui os alunos referem que vêm o professor como uma fonte de inspiração. É mencionado que é preferível ambos se darem bem, para o bom funcionamento dentro da sala de aula, para uma boa comunicação entre ambos, entendimento ao longo de toda a aula em vários aspetos, desde na discussão acerca da resolução de um trabalho, na partilha de ideias, na partilha de interesses, na confiança dos alunos, na preocupação acerca do aluno, se, se encontra bem, na melhora e ajuda da expressividade, à postura positiva do aluno, ao seu incentivo, à resolução de problemas...Os alunos referiram alguns constrangimentos na falta de uma boa relação com o professor, nomeadamente, a falta de comunicação, sensação de intimidação, falta de auxílio nos trabalhos, a falta de expressividade....

Os alunos comentam que se o mesmo não acontecer, este aspeto pode influenciar nas suas aprendizagens. Referem a forma como são lecionadas as aulas de EV e ET, comentando que são dadas de forma divertida, eficiente sendo um aspeto positivo, que os alunos reforçam para uma boa relação.

No respeitante à dimensão “Reconhecimento de como se sentem ao longo da aula. O à-vontade existente por parte dos alunos”, os alunos expressam que se sentem mais tranquilos e relaxados nestas disciplinas, comparando brevemente a outras disciplinas, de forma a conseguirem-se explicar. Referem que se sentem mais à vontade, apoiados, confiantes com os professores de artes, sentindo-se mais eles próprios nestas disciplinas.

Sobre a dimensão “Reconhecimento sobre como alunos se sentem nestas disciplinas, contentes/motivados/confiantes com vontade de trabalhar, por parte dos alunos”, os alunos afirmam que as disciplinas de EV e ET estão entre as suas disciplinas

preferidas, referindo mais vontade para trabalhar. Os alunos comentam gosto pela matéria e professores referentes a ambas as disciplinas, assumindo serem aulas “diferentes”, onde fazem “coisas diferentes”, mencionam a curiosidade assumida pelos próprios alunos em saber o que se vai tratar em cada aula, a possibilidade de se exprimirem, expressarem e perceberem que a aprendizagem é toda direcionada a eles e de se sentirem mais felizes. Sentem a necessidade de o professor estar próximo a eles, em saber como eles está, em estar por perto. Por último os alunos comentam que as aulas de EV e ET passam muito rápido porque realizam trabalhos que gostam, estando felizes.

Referem dois tópicos importantes relativamente ao horário de ambas as disciplinas e à matéria, que influência a sua disposição em sala de aula, podendo encontrar os alunos mais cansados como, se a própria aula abordar mais teoria.

Tabelas das transcrições correspondentes às categorias

Tabela 4 - 5.ªA

Categorias	DIÁLOGO DOS ALUNOS ASSOCIADO ÀS PALAVRAS-CHAVE
Reconhecimento da importância das disciplinas por parte dos alunos	D.M: "Aprendemos a evolução dos objetos, a recortar, o desenho"
	M: Em EV e ET aprendemos cultura geral, tipo várias coisas do mundo..." "Sim é importante".
	M: "Eu acho que a EV e ET são muito importantes, como há muitas profissões que necessitam de muitas coisas. Nós também aprendemos muitas coisas sobre o mundo".
	S: "Eu acho que é importante, porque temos mais aprendizagens e tecnologia"
	M: "Na maior parte das vezes aprendemos a expressar os nossos sentimentos a desenhar".
	S: "Acho que são importantes para o nosso ensino, porque nós conseguimos expressar os nossos sentimentos e conseguimos evoluir, ou aprender a desenhar, e um pouco mais..."
	J.A: "Eu acho importantes as disciplinas porque dão-nos tranquilidade no desenho, na pintura, é importante para as nossas vidas futuras, também precisamos de aprender muitas coisas que acontecem no nosso dia a dia como cortar, pintar..."
	J.L: "Eu acho que são importantes porque ajudam-nos a desenvolver as nossas capacidades e sempre nos vão ajudar no futuro".
	J.A: "Alguns conteúdos que abordamos nestas disciplinas ensina-nos a viver mais em sociedade".
	S: "É importante para começarmos a aperfeiçoar a nossa técnica, os nossos desenhos e aprendemos a expressar."
Reconhecimento da expressão/ criatividade/ liberdade dentro das disciplinas por parte dos alunos	Alunos: "Sim"
	M: "Também expressamos a imaginação".
	M: "Eu acho que nós expressamos às vezes alegria, às vezes tristeza".
	S: "Criatividade".
	J: "Solidão".
	M: "Amor".
	M: "Expressamo-nos melhor, por exemplo quando nós estamos em EV, conseguimos nos expressar melhor em nossas características, aprendemos muito a desenhar e se alguém aqui na turma quiser ser engenheiro ou arquiteto, começa a aprender a desenhar e acho que é isso".
	J.L: "...agora vou referir-me mais a EV, conseguimos-nos expressar e desenvolver a nossa imaginação".
	J.L: "...agora vou referir-me mais a EV, conseguimos-nos expressar e desenvolver a nossa imaginação".
	D: "...é assim, EV e ET, expressamo-nos muito".
	Alunos: " Sim"
	S.R: "Ajuda-nos a ter mais criatividade".
	M: "Porque temos mais vontade de aprender, desenvolver"
	J.A: "Acho que não é uma disciplina... não é que as outras sejam, mas esta não é massacrante".
Reconhecimento por parte dos alunos sobre a contribuição para a educação dentro destas disciplinas	M: "Eu acho que contribuem muito para a nossa educação, desenvolvemos mais a nossa arte, o nosso espírito, desenvolvemos melhor os desenhos, por exemplo, eu nunca sabia o uso do papel vegetal se não fosse em EV".
	A.A: "Eu acho que contribui para a nossa... para tudo, porque, querendo ou não desenhar e pintar é uma forma de relaxarmos, é tipo terapia".

	M: ". Ela contribui para a nossa educaao. N3s em EV e ET aprendemos v3rias coisas, aprendemos lioes para a vida e tipo os direitos".
Reconhecimento das diferenas nas disciplinas por parte dos alunos	M: "Temos a criatividade, eu acho que nas outras disciplinas n3o temos nenhuma criatividade, sendo que a EV e ET, n3s temos muita. Todas as crianas deveriam de ter esta disciplina porque se n3o elas nunca v3o conseguir aprender a pintar, a desenhar, a recortar e eu acho que essas crianas deveriam de ter uma oportunidade na vida".
	D: "Em EV, v3m-se coisas que n3o se v3m em ET, n3s em EV, n3o falamos da evoluao da tecnologia, falamos tipo das coisas manuais, falamos de muitas coisas que podemos vir a precisar nas nossas profiss3es e em EV, falamos de coisas mais manuais".
	J: "Eu em EV e ET, relativamente a outras disciplinas, acho que desenvolvemos a nossa capacidade, fazemos assim mais coisas manuais, digamos assim, relativamente a outras mat3rias".
	M: "Noutras disciplinas n3s n3o desenvolvemos tanto a nossa forma de desenhar, e de tudo o que aprendemos em EV e ET, e em Educaao Visual trabalhamos mais as t3cnicas de pinturas e Educaao Tecnol3gica as t3cnicas de evoluoes e tecnologia.
	J.L: "Em ambas as disciplinas n3s utilizamos materiais diferentes para fazermos os nossos trabalhos.  que em EV, n3s desenvolvemos mais a nossa capacidade art3stica e em ET, talvez mais tecnol3gica.
	J.A: "...estamos mais  vontade, mais relaxados".
Reconhecimento de como se sentem ao longo da aula. O -vontade existente por parte dos alunos	D: "Essas disciplinas tranquilizam-nos, comparadas com outras".
	J.L" Sentimo-nos mais  vontade com os professores de artes".
Reconhecimento sobre gosto nos trabalhos e exposioes por parte dos alunos	M: "Porque n3s evolu3mos a fazer esses trabalhos, por causa de conseguirmos usar materiais que n3s gostamos, desenvolvemos muitas coisas".
	J.L: "Eu gosto porque acho que s3o coisas do nosso agrado e que n3s gostamos muito de fazer, e que s3o bonitas e criativas ao mesmo tempo".
	S.R: "Eu acho que os trabalhos de EV e ET s3o bons para n3s, porque n3s conseguimos melhorar as nossas t3cnicas, enquanto tamb3m podemos aprender qualquer coisa sobre pintar.
	M: "Sim, e gosto desses trabalhos, porque nos d3 inspiraao para continuar e para mim podia ter um dia s3 de EV e ET s3 de trabalhos manuais".
	M: "Eu gosto e tamb3m s3o importantes, tipo para o futuro. Imagine, trabalho numa f3brica. Na f3brica às vezes tenho de fazer algumas coisas, para entregar, tipo a outra fabricas, e temos de desenhar".
	S: "Eu gosto de EV, porque, por n3s estarmos a pintar e a fazer coisas divertidas, o tempo passa bastante r3pido...".
	I: "Depende do trabalho, depende da qualidade".
	M: "...depende como eu elaborar o trabalho. Eu normalmente gosto muito de mostrar porque  o que eu fiz e  como eu me expresso, mesmo se ficar horr3vel, que muitas vezes fica".
	M: "Depende do trabalho. Se for um trabalho que eu acho que me esmerei e tem um pouco de qualidade, eu acho que  um bom trabalho...".
	S: "Eu no geral gosto dos trabalhos que eu fao, h3 uns melhores e h3 outros... ah, depende, porque eu...".
	L: "H3 desenhos que me correm bem, como  normal, como h3 desenhos que correm mal, e h3 dias que estou bem disposta e h3 outros que estou mal disposta".
	L: "Sentimo-nos bem quando o nosso trabalho  valorizado".
	J.A: "Eu gosto muito dos meus trabalhos porque foi uma coisa que fiz e d3-me orgulho coisas que eu fiz e ficam bonitas. E temos de pensar sempre pelo lado positivo".
	L: "Orgulho".
	J.L: "Eu sinto-me satisfeita, orgulhosa do meu trabalho e de mim mesma, e eu gosto de todos os trabalhos que fao".

	A.A: "Eu gosto dos trabalhos que faço, mas normalmente eu sinto-me insatisfeito, porque ao ver os trabalhos das outras pessoas, eu penso que estão melhores".
	A.A: " Sim, eu sinto-me inseguro com os meus trabalhos".
	M: "Eu às vezes gosto dos meus trabalhos, mas noutras vezes não porque vejo que os outros estão melhores e também tenho um pouco de insegurança, porque acho que não ficam tão bem".
	S: "Eu vou entrar na conversa, com o M... o que ele disse é que ele faz o seu melhor, tenta fazer o que consegue fazer, e vai ter de aprender mais coisas".
	M.S: "Eu às vezes eu fico também um bocado triste, de eu poder ter feito melhor e não fiz".
	J.L: ". Eu sinto orgulho, porque quando vão para uma exposição, quer dizer que está bem feito, e que gostaram de meu trabalho, e que consigo fazer muito mais e que muitas coisas mais podem ir para exposição. Não só aqueles trabalhos, mas outros também".
	D: "Como eu já lhe disse, também sinto muito orgulho, porque um trabalho é aquilo que geralmente é a nossa cara, num papel, e se nós metermos numa exposição, é como se nós estivéssemos na exposição, mas no papel.
	S: " Eu sinto orgulho... se me puserem na exposição eu sinto orgulho, quer dizer que o meu trabalho foi valorizado por alguém e quer também, para essa pessoa, a professora gosta de desenho e sente orgulho".
	M.R: " Quando eu vi o meu trabalho na exposição, eu gostei muito, quer dizer que o professor, ou a professora gostaram muito do meu trabalho, valorizaram e que eu fiz um bom trabalho e que gostaram muito e isso é muito importante".
	B: " Eu quando vi o meu trabalho, eu também fiquei muito feliz e alegre, porque, como a M.R disse, é como se os professores tivessem gostado do meu trabalho e eu senti orgulho por isso, porque fui eu que o fiz".
	L: " Quando eu vejo um trabalho meu, numa exposição, eu sinto-me orgulhosa, porque sei que fui eu que o fiz, fui eu que tive a imaginação de fazer aquele desenho e apesar de não estar perfeito, sei que fui eu e que é único".
	J.L: ". Eu gosto que os meus trabalhos sejam expostos em exposição, porque eu fico contente e sinto-me orgulhosa do que fiz e eu gosto de mostrar os meus trabalhos às pessoas, por isso...".
	L: ". Eu também gosto que os meus trabalhos estejam numa exposição. Porque é sinal de que eu me esforcei, para conseguir que os trabalhos lá ficassem e que as pessoas mesmo que não achem bonito, vai ser sempre meu e eu vou gostar muito".
	M: " Eu acho que me sinto bem que os meus desenhos fiquem numa exposição, porque gosto de mostrar à escola".
	M.S: "Eu acho que também ficaria muito contente se o meu trabalho entrasse numa exposição, e ao mesmo tempo ficava triste, porque se os outros achassem o meu trabalho feio".
	M: " Gostaria que o meu trabalho estivesse numa exposição que, sinto orgulho no trabalho que fiz, e gostava que elogiassem o meu trabalho mesmo que estivesse mal".
	A.A: "Eu gostaria que o meu trabalho estivesse numa exposição se fosse o que eu conseguiria fazer, mas normalmente eu acho que os meus trabalhos são maus e prefiro que não estejam nas exposições, e se estivessem, preferia que estivessem escondidos".
Reconhecimento sobre a aproximação que os alunos têm com o professor, por parte dos mesmos	S: "A forma de como nós nos sentimos e estamos na aula, é por causa do professor, não é por causa da matéria".
	J.L: "Eu acho que depende muito dos professores e é o que acontece muito em EV, os professores também nos tratam bem (...)
Reconhecimento do espaço e comunicação envolvente dentro da	M: " Como a professora falou, o estrado, nas aulas de educação visual, não dava muito jeito, porque isso requer a ajuda dos professores, nem sempre os alunos sabem fazer tudo sozinhos, logo eu preferia uma sala onde estivéssemos mais próximos".
	S: " Com mais e maior ajuda".

sala das disciplinas por parte do aluno	<p>D: " Porque nos ajudam a desenvolver vários trabalhos que nós não conseguimos e, às vezes não estamos a conseguir uma coisa, assim o professor vai lá e ajuda-nos a fazer o trabalho e principalmente, a nos dar incentivo, para continuar".</p> <p>L: " Pode ajudar, não é a qualquer momento, porque tem a turma inteira, mas podemos chamar por ele quando precisamos e ele tirar-nos alguma dúvida e alguma coisa que nós tenhamos dúvida, ou querer falar, ou pedir algo".</p> <p>M: " Não porque os professores podem não entender o nosso interesse".</p> <p>J.A: " Ajuda mais os professores andarem a circular".</p> <p>D: " E às vezes o professor, ajuda a escolher algumas das nossas opiniões".</p>
Reconhecimento do diálogo existente dentro das disciplinas por parte dos alunos	<p>Alunos: "Super" importante o espaço para o diálogo.</p> <p>M: ". Depende. Normalmente, o número de alunos que veio para a turma, influência o espaço, porque enchemos mais a sala".</p> <p>L: " Há sim, digamos que sim"</p> <p>J.L: " E podemos eventualmente estar mais à vontade..."</p> <p>Alunos: "Mais livre".</p> <p>M: " No sentido da expressão". Expressamo-nos com os professores e não vamos desistir".</p> <p>M.R: " É mais livre nestas disciplinas, porque nós temos os professores que nos deixam dizer as nossas opiniões".</p> <p>Alunos: "É importante".</p> <p>S.R: " Eu acho que ouvir a opinião de todos é muito importante, para sabermos o que está certo, o que está certo, o que podemos fazer de bom e corrigirmos".</p> <p>D.M: " Também porque nos sentimos mais à vontade".</p> <p>A.A: ". Porque os professores ouvem-nos. Não é como nas outras disciplinas, perguntam-nos e temos de responder bem. Em EV e ET, podemos responder qualquer coisa, o que nós pensamos, que pode estar dentro do tema e mesmo assim pode estar certo".</p> <p>D.M: " Eu sinto-me mais à vontade porque as professoras são educadas".</p> <p>M.R: " Neste caso não é a matéria que importa, é o professor, mesmo".</p>
Reconhecimento da importância para uma boa relação entre o professor aluno, por parte dos alunos	<p>J.A: " Eu acho que nós devemos ter uma boa relação com o professor porque eles assim, acho que nós conseguimos confiar mais neles, e é uma fonte de inspiração também como uma fonte de confiança".</p> <p>S: " Eu acho que faz bem darem-se bem porque dão de outra forma a matéria e reagem melhor, do que estarem os dois chateados, sem estar com vontade de dar matéria".</p> <p>J.A: " Eu acho que se o aluno e o professor tiverem chateados acaba por influenciar a aula e talvez na nossa aprendizagem também".</p> <p>L: " Eu acho que influência muito, porque, imagine, se nós não gostarmos do professor, não vamos gostar da matéria".</p> <p>J.A: " Pegando num pouco que a L. disse, há professores mais secos, vá, digamos assim, que não sabem dar a matéria e que não são divertidos e que não sabem divertir os alunos".</p> <p>M: " ...têm uma forma divertida, mais eficiente de aprender, ensinar, para com os alunos".</p> <p>M.R: " Óh professora, eu por exemplo, na minha opinião, eu tenho melhor relação com uns professores que com outros, também tem a ver conforme eles dão as aulas".</p> <p>Alunos: "Eu acho que é maior".</p> <p>M: "Eu acho que é também por serem as professoras".</p> <p>T: " Nestas aulas a gente pode desenhar e pintar, nas outras aulas a gente tem de escrever".</p>
Reconhecimento sobre como alunos se sentem nestas disciplinas, contentes/motivados/cofiantes com vontade	<p>D: " Eu venho motivada porque é uma das minhas disciplinas preferidas e dá-me vontade de fazer coisas e trabalhar, e isso tudo".</p> <p>M: ". Porque gosto muito dos professores e também da matéria em si é fixe. Digamos que é diferente, conseguimos fazer coisas diferentes, do que nas outras disciplinas".</p> <p>J.A: "Eu acho que nós temos de acreditar em nós próprios porque se não acreditarmos em nós próprios, não vai acontecer nada, digamos assim.</p>

de trabalhar, por parte dos alunos	S: "50% de confiança do que vai dar, se nós acreditarmos que irá dar bem, de certeza que vai resultar".
	I: "É preciso mostrar felicidade e esforço para fazer os trabalhos" -
	J.L.: "Eu gosto porque sou sempre curiosa para saber o que vamos fazer nas aulas, para exprimir, para expressar, as aulas passam muito rápido e eu não gosto disso. E passa rápido porque estamos a fazer algo que gostamos, porque estamos felizes em fazê-lo".

Tabela 5 – 5.ºB

CATEGORIAS	DIALOGO DOS ALUNOS ASSOCIADO ÀS PALAVRAS-CHAVE
Reconhecimento da importância das disciplinas por parte dos alunos	M: " Desenvolve mais a nossa criatividade".
	L: " Para criar uma carreira artística".
	I.M: " para sermos mais criativos, pensativos".
	M.L: " Ter mais criatividade".
	L: " Saber mexer nas coisas".
	I.M: " Saber usar cada vez mais materiais diferentes, aprender como se usam".
	M: " expressamo-nos".
	D: " Para desenvolver atividades".
	M e I.M: " Para sabermos como é que... como estamos a nível de pintura e do desenho".
	M: " Acho que em EV e ET, nós conseguimos ser mais quem somos, do que nas outras aulas que nós temos de estar assim, um pouco mais "educados".
Reconhecimento da expressão/ criatividade/ liberdade dentro das disciplinas por parte dos alunos	I.M: " Sim bastante".
	I.M: " Em termos de desenho, trabalhos manuais, quando estamos a falar".
	M: " O que nós sentimos, nós pomos tudo nos trabalhos manuais".
	M: " Se nos sentirmos tristes nós normalmente fazemos uma pintura com cores frias".
	L: " A falar".
	A.G: " Nós falamos mais com as professoras de EV e ET, conseguimos expressar mais com vocês, do que com outros professores".
	L: " Ganhamos mais criatividade".
	L e I.M: " Sim".
	L: " Muito".
	M: " Mais ou menos".
	M: " A desenhar, na forma de como nos expressamos, a pensar".
	I.M: " A falar".
	M.M: " Mais ou menos, não sei explicar, mas é para melhor" ...Por ser mais espaçosa, por ter mais tipo de material".
M: " Conseguimos falar mais livremente".	
Reconhecimento por parte dos alunos sobre a contribuição para a educação dentro destas disciplinas	Alunos: " sim".
	M: " A nível psicológico".
	M.L: " Organização".
	I.M: " Físico".
	A.G: " A forma de como nos expressamos com os desenhos".
	M: " Quando nós fazemos, assim um trabalho e as professoras apresentam um Power Point nós, acho que percebemos melhor assim as matérias, mesmo com os jogos que fazem nas aulas, connosco".
	M: " Nestas disciplinas nós desenvolvemos trabalhos de pintura, manuais".
Reconhecimento das diferenças nas disciplinas por parte dos alunos	L: " Origamis".
	I.M: " Manuais".
	M: " Desenvolvemos trabalhos em grupo e individuais.
	I.M: " As professoras".
	V: " As coisas onde estão os nossos trabalhos manuais, na nossa sala, não há trabalhos manuais, naquela há!".
	M.L: " Desenhamos mais".
	D: " Eu acho que fazemos mais trabalhos manuais".
	M: " Na sala de EV... Aquela sala parece que é mais alegre do que as outras".
	I.M: " É mais bonita e espaçosa".
	M: " Tema mais trabalhos coloridos".
	I.L: " A sala é muito espaçosa, já para nós estarmos lá mais à vontade".
	M: " Tem mais luz".
	D: " E há mais materiais que nós temos naquela sala e noutra não".
	M: " Eu gosto muito do método de que as professoras usam para nos ensinar, como aquela fotografia do senhor (meme) com o compasso".
	I.M: " Estamos mais à vontade".

Reconhecimento de como se sentem ao longo da aula. O à-vontade existente por parte dos alunos	M:” Quando nós estamos, por exemplo a fazer trabalhos, o que na outra sala de aula não acontece, nós sentimos que estamos a desenvolver mais de nós”.
	I.M:” Sim, com os professores”.
Reconhecimento sobre gosto nos trabalhos e exposições por parte dos alunos	I.M:” Erramos, melhoramos e conseguimos fazer ainda melhor”.
	A.G:” Se nós errarmos depois aprendemos”.
	I:” Eu tento melhorar”.
	L:” . Tentamos melhorar”.
	M:” Utilizamos esse erro para nos motivar e melhorarmos”.
	M.M:” Não é escrever tanto, é desenhar”.
	L:” . Muito imenso”.
	V:” Sim porque eles ficam bonitos e dá para ver que são originais dessa pessoa”.
	I.M:” E ver com que os outros, os nosso colegas conseguiram também fazer”.
	M:” Eu acho que quando estamos a fazer o nosso trabalho, estamos a pensar numa coisa, mas a nossa imaginação, o nosso interior está a pensar noutra”.
	V:” Porque nós ficamos contentes com o resultado, porque eles eram os nossos resultados”.
	V:” ...porque sabemos que fomos nós que fizemos”.
	I.M:” É uma sensação ótima”.
	M:” É uma sensação com mistura de felicidade e alegria”.
	V:” . Ficamos orgulhosos”.
	I.L:” Às vezes um pouco de vergonha”.
	I.M:” Depende do trabalho”.
	M:” É como se nós estivéssemos referências e conseguíssemos concretizar o trabalho sem elas”.
	V:” Porque a escola iria nos reconhecer e iria receber os nossos trabalhos, tal como saber como são os nossos trabalhos”.
	I.L:” Depende do trabalho”.
M:” . Se fizéssemos uma exposição com o nosso trabalho, eu gostaria, porque lá estaria representado o que nós somos, o que nós conseguimos fazer, o que somos capazes.	
I.M:” Eu gostaria porque, assim todas as pessoas do agrupamento, possam reconhecer quem verdadeiramente são os meninos do 5º, ao fazerem trabalhos manuais”.	
M.L:” Pelo que a I.L disse, depende do trabalho”.	
M.M:” . Porque às vezes temos vergonha do trabalho que fizemos, porque pode ter ficado mal, mas isso não interessa”.	
L:” Depende do trabalho e, porque também, não gosto de expor os meus trabalhos à frente de todos para verem, que eu não gosto. Porque dizem que está mal ou bom”.	
A.G:” Depende da opinião”.	
Reconhecimento sobre a aproximação que os alunos têm com o professor, por parte dos mesmos	C.M:” Porque se tivermos alguma dúvida, os professores vão à nossa mesa e explicam”.
	I.M:” É que, quando nós estamos a fazer um trabalho, os professores passam por lá e acabam por nos dar dicas para melhorar aquele trabalho”.
Reconhecimento do espaço e comunicação envolvente dentro da sala das disciplinas por parte do aluno	L:” As mesas são de um tamanho que eu gosto”.
	M:M:” Fico menos constrangido quando o professor está perto de nós, não vamos ter medo de errar”.
	I.M:” Os professores conseguem comunicar com os seus alunos e os alunos com os seus professores”.
	M:” Se fosse uma sala mais pequena, nós tínhamos um pouco mais vergonha, estaríamos mais tímidos, e não conseguiríamos desenvolver algo, tento como conseguiríamos desenvolver a nossa capacidade numa sala maior”.
	M:” Acho que é importante termos uma boa comunicação com os professores, porque assim sentimos mais livres para nos expressarmos, tanto a nível de trabalho, como a nível de voz”.

	<p>I.M.: "Primeiro devíamos mudar o plano da sala, fazer em U". "Porque assim os professores conseguiam nos visualizar melhor e nós até conseguíamos participar ainda mais e o professor devia acabar por comunicar mais connosco, e haver partes da aula que dá matéria e outras que comunica".</p> <p>M.: "Aí eu tenho tantas saudades".</p> <p>M.: "E sempre que nós erramos, ou qualquer coisa que não estamos a perceber, em vez de nos repreender, ele devia nos ajudar, explicar com calma, porque ele sabe que nós não temos ainda a capacidade de compreender e saber tudo...".</p>
Reconhecimento do diálogo existente dentro das disciplinas por parte dos alunos	<p>L.: "Ah, ah. Muito mais".</p> <p>I.M.: "À vontade". "Do que estarmos fechados na sala e só podermos falar quando o professor nos deixa falar".</p> <p>L.: "E lá na sala também não temos medo de errar, de dizer as coisas".</p> <p>N.: "Não é como na sala de aula original".</p> <p>Alunos: "Sim".</p> <p>I.M.: "Ajudam-nos a escolher os trabalhos, nas nossas dúvidas".</p> <p>M.L.: "Ajudam-nos a conseguir fazer os trabalhos".</p> <p>M.: "Para nos ajudarem a compreender o que acham e o que ajudaria a fazer".</p> <p>I.M.: "Bastante".</p> <p>L.: "Em conseguirmos falar".</p> <p>M.: "Nas outras disciplinas não trabalhamos sobre nada do que queremos, ou gostamos, nem falamos sobre isso. Não passamos a nossa opinião".</p> <p>M.M.: "Falamos de mais coisas para além da matéria. Em vez de ser matéria, por vezes falamos sobre as coisas que estão a acontecer, quotidiano, algo que nos preocupa".</p> <p>M.M.: "O início da aula é bom para falar e costumamos fazer isso muitas vezes".</p>
Reconhecimento da importância para uma boa relação entre o professor aluno, por parte dos alunos	<p>V.: "Claro".</p> <p>L.: "Sim, se não a aula é uma seca".</p> <p>Alunos: "Tem interesse".</p> <p>V.: "Porque se calhar o aluno não vai ficar esperto. Então se eles não tiverem uma boa relação, o aluno vai ficar menos esperto, porque depois o professor não o ajuda".</p> <p>I.M.: "Acabamos por não comunicar tanto com eles e depois os nossos trabalhos, em vez de ficarem mais expressivos, acabam por ficar muito menos".</p> <p>A.G.: "Se A gente não tiver uma boa relação com os professores, a gente vai ficar com medo de contar para eles e vamos deixar o trabalho por acabar ou mal".</p> <p>I.L.: "Sim. porque nós comunicamos mais e acabamos por entender mais a matéria e o resto".</p> <p>I.M.: "Os professores acabam por nos perguntar e tentar compreender o que é que se passa connosco, para tentar que, nós, durante a aula, não estejamos assim, tão tristes ou zangados".</p> <p>M.: "Eu acho que uma relação entre professor e aluno, uma boa relação entre professor e aluno, influência sim a forma de como nós estamos, porque o professor, quando nós estamos tristes, ele pergunta sempre o que nós temos, e nós conseguimos expressar alguma dúvida com outra pessoa da nossa idade. Eles tentam incentivar-nos para nós tentarmos resolver sempre esse problema e focarmo-nos no que é mais importante".</p> <p>M.: "Se ele gritar muito connosco, nós começamos a sentir-nos um pouco desconfortáveis".</p> <p>I.M.: "E melhoramos o nosso trabalho".</p>
Reconhecimento sobre como alunos se sentem nestas disciplinas, contentes/motivados /confiantes com vontade de	<p>M.: "Ajuda muito, porque se o professor não estiver interessado em saber se nós estamos bem ou mal, nós vamos sentir-nos ainda pior. Se o professor está interessado, vemos que o professor se importa".</p> <p>Alunos: "Sim".</p> <p>I.L.: "Não, principalmente a aula de EV. Porque é logo de manhã".</p> <p>M.: "Nas aulas de EV, eu sinto-me um bocado assim porque já saímos um bocadinho cansados das outras aulas".</p> <p>I.M.: "Sim. Nós gostamos".</p> <p>M.M.: "Sim".</p>

trabalhar, por parte dos alunos	D:” Principalmente quando são trabalho manuais”.
	I.M:” Nós gostamos de estar com as professoras, do espaço...”.
	M.L:” De conversar”
	I.M:” De usar materiais também”.
	L:” ...se fossem outros professores também gostava”.” É só porque aprendo a desenhar e essas coisas”. “Ganhamos mais criatividade”.
	M.L:” Podemos ver Power Point”.
	C.M:” Gosto de ir para as aulas de EV e ET, porque a todos os dias que passam, vamos aprendendo coisas novas e é bom ter essas aulas. Sinto-me bem com essas aulas”.
	I.M:” Eu gosto das aulas”.
	I.M:” De usar materiais também”.

Tabela 6 – 6.ªA

CATEGORIAS	DIÁLOGO DOS ALUNOS ASSOCIADO ÀS PALAVRAS-CHAVE
Reconhecimento da importância das disciplinas por parte dos alunos	L: " Porque de certa forma é uma aula mais livre, não temos de copiar nada, é mais de imaginação e criatividade, ou seja, dá para termos outro tipo de aprendizagens".
	S: " Sim, porque conta por ser uma aula livre e também mais coletiva".
	F: " Que com as aulas de EV e ET conseguimos competências que serão necessárias".
Reconhecimento da expressão/ criatividade/ liberdade dentro das disciplinas por parte dos alunos	T: " Ah... Com o desenho, com arte, tintas".
	F: " Esculturas".
	L: " Eu expresso-me muito ao falar, mas muito mal também". "Eu falo muito, e eu não me sei expressar..."
	A: " Sim, porque de alguma maneira nós temos de pensar como fazer o trabalho, pensar que tipo de trabalho que é"
	J: " Sim porque as aulas de EV e ET, são mais criativas e temos mais liberdade em sermos nós próprios, pois como as aulas são mais expressivas, com a arte".
	L: " Nós temos de ter criatividade para vermos qual é a forma que vai funcionar melhor, o que é que precisamos para aquele trabalho e sentimos mais livres de explorar outros materiais diferentes, temos liberdade de conseguir mostrar o que nós somos, porque a arte não tem algo correto, a arte, podemos fazer o que nós quisermos, tudo vai estar de certa forma correto, não temos de nos guiar por padrões que estão no plano".
	L: " Eu acho que diretamente não expresso muito, mas não porque não tenho oportunidade..."
Reconhecimento por parte dos alunos sobre a contribuição para a educação dentro destas disciplinas	L: " Sim e eu gosto de sentir essa liberdade para escolher o que quero fazer".
	F: " Eu acho que sim".
	T: " Eu acho que sim porque, nós lá temos uma aula quase livre, onde nós podemos falar muito, mas também não devemos exagerar, então a darem-nos certa/um bocado de liberdade, nós aprendemos a não passar dos limites. É acho que é mais fácil do que estar sempre o professor a mandar calar".
	L: " . Aprendemos a trabalhar em grupo e a utilizar novos materiais. Ou seja, eu se calhar, se fosse EV e ET, nunca utilizaríamos materiais e assim aprendemos a utilizá-los. Auxilia a nossa educação de uma forma diferente, na educação escolar, de materiais, tal como outros métodos. Ou seja, nós em matemática, em ciências, trabalhamos a maior parte das vezes, individualmente enquanto em EV e ET fazemos muitos trabalhos em grupo".
	L: " Sim. Claro. Podemos ter as mesmas ideias. Normalmente como estamos dentro do nosso grupo de amigos, temos o mesmo tipo de ideias, e desenvolver um trabalho com o nosso grupo de amigos, a gente acaba por notar ideias parecidas!
Reconhecimento das diferenças nas disciplinas por parte dos alunos	T: " É diferente. Como eu disse há bocado, estas disciplinas, comparativamente às outras dão mais liberdade, podemos expressarmo-nos de maneiras diferentes".
	J: " Sim, porque nas outras disciplinas nós estamos a entrar e já nos estão a mandar calar, e na EV e ET, se calhar estamos mais à vontade, não nos mandam logo calar, dizem falem baixo".
	F: " Quando nós entramos nas salas de outras disciplinas, sentimos um ambiente um pouco mais pesado, sabemos que vamos dar matéria, enquanto na sala de ET, entramos e também está toda decorada e tal".
	L: " Quando entramos numa sala de EV e/ou ET, a maior parte das vezes, temos nas paredes trabalhos já feitos, por outros colegas, ou seja, inspira-nos a criar..."
	L: " As aulas de ET não são normais". "Porque não estamos sentados numa cadeira a ouvir o que o professor está a dizer. Quer dizer, estamos. Parte da aula sim.... É mais prática que teórica...nós ouvimos aquilo que é para fazer, alguma explicação, mas a maior parte do tempo estamos a fazer prática. Estamos a pôr o trabalho em papel".

Reconhecimento sobre gosto nos trabalhos e exposições por parte dos alunos	L: "...acho que indiretamente e claro que em cada trabalho que eu faça tem um bocadinho de mim, é aquilo que eu penso". Acho que não expressei assim tanto quanto gostaria. Acabo por deixar ser o trabalho a fazê-lo".
	L: "A maior parte das vezes sim".
	L: "Porque sou eu que escolho o que faço". "...consigo ter mais ou menos uma margem de escolha".
	S: "A professora diz o que nós temos de fazer e nós seguimos consoante, muitas vezes o que gostamos. Dá-nos um caminho e nós escolhemos o resto do caminho".
	L: "Isso é muito interessante. Essa escolha. Porque nós no futuro também vamos ter de fazer muitas escolhas e é bom".
	I: "Muitas vezes não sei desenvolver as coisas, porque às vezes na minha cabeça penso numa coisa e fica feito de outra forma".
	L: "Depende".
	Alunos: "Depende do trabalho".
	S: "Depende de quando corre bem e de quando corre mal".
	F: "Fico orgulhoso".
	Alunos: "Fico feliz".
	I: "Quando fica bem fico orgulhosa do trabalho que realizei". "Fui eu que o fiz, evolui, desenvolvi".
	C: "Mas nunca íamos saber se não tentássemos e não acabássemos".
	T: "Quando fica bem, eu fico orgulhoso, penso que consegui alcançar os meus objetivos".
	L: "...não queria que pusessem um trabalho que eu visse que estava mal feito. Acho que antes de exporem, têm de ter um pouco de consentimento e falar connosco".
L: "Aí ficaria feliz, por dar a conhecer aos outros o meu trabalho".	
Alunos: "Também gostava que os meus trabalhos fossem expostos, se fossem bons".	
Reconhecimento sobre a aproximação que os alunos têm com o professor, por parte dos mesmos	I: "É importante porque dá para conhecer melhor a pessoa e devemos começar a gostar mais dela, ou não. Ver se dá para entender melhor a pessoa".
Reconhecimento sobre como alunos se sentem nestas disciplinas, contentes/motivados/confiantes com vontade de trabalhar, por parte dos alunos	L: "Dão-nos confiança".
Reconhecimento do espaço e comunicação envolvente dentro da sala das disciplinas por parte do aluno	T: "Por exemplo, se o professor tiver numa aula como da fig.1 ele, os colegas lá atrás, não vão... o professor não... como é que hei de dizer... não vai poder ajudar muito, porque não se vai estar sempre a mover lá atrás".
	L: "Estamos mais concentrados porque sabemos que a qualquer momento pode passar o professor".
	L: "Eu preferia que o professor estivesse comigo porque, por exemplo, se eu tiver receio da minha ideia, se eu estiver assim a dizer, talvez tenha medo que os meus colegas ouçam, o que possam achar, e também estando mais próximo, eu consigo me aperceber melhor e consigo mostrar melhor aquilo que eu quero fazer. E até porque o professor tem muito mais experiência que os alunos e consegue nos ajudar a desenvolver o nosso trabalho".
	L: "...porque eu quando esclareço com o professor ele incentiva-me a fazer aquele trabalho e se ele não olhar, se calhar vou chegar a um ponto que não vou gostar do trabalho e vou acabar por ficar desmotivada".
Reconhecimento do diálogo existente	I: "Por exemplo, nós nas aulas que temos, no início costumamos falar sempre do que falámos da aula anterior, e também do que vamos fazer na aula. Também abordamos assuntos que vamos tratar dessa aula, vamos ter de nos inspirar".

dentro das disciplinas por parte dos alunos	T: "Acho que sim, por exemplo quando nós estamos, ou vamos fazer um trabalho, é sempre bom o professor ajudar-nos a pensar o que nós queremos, então aí dialogar um bocado com ele".
	L: "Por exemplo, numa aula em que o professor está a dar matéria, a explicar a matéria, nós acabamos por não ter tempo para estar a falar com o professor sobre. Aquilo nós ouvimos e se tivermos dúvidas perguntamos, mas não é a mesma coisa, nós falarmos sobre aquele assunto. Eu acho que é um bocado diferente e nas aulas de EV, como ET, como não é propriamente matéria, claro que há um bocadinho de matéria teórica, mas como é mais prática, enquanto estamos a trabalhar, o professor tem tempo para nos esclarecer alguma coisa que se calhar nem achávamos que era uma dúvida e por isso nem a expúnhamos. Mas ao longo do trabalho, temos tempo para perceber isso".
	L: "...Enquanto em EV e ET, durante o tempo em que estamos na prática, temos tempo para um bocado de diálogo".
Reconhecimento da importância para uma boa relação entre o professor aluno, por parte dos alunos	L: "Eu acho que é importante sim, porque se nós não tivermos uma boa relação com o nosso professor, não vamos ter intimidade suficiente para esclarecer dúvidas, para talvez melhorarmos as nossas aprendizagens através de outras formas que, se nós não tivermos intimidade com o professor, nós não vamos ter coragem de falar com o professor".
	F: "É importante".
	L: "Também é preciso respeitar um bocado, ver até onde podemos ir. Só que quanto melhor nos dermos, melhor. Até porque entendemo-nos melhor".
	L: "E até se houver algum problema. Por exemplo, se eu não conhecer o professor e o professor não me conhecer a mim, se eu tiver uma dúvida, se calhar não vai perceber que eu tenho aquela dúvida (...) mas se o professor já tiver um bocadinho de conhecimento acerca de mim, ele vai acabar por me questionar se eu perceber e assim".
	L: "Mas também é importante uma boa relação, mas sabermos que não podemos estar à vontade".
	L: "Se não vou me sentir frustrada".
	F: "Simpatizar"
	F: "Se o stor estiver sempre a gritar connosco, sempre a queixar-se de nós, vai influenciar, porque nós vamos ficar mais...pronto, vamos ficar mais, vamo-nos sentir fracos, intimidados".
	L: "Se, por exemplo, se o professor nos pressionar para um trabalho, o professor pode até achar que de outra forma ficaria melhor e dar sugestões, só que a forma de como dá a sugestão também influencia, não é? Se ele estiver a dizer: Há isso não está bem, tens de fazer assim. Vai nos desmotivar e fazer sentir que o nosso trabalho não está a valer a pena e que não vale a pena continuarmos. Mas se o professor nos disser: Ah, assim está bem e tal, mas e se fizer assim... dá-nos outra...
	F: "Divertido"

Anexo 5 - Guião da Entrevista

Diálogo com os alunos

EV e ET

1. Acham que as disciplinas de EV e ET são importantes? Porquê?
2. As disciplinas de EV e ET contribuem para a vossa educação?
3. Que características diferentes encontram nestas disciplinas?

Trabalhos nas disciplinas

1. Acham que nestas disciplinas vocês se expressam, são criativos, têm mais liberdade em serem vocês mesmos?
2. Gostam de fazer os trabalhos das disciplinas de EV e ET? E no final gostam de ver o resultado? Qual é a sensação?
3. Se fosse realizada uma exposição com os vossos trabalhos, o que achariam? Gostavam?

Espaço de aula

1. Olhando para as imagens seguintes, qual preferem?
(Estas imagens serão projetadas)



2. Acham que o espaço de sala de aula influencia a vossa comunicação e interação com o professor?
3. Acham que o facto de os professores circularem entre vocês ajuda no vosso trabalho, nas vossas questões e interesses?

Relação Professor-aluno

1. Sentem que nas disciplinas de EV e ET há espaço para diálogo entre a turma e o professor?
2. Como acham que é a vossa comunicação/diálogo com o professor nestas disciplinas? Mais ou menos livre?
3. Acham importante o professor e o aluno terem uma boa relação, darem-se bem? Ou não tem interesse?
4. Acham que uma boa relação entre professor e aluno influencia na vossa aprendizagem, nas vossas aulas, nos vossos trabalhos, nas vossas emoções?
5. Sentem que a atitude do professor influencia na vossa postura, no vosso bem-estar, no vosso interesse e na vossa relação com ele?

Última pergunta

1. Vêm contentes para as aulas de EV e ET? Motivados, com vontade de trabalhar? Porquê?

Questionário - Professores

O presente questionário insere-se num estudo de investigação realizado no âmbito do curso de Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu. Através do mesmo pretende-se averiguar a "EV e ET como potenciadoras da relação professor - aluno" tendo como objetivos compreender a sua importância para o desenvolvimento e crescimento do aluno.

Assegura-se a confidencialidade e anonimato das respostas a este questionário que apenas será objeto de análise no âmbito desta investigação.

O seu contributo é essencial para a concretização deste estudo, pelo que desde já agradecemos a sua colaboração.

*Obrigatório

1. Aceita participar nesta investigação, dando resposta a este questionário?

Marcar apenas uma oval.

- Sim
 Não

Parte I: Caracterização Sociodemográfica

2. 1. Habilitações literárias *

Marcar apenas uma oval.

- Bacharelato
 Licenciatura
 Mestrado
 Douturamento
 Outra: _____

3. 2. G nero *

Marcar apenas uma oval.

Masculino

Feminino

4. 3. Idade *

Marcar apenas uma oval.

23 - 30 anos

31 - 35 anos

36 - 40 anos

46 - 50 anos

51 - 55 anos

56 - 60 anos

+ 60 anos

5. 4. Tempo de Servio / Experiência Profissional: *

6. 5. Grupo de Docência a que pertence: *

7. 6. Níveis de Ensino a que leciona *

Marcar apenas uma oval.

- 1º Ciclo do Ensino Básico
- 2º Ciclo do Ensino Básico
- 3º Ciclo do Ensino Básico
- Ensino Secundário

Parte II - Dados de opinião do professor

8. As disciplinas de EV e ET são potenciadoras na relação professor-aluno? *

9. Uma boa relação entre professor e aluno, dentro de sala de aula é importante para o sucesso educativo? *

10. Acha que, de alguma, forma é importante o diálogo próximo entre o professor e o aluno? Porquê? *

11. Se houver uma boa relação, a postura do aluno será influenciada? Ajudará o aluno? *

12. Sem olharmos à pandemia, acha que as disposições das salas de aula ajudam *
na relação professor-aluno, na aprendizagem e desenvolvimento? Porquê?

13. Quão importante é, em plena hora de aula estar próximo do aluno, circular na *
sala e acompanhá-lo de forma individual?

14. O que pensa ser mais importante nas disciplinas de EV e ET? *

15. Os alunos sentem necessidade destas disciplinas? Gostam destas disciplinas *
e entram motivados para as mesmas? Porquê?

16. Pensa que estas disciplinas são mais libertadoras para os alunos? Porquê? *

17. A metodologia projetual proporciona ao aluno uma aprendizagem diferente? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

Anexo 7 - Autorizações

Formulário de Consentimento Informado

Eu _____ declaro que fui informado(a) do objetivo e metodologia da pesquisa relacionada com o Relatório Final de Estágio cujo objetivo do tema é a “A EV e ET como potenciadora da relação professor - aluno” da mestranda Anabela Dos Santos Silva que frequenta o curso de Mestrado de Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico na Escola Superior de Educação de Viseu.

Estou consciente de que em nenhum momento serei exposto(a) a riscos em virtude da minha participação nesta pesquisa e que poderei em qualquer momento recusar continuar sem nenhum prejuízo para a minha pessoa. Sei também que os dados do inquérito serão usados somente para fins de investigação. Aquando do tratamento dos dados, estes serão codificados mantendo assim a confidencialidade. Os resultados do estudo serão por mim consultados sempre que solicitar.

Fui informado(a) de que não terei nenhum encargo monetário nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação nesta pesquisa

Depois do anteriormente referido, concordo, voluntariamente, em participar no referido estudo e autorizo a utilização dos dados.

Ex.mo Sr. Encarregado de Educação,

Venho por este meio pedir a V. Ex.^a que se digne autorizar a aplicação de gravação de voz de seu educando, o qual pretende caracterizar uma entrevista em grupo (turma) para posterior transcrição.

A entrevista é constituída por perguntas relacionadas com a questão foco do trabalho de investigação, intitulado, “A EV e ET como potenciadores na relação professor – aluno”.

A partir da aplicação da referida entrevista, pretende-se recolher a opinião dos alunos em conjunto, num diálogo em sala de aula, de forma a perceber como a metodologia projetual e o espaço de aula podem influenciar a relação professor – aluno, como as disciplinas mencionadas são importantes no progresso da autoestima, confiança, criatividade e capacidade de expressão.

A participação nesta entrevista é, naturalmente, voluntária e anónima, não sendo, portanto, solicitada, em local nenhum, a gravação ou indicação do nome. Para além disso, todas as respostas são estritamente confidenciais: ninguém terá acesso a elas, excetuando a investigadora e orientadora responsáveis. Após os dados transcritos e dados obtidos a gravação será eliminada.

A razão pela qual é pedida a gravação da voz do seu educando é a possível captura, sem esquecimentos ou falhas de toda a informação que possa ser partilhada pelo mesmo. De igual forma, tratando-se de uma aula mais informal, o aluno possa se sentir confortável em dialogar sem a preocupação da escrita. Seguidamente serão distribuídas folhas com questões abertas para que possam acrescentar mais informação, ideias, opiniões caso assim o entendam.

Comprometemo-nos desde já a aplicar as entrevistas apenas depois de obter autorização, e, caso entenda necessário, prestando os esclarecimentos que pretender. Agradecemos a sua disponibilidade e aguardamos uma indicação sobre o assunto com a brevidade que lhe for possível.

Com os melhores cumprimentos,

(Por favor, preencher e devolver)

Sim, autorizo a participação do meu educando _____

Não autorizo a participação do meu educando _____

Assinatura do Encarregado de Educação

Exmo. Senhor Diretor

Assunto: Pedido de autorização para aplicação de questionário aos docentes e diálogo dos alunos das turmas 5ºA, B e 6ºA, com gravação de voz.

Anabela Dos Santos Silva, aluna do Mestrado de Ensino em Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico da Escola Superior de Educação, integrada no Instituto Politécnico de Viseu, encontra-se neste momento a realizar um trabalho de investigação acerca da “EV e ET como potenciadoras da relação professor – aluno”. Como tal, vem por este meio requerer a V. Ex.^a autorização para aplicar um questionário aos professores, da escola EB 2,3 de Mundão que V. Ex.^a dirige.

Mais se informa que será solicitado um consentimento para a participação dos alunos aos respetivos encarregados de educação e foi feito o pedido à Direção Geral de Ensino (Inquérito n.º 0801400001), tendo sido aprovado a 11 de março de 2022.

Agradeço desde já a atenção e disponibilidade dispensadas.

Pede deferimento,

Exmo. Diretor

Anabela Silva

_____, ____ de maio de 2022

Viseu, 03 de maio de 2022